



UDESC

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A FORMAÇÃO DE LEITORES DOS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES
VISUAIS**

ELIANE DO PRADO

FLORIANÓPOLIS, 2018

ANO

2018

ELIANE DO PRADO | A FORMAÇÃO DE LEITORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES VISUAIS

ELIANE DO PRADO

**A FORMAÇÃO DE LEITORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES VISUAIS**

Texto para exame de qualificação (UDESC), como requisito apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais Ensino e Formação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

FLORIANÓPOLIS/SC

2018

PRADO, ELIANE DO
A FORMAÇÃO DE LEITORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES VISUAIS /
ELIANE DO PRADO. -- Florianópolis , 2018.
153 p.

Orientador: MARIA CRISTINA DA ROSA FONSECA DA
SILVA
Dissertação (Mestrado) -- Universidade do Estado de
Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Florianópolis, 2018.

1. Formação de Leitores. 2. Alfabetização e Arte.
3. Pedagogia Histórico-crítica. 4. Políticas Públicas.
5. Municipalização. I. CRISTINA DA ROSA FONSECA DA
SILVA, MARIA. II. Universidade do Estado de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação. III. Título.

ELIANE DO PRADO

**A FORMAÇÃO DE LEITORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES VISUAIS**

Texto para Defesa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, como requisito para a obtenção do Título Mestre em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Banca Examinadora:

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Membros:

Prof.^a. Dr.^a Consuelo Alcioni Borba Duarte Schlichta
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Prof.^a Dr.^a Regina Finck Shambeck
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Membro: Prof.^a. Dr.^a Gerda Margit Schutz Foerste
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Suplente:

Prof. Dr. Lourival José Martins Filho
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Florianópolis, 25 de Julho de 2018

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Formação dos professores da rede municipal de Lebon Régis – SC.	27
FIGURA 2 – Quadro de professores da rede Municipal de Lebon Régis – SC.....	29
FIGURA 3 – O João também faz arte.....	73
FIGURA 4 – Aula inicial com o grupo LEITURARTE.....	76
FIGURA 5 - Peças confeccionadas pelos estudantes.....	77
FIGURA 6 – Poesia intitulada “O voo do João-de-barro.....	78
FIGURA 7 – Atividade realizada coletivamente pelo LEITURARTE.....	79
FIGURA 8 – Visita à dona Orestina.....	81
FIGURA 9 – Modelagem Livre para produção oral de estória.....	82
FIGURA 10 – Atividades de leitura e escrita.....	82
FIGURA 11 – Confeção de apitos e piões de argila e atividades com jornal.....	83
FIGURA 12 – Queima coletiva das peças.....	84
FIGURAS 13 e 14 – Visita à bioconstrução.....	85
FIGURAS 15 E 16 – Olhares curiosos nas atividades do grupo LEITURARTE.....	86
FIGURAS 17 e 18 – Poesia em caracol.....	87
FIGURAS 19 e 20 – Tipos de moradia.....	89
FIGURAS 21 e 22 – O voo do João-de-barro.....	91
FIGURA 23 – O tombo.....	93
FIGURA 24 – Poemando.....	94
FIGURAS 25 e 26 – Hélio Oiticica e o uso do dicionário.....	95
FIGURA 27 – Que palavra tem a palavra?.....	96
FIGURA 28 – O livro poesia concreta em exposição.....	97
FIGURAS 29, 30, 31 e 32 – Visita à casa de Terra.....	97
FIGURA 33 – Cerimônia de abertura da Feira do Conhecimento.....	98
FIGURA 34 – Formação atual de professores da Rede Municipal de Educação..	102

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Dados INEP sobre censo escolar Município de Lebon Régis (2001)..	25
TABELA 2 – Dados INEP sobre censo escolar Município de Lebon Régis (2002).	25
TABELA 3 – Histórico da Formação docente.....	27
TABELA 4 – Dados Gerais.....	28
TABELA 5 – Comparativo matrícula/reprovação 2015-2016.....	31
TABELA 6 – . Frequência PENOA.....	33
TABELA 7 – . Nomes fictícios dos componentes do Grupo LEITURARTE.....	69
TABELA 8 – . Cronograma de Atividades.....	75

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	O FENÔMENO DA MUNICIPALIZAÇÃO NA EEB FREI CANECA.....	23
3	ALFABETIZAÇÃO E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: ENTRELAÇAMENTO COM AS ARTES VISUAIS.....	39
3.1	CONCEITO DE ARTES VISUAIS SEGUNDO A PEDAGOGIA HISTÓRICO - CRÍTICA.....	43
3.2	A APROPRIAÇÃO DA LEITURA.....	46
3.3	A POESIA CONCRETA NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA.....	57
4	GRUPO LEITURARTE: RELATANDO AS OFICINAS DE LEITURA A PARTIR DAS ARTES VISUAIS.....	63
4.1	INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	64
4.2	SUJEITOS DA PESQUISA.....	67
4.3	PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	72
4.3.1	A inspiração para o planejamento do projeto-piloto e as oficinas.....	73
4.3.2	As produções do grupo Leiturarte.....	74
4.3.3	Relatos dos participantes do grupo Leiturarte.....	86
4.3.4	Visita à casa de “terra”	97
4.3.5	Feira do Conhecimento da EEB Frei Caneca.....	98
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
	REFERÊNCIAS.....	105
	APÊNDICE A – BILHETE PARA PARTICIPAÇÃO DO PROJETO.....	111
	APÊNDICE B – BILHETE PARA VISITA À CASA ECOLÓGICA.....	112
	APÊNDICE C – ATIVIDADES DO GRUPO LEITURARTE EM 2017.....	113
	APÊNDICE D – ATIVIDADES DO GRUPO LEITURARTE EM 2018.....	114
	APÊNDICE E – DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES.....	130
	ANEXO A – LEI Nº 897, DE 16 DE SETEMBRO DE 1997.....	142
	ANEXO B – DECRETO 1259, DE 10 DE MAIO DE 2005.....	143
	ANEXO C – OFÍCIO 304 DE 2015.....	144
	ANEXO D – TOTAL DE ALUNOS DO ANO LETIVO DE 2015.....	145
	ANEXO E – TOTAL DE ALUNOS DO ANO LETIVO DE 2016.....	146
	ANEXO F – PORCENTAGEM DE REPROVAÇÃO 2015.....	147
	ANEXO G – PORCENTAGEM DE REPROVAÇÃO NO ANO DE 2016....	148
	ANEXO H – RELAÇÃO DE ALUNOS DO PENOA NO ANO DE 2015.....	149
	ANEXO I - RELAÇÃO DE ALUNOS DO PENOA NO ANO DE 2016.....	150
	ANEXO J – ALUNOS MATRICULADOS NO AEE/2015.....	151
	ANEXO K – ALUNOS MATRICULADOS NO AEE/2016.....	152

RESUMO

Pela necessidade de compreensão dos resultados avaliativos no IDEB do município de Lebon Régis e as dificuldades enfrentadas na Educação tanto da rede Municipal, quanto da Rede Estadual em relação a alfabetização e conseqüentemente na leitura com os alunos do Fundamental II é que a pesquisa aqui apresentada se fez necessária. Com o intuito de encontrar essas respostas os capítulos I e II trazem estudos e dados sobre a municipalização e estadualização do ensino, como foram realizados e as conseqüências na educação, em especial na EEB Frei Caneca/SC. O capítulo III aborda a alfabetização sob o enfoque da Pedagogia Histórico-crítica e os entrelaçamentos com as Artes visuais refletindo sobre os motivos da crise na Educação e as mazelas que as envolve. No capítulo IV são relatadas estratégias de trabalho desenvolvidas com um grupo de adolescentes com problemas de leitura. O Grupo denominado pelos estudantes de Leiturarte trabalha a leitura dos códigos escritos pela revisão da alfabetização e a leitura de mundo a partir da contribuição da Arte. Essa pesquisa é uma pesquisa qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados o diário de bordo da professora que registra além das estratégias didáticas as falas dos estudantes. Fundamenta-se igualmente nos estudos realizados pela Pedagogia Histórico-crítica como forma de compreensão das estratégias de distribuição dos conhecimentos Sócio-históricos no contexto da alfabetização. Os resultados alcançados foram satisfatórios no sentido de que se comprovou que a escola em momento algum pode assumir uma crise que envolve um sistema o qual ela é parte dependente de suportes como políticas públicas para auxiliá-la. Também foi constatado que apesar do avanço significativo na formação acadêmica do quadro de professores os problemas de aprendizagem permanecem praticamente os mesmos, o que causa o questionamento sobre a qualidade dos cursos de formação, principalmente sobre as metodologias de ensino e a mediação professor, conteúdo e aluno. As medidas sugeridas variam desde um aprofundamento sobre as tendências pedagógicas visando deixar os modismos para focar na formação do aluno para que este se torne um ser pensante e consciente na busca do direito de aquisição do conhecimento iniciado pela formação de leitores enquanto base para a transformação social.

Palavras-chave: Formação de leitores; Alfabetização e Arte; Pedagogia Histórico-crítica; Políticas Públicas; Municipalização.

ABSTRACT

Due to the need to understand the evaluation results in the IDEB of the municipality of Lebon Régis and the difficulties faced in the Education both in the Municipal network and in the State Network in relation to literacy and consequently in reading with the students of Fundamental II, made it necessary. In order to find these answers, chapters I and II present studies and data on the municipalization and staging of education, how they were carried out, and the consequences in education, especially in BSE Frei Caneca / SC. Chapter III addresses literacy under the approach of Historical-Critical Pedagogy and the intertwining with the Visual Arts reflecting on the motives of the crisis in education and the ills that surround them. Chapter IV reports work strategies developed with a group of adolescents with reading problems. The group called by students of Leiturarte works the reading of the codes written by the revision of the literacy and the reading of the world from the contribution of the Art. This research is a qualitative research, having as instrument of data collection the teacher's logbook that registers in addition to the didactic strategies the students' speeches. It is also based on studies carried out by Historical-Critical Pedagogy as a way of understanding the strategies of distribution of Socio-historical knowledge in the context of literacy. The results have been satisfactory in the sense that it has been proven that the school can not at any time assume a crisis that involves a system which is part dependent of supports such as public policies to assist it. It has also been found that despite the significant progress in the academic training of teachers, the learning problems remain practically the same, which causes the questioning about the quality of the training courses, mainly on teaching methodologies and teacher, content and mediation. student. The suggested measures vary from a deepening on the pedagogical tendencies aiming to leave the idioms to focus on the formation of the student so that this one becomes a thinking and conscious being in the search of the right of acquisition of the knowledge initiated by the formation of readers as base for the social transformation .

Keywords: Training of readers; Literacy and Art; Historical-critical pedagogy; Public policies; Municipalization.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu da necessidade de estudos mais aprofundados sobre a problemática vivenciada na EEB Frei Caneca, escola de Educação Básica, na qual sou efetiva há 13 anos como ATP- Assistente Técnico Pedagógico. A pesquisa surge da necessidade de investigar possibilidades de reconhecer, analisar e propor ações pedagógicas que possam minimizar as dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita de um grupo de estudantes.

A coleta de dados desenvolvida na escola Frei Caneca, no meu percurso de mestrado tem como tema central analisar e sistematizar “Como as Artes Visuais podem contribuir para a formação de leitores que apresentam dificuldades de alfabetização? ” Esta é uma realidade presente no cotidiano da escola em que trabalho no município de Lebon Régis/SC.

O município de Lebon Régis possui aproximadamente 12 300 habitantes, localiza-se no Meio-Oeste de Santa Catarina, cidade Coração do Contestado¹, sua economia é baseada na agricultura, por isso possui características rurais, onde saberes são passados de geração a geração, de pai para filho. A grande maioria dos estudantes se tornam trabalhadores rurais juntamente com suas famílias aprendendo de tudo relacionado ao trabalho em suas atividades.

No ano de 2017 teve 748 estudantes matriculados. Destes, 420 de Anos Finais dos quais 25 com dificuldades na leitura e escrita. Desse grupo de 25 estudantes, 08 sem leitura dos códigos escritos².

Esses estudantes, entre 10 e 14 anos não alcançaram o domínio da leitura, escrita e interpretação na idade comum às demais crianças. Uma das hipóteses levantadas é de que tal situação pode ser consequência da municipalização do ensino fundamental II que enfrentou dificuldades desde sua primeira implantação, no ano de 2002, anterior à Lei de municipalização, promulgada pela Assembleia

¹A Lei Nº 17.466 de 10-jan-18 reconheceu o Município de Lebon Régis como a Cidade Coração do Contestado.

²Fonte: Secretaria da escola através do Projeto Mais Educação.

Legislativa de Santa Catarina, em 2009, motivo este que será averiguado no decorrer desta pesquisa.

No ano de 1998, quando ainda cursava Magistério, iniciei minha carreira como professora de Séries Iniciais na Rede Municipal de Ensino. Na época a formação máxima exigida para ministrar aulas era o Curso de Magistério, oferecido pela Rede Estadual de Ensino na escola que sou efetiva atualmente. Na época, os concursos públicos municipais para efetivação de professores eram raros. Muitos dos professores efetivos daquela época eram efetivos na Rede Estadual e foram cedidos para a rede municipal. Da turma de 14 estudantes do 4º ano do curso de Magistério, 12 eram contratadas da Rede Municipal, algumas há anos já ministravam aulas nas escolas multisseriadas das localidades do interior do município.

Eram comuns as turmas de 1ª série, alfabetização, serem trabalhadas por professores iniciantes, meu caso inclusive, pois assim que tinham oportunidade, os professores das escolas maiores, com mais tempo de serviço, escolhiam as demais turmas.

Permaneci na Rede Municipal de 1998 a 2003, quando tirei licença sem vencimento (durante esse tempo já havia me efetivado) para trabalhar como professora ACT (Admitida em Caráter Temporário) na Rede Estadual em busca de aumento salarial e melhores condições de trabalho, pois apesar de não ser o ideal, na Rede Estadual ainda eram melhores, visto que a Rede Municipal não oferecia Plano de Carreira, nem incentivo à formação.

Durante o tempo de serviço na Rede Municipal trabalhei em três escolas diferentes, mas com características parecidas: as salas de aula em sua maioria eram superlotadas, cheguei a trabalhar com 32 alunos de alfabetização numa sala projetada para no máximo 25, também com uma 3ª série numerosa em um centro comunitário com paredes divididas por tábuas de forro estando do outro lado uma turma de 2ª série. O calor e o barulho eram apenas detalhes diante do longo tempo de espera pelo término da construção de salas de aula que levaram um tempo absurdo para ficarem prontas.

As dificuldades iam desde o espaço físico, mobiliário (algumas crianças sentavam-se em dupla numa só carteira, fazendo de banco caixotes de madeira), até a falta de material como folhas e livros didáticos. Levo em consideração que esta

era uma escola nova, mas que foi inaugurada com problemas de superlotação, refletindo na qualidade do ensino.

Em 2002, a Rede Municipal de Educação de Lebon Régis mesmo não possuindo profissionais habilitados para trabalhar as disciplinas específicas, optou por implantar gradativamente (uma série por ano) os Anos Finais, denominadas séries: 5^a à 8^a, na época. Nesse modelo as disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa, Geografia, História, Arte, Ensino Religioso, Educação Física, Ciências e Inglês, eram ministradas por pedagogos, inclusive cheguei a ministrar aulas de inglês na 5^a série.

Sendo assim, durante anos, a maioria das disciplinas específicas foram trabalhadas por uma quantidade significativa de pedagogos do quadro efetivo da Rede Municipal. A justificativa para essa situação por parte dos administradores da época era o número, segundo eles, exorbitante de pedagogos efetivos. Nesse sentido, se estavam “ociosos”, tinham que achar trabalho para a demanda.

A Educação Infantil, obrigatoriedade da esfera municipal, assim como os Anos Iniciais do Ensino Fundamental ficaram sob responsabilidade de poucos pedagogos que restaram. Boa parte dos professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais dessa época (2002 – 2009), possuía apenas o curso de Magistério ou ainda as turmas, principalmente da Educação Infantil, eram regidas por estagiários/as, alunos do Ensino Médio, nem sempre do curso de Magistério. Deste modo, de meados de 2002 até 2015 se arrastou essa situação da falta de professores habilitados, com ênfase para os Anos Finais do Ensino Fundamental.

Com a municipalização do Ensino Fundamental, após a Lei Estadual de 2009, em Lebon Régis, os Anos Iniciais foram sendo municipalizados gradativamente com início no ano de 2012. Resumindo: 1) responsabilização voluntária da Rede Municipal, em 2002, das séries finais, mesmo sem condições; 2) Municipalização gradativa desde os anos iniciais, em 2009; 3) Devolução dos Anos Finais à Rede Estadual em 2016.

Sabendo das condições precárias oferecidas pela Rede Municipal de Educação, o professor e vereador Maurício Passos Pinheiro, deu início, juntamente com os demais vereadores, professores, pais e alunos pela iniciativa de estadualização dos Anos Finais. Indagado sobre os principais motivos da municipalização ser retroagida em nosso município o mesmo explica.

Tal iniciativa foi imposta pelo Poder Legislativo (Câmara de Vereadores) quando debateu e promoveu mudanças (através de diversas emendas) no Plano Municipal de Educação (PME). Verificou-se também o descumprimento do Poder Executivo referente às legislações vigentes, em especial o não cumprimento do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC DA EDUCAÇÃO MUNICIPAL - 02/2014), assinado pelo Ministério Público de SC com o Prefeito/Secretário de Educação, onde a Administração municipal se comprometeu em sanar 19 irregularidades na gestão da Educação Municipal. Motivações: As péssimas avaliações da qualidade de ensino nas instituições municipais, em especial nos Anos Finais do Ensino Fundamental (sexto ao nono ano), IDEBs de 2013 e 2015. A falta de estrutura física das escolas, a falta de salas de aula e superlotação, a falta de professores habilitados nas disciplinas específicas para lecionarem nos Anos Finais do Ensino Fundamental (PINHEIRO, 2017).

Segundo Pinheiro (2017), a Rede Municipal se responsabilizando pela Educação Infantil e os Anos Iniciais com seriedade, ajuda na qualidade do ensino dos Anos Finais, que em sua opinião deveria continuar sob a administração da Rede Estadual.

A Rede Municipal não possuía e não possui condições de ofertar Educação de qualidade para as nossas crianças e adolescentes. Motivos: a Lei da Responsabilidade Fiscal, onde limita no máximo de 54% o gasto com pessoal (folha). O FUNDEB, que obriga os municípios a investirem no mínimo de 60% para pagamento de professores atuando diretamente com os alunos. Não possui condições físicas, para abrigar toda a demanda. A Rede Municipal não tem em seu quadro de professores, profissionais habilitados nas disciplinas específicas dos Anos Finais do Ensino Fundamental (PINHEIRO, 2017).

Com os dados acima expostos, pretendo contextualizar a problemática na tentativa de compreendê-la considerando ainda possibilidades e direcionamentos que ampliem as possibilidades de qualificação dos processos de alfabetização, visto que têm sido observados inúmeros casos de alunos com apenas rudimentos da escrita e da leitura, ou seja, sem capacidade de leitura e escrita correta na demanda recebida pela Rede Estadual. O fato citado não é em momento algum desmerecer essa ou aquela rede de ensino, pois problemas são encontrados em ambas, mas sim, contextualizar a problemática em questão na tentativa de compreendê-la para propor melhoras.

Com a devolução dos Anos Finais das escolas urbanas da Rede Municipal para as escolas estaduais, 319³ alunos recebidos, o ano de 2016 foi o ano de maiores problemas enfrentados pela Escola de Educação Básica Frei Caneca, tanto em aprendizagem como em comportamento dessa nova demanda. Como quase dobrou o número de alunos de Anos Finais, as dificuldades também aumentaram e os casos, antes esporádicos de alunos com dificuldades de alfabetização, foram ampliados, refletindo em alto número de reprovação nos sextos e sétimos anos, reforçando que há casos de problemas de alfabetização até o nono ano.

A descrição acima pontuada pretendeu apresentar os argumentos que justificam a necessidade de estudar tal situação em dois aspectos: primeiro construir um quadro que apresente o processo de municipalização da educação do município e no segundo aspectos sistematizar dados a partir de uma experiência de oficina, cujo objetivo foi trabalhar o potencial desses estudantes para a formação de leitores, assim como para a melhoria na aprendizagem. Este fato motivou o desenvolvimento deste trabalho, pois como cidadã lebonregense, professora há 19 anos, me sinto no dever de pesquisar, buscar e propor possíveis alternativas para uma educação de qualidade, motivada por meus compromissos político-pedagógicos, não visando apenas números estatísticos representados nas avaliações de larga escala⁴, mas para a formação de sujeitos conscientes de seus plenos direitos, iniciando pelo direito de aprender a ler e escrever.

Cabe esclarecer que o sistema político em que vivemos na maioria das vezes culpabiliza o professor, dificulta seu trabalho com poucas condições de formação continuada, escassez de recursos para estrutura física e pedagógica das escolas, deste modo embora o compromisso profissional do professor seja perseguido individualmente as mudanças estruturais são possíveis somente com uma ação política coletiva.

³Fonte: Secretaria da EEB Frei Caneca

⁴Instrumento avaliativo (aplicação de provas) do Poder Público utilizado para medir de maneira generalizada a aprendizagem e avaliar a forma de repasse dos conteúdos por parte dos professores

Falta de políticas públicas em prol da qualidade do ensino, na rede pública, investimento e interesse dos governantes em prol da Educação, há terceirização dos filhos pelas famílias, elas estão transferindo a sua responsabilidade de educar para as escolas. Falta qualificação e valorização dos docentes, o Sistema. A principal função da escola nos dias atuais é formar um bom cidadão para a sociedade, deixando o conhecimento para o segundo plano (PINHEIRO, 2017).

Diante das dificuldades enfrentadas na área da Educação, mais precisamente nos anos finais do Ensino Fundamental, sexto ao nono ano, frequentemente muitas perguntas se formulam na tentativa de buscar alternativas para os problemas vivenciados. Por isso essa pesquisa foi o meio encontrado para aprofundar os estudos sobre a temática abordada, as dificuldades de ensino aprendizagem na leitura dos estudantes citados por meio da reflexão sobre a ação do trabalho a ser desenvolvido.

Enquanto Assistente Técnico Pedagógico não me diferencio dos professores, visto que também convivo em sala de aula e partilho das angústias dos meus colegas, tendo consciência da necessidade da minha formação para contribuir com o coletivo, no sentido de que considero fator relevante, a busca de qualificação diante do número quase insignificante de professores mestres que temos em nosso município, apenas três, que trabalham em Universidades da região.

Fazendo uma análise comparativa, entre os dados citados e o que vivencio com estudantes de sexto ao nono ano, identifico que há inteligência e capacidade de aprendizagem, além de não apresentarem laudo que acuse algum atraso intelectual que poderiam contribuir para o “baixo rendimento escolar”.

Sendo assim, o que os impediu de aprender o básico da vida escolar que é ler e escrever? Seria a metodologia inadequada para ensiná-los? A desmotivação para aprender? A visão de que os estudos são desnecessários para a vida no campo? Ou ainda, sua cultura e seus saberes que não estão sendo levados em consideração?

A desmotivação, a falta de compromisso e de expectativas por parte de estudantes e professores é grande, sendo uma realidade que segue há anos motivada pelas más condições de trabalho e as seguintes políticas de reconversão docente, essa desqualificação da escola é necessária para o desenvolvimento do capitalismo (EVANGELISTA, 2014).

Acreditando em possibilidades de resistência que pudessem ampliar as possibilidades de aprendizagem de estudantes com dificuldades de alfabetização propus a realização de uma oficina.

Baseada na experiência de realizar trabalhos pedagógicos com algumas turmas, eu percebi o empenho e satisfação em fazerem atividades diversificadas, principalmente em relação à leitura e produção textual. Deste modo, com base nos estudos realizados na especialização em Arte no Campo/UDESC, onde vivenciei inúmeras atividades artísticas pedagógicas inovadoras, aproveitei para observar e refletir sobre os motivos desse interesse, que segundo outros professores, geralmente não acontecia em suas aulas, elaborando então a oficina.

Durante a oficina, o uso de materiais da natureza como taquara, folhas de plantas diversas e argila, foram alternativas, pois, mesmo a EEB Frei Caneca não sendo uma escola do campo, faz parte de um município de grande área rural que recebe estudantes de sete assentamentos, além de filhos de trabalhadores volantes.

A oficina foi desenvolvida com um grupo de oito estudantes, no contraturno, com encontros uma vez por semana com duração de quatro horas. Nela foram trabalhadas a leitura, a escrita, a oralidade, e a produção textual individual e coletiva com diversas estratégias como entrevista, passeio, exercícios de fixação entre outras, como estão descritas minuciosamente no capítulo quatro.

O que atribuo à dificuldade de alfabetização/leitura é a incapacidade de decodificar palavras com mais de duas sílabas ou ainda com sílabas complexas. No grupo percebe-se que os educandos identificam o alfabeto, no entanto a leitura é totalmente silabada, o que dificulta a compreensão até mesmo de frases, assim como a produção textual.

Tal proposta abrangeu em específico os educandos dos anos finais do Ensino Fundamental da EEB Frei Caneca por ser a escola onde trabalho e por ter o maior número de turmas dos anos finais com considerável quantidade de estudantes detectados com as dificuldades descritas.

Deste modo, esta pesquisa buscou sistematizar a arte em seus aspectos Sócio-históricos, naquilo que pode ser sua contribuição para compreender os problemas da sociedade atual, construindo estratégias pedagógicas que a qualifiquem.

A arte é, pois, uma das formas pelas quais o mundo, a realidade, revela-se ao homem. Esta realidade, em princípio, encontra-se em constante processo de mudança; daí a necessidade de que variem os meios de expressão. (VÁSQUEZ. 1978, p. 41).

Sendo assim, propor estratégias para a formação de leitores dos Anos Finais do Ensino Fundamental buscando subsídios nas Artes Visuais foi a maneira encontrada para contribuir com a Educação, na seguinte ordem: o capítulo dois trata do fenômeno da municipalização na EEB Frei Caneca, a perda gradativa dos Anos Iniciais, as dificuldades encontradas para receber a demanda no retorno dos Anos Finais, o trabalho realizado para adaptação desses estudantes à nova escola.

O capítulo três tratará da Alfabetização e a Pedagogia Histórico-Crítica e os entrelaçamentos com as Artes Visuais, oportunizando uma reflexão sobre a prática docente e as possibilidades que as Artes Visuais oferecem ao professor alfabetizador/formador de leitores.

No capítulo quatro, encontram-se o relato da oficina de leitura realizada com o grupo Leiturarte (nome dado pelo grupo), as atividades realizadas, a metodologia utilizada, ou seja, a parte prática da pesquisa.

2 O FENÔMENO DA MUNICIPALIZAÇÃO NA EEB FREI CANECA

Ao estudarmos a História da educação, percebemos que a Municipalização do Ensino, por mais que não apresentada com essa nomenclatura, é tema desde a época imperial visando o repasse da responsabilidade da União para os municípios.

Deixado ao encargo das províncias, o ensino primário era pouco difundido, entre outras, pelas seguintes razões: os orçamentos provinciais eram escassos; os escravos eram proibidos de frequentar a escola; o curso primário nem era exigido para o ingresso no secundário (PILETTI, 2010, p.147).

Segundo o autor citado, é histórica a preocupação governamental com a formação educacional da elite dirigente, concentrando desde aquela época investimentos no ensino secundário e superior, o que não difere ao longo do tempo, sendo criado um sistema público de ensino na esfera municipal apenas com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que ampliou a autonomia dos Estados e também dos Municípios, promovendo-os à entes federados, mesmo existindo o Ministério da Educação e as Secretarias de Estado da Educação desde a década de 30 (ARAÚJO 2009, p.4).

É a partir da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 9.394/96 que a responsabilidade do ensino é dividida entre as esferas Federal, Estadual e Municipal da seguinte forma: Municípios ficam responsáveis pela Educação Infantil e o Ensino Fundamental, os Estados pelo Ensino Fundamental e Médio e o Ensino Superior fica na responsabilidade da União.

Deste modo, a LDB não torna obrigatória a municipalização do Ensino Fundamental seja Fundamental I (1º ao 5º ano) ou Fundamental II (6º ao 9º ano), mas orienta para que haja regime de colaboração para um processo de descentralização, tendo essa descentralização pontos positivos e negativos.

A decisão sobre qual desses níveis governamentais se encontra mais apto a assumir determinadas atribuições deveria levar em consideração, portanto, diferentes variáveis (administrativas, culturais, demográficas, etc.) que os habilitariam ou não a assumir determinados serviços públicos (SOUZA; FARIA, 2004, p. 7).

De acordo com o poder legislativo, a municipalização do ensino tem como objetivo descentralizar a educação. Na década de 80, a Constituição de 1988 priorizou a universalização do Ensino Fundamental. A municipalização foi ainda mais incentivada em 1996, quando aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB. Essa Lei considerou o município como ente federativo, com autonomia no que se refere à formulação e gestão pública educacional. Com isso, o prefeito municipal de Lebon Régis na época, Carlos Ivan Zanotto, logo tratou de firmar convênios com o Governo do estado, de acordo com a Lei Nº 897, de 16 de setembro de 1997 (ANEXO 01).

Mais um estímulo para este processo foi a implantação do Fundef – o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, criado pela Emenda Constitucional Nº 14, de 1996, com implantação em janeiro de 1998. Esse fundo cria um vínculo entre a descentralização do Ensino Fundamental e a divisão de encargos entre estados e municípios, também a redistribuição dos recursos tendo como base o número de alunos matriculados nas respectivas redes de ensino.

Em pesquisa nos arquivos da Secretaria Municipal de educação, não foi encontrado nenhum documento de implantação dos Anos Finais do Ensino Fundamental com data de 2001 ou 2002. O que encontramos foi um decreto com data de 10 de maio de 2005, (ANEXO 02) especificando as escolas em que foram implantadas as Séries Finais. No entanto, comparando o Censo escolar de 2001 e 2002, percebe-se que em 2001 não há registro de matrículas de 5ª a 8ª série na Rede Municipal de Ensino, apenas da Rede Estadual. Já no ano de 2002 há registro de 194 alunos, o que comprova o início de uma municipalização, iniciado gradativamente pela 5ª série.

TABELA 1 – Dados INEP sobre censo escolar Município de Lebon Régis (2001)

Resultados Finais do Censo Escolar 2001												
Nova Pesquisa												
Santa Catarina												
Número de Alunos Matriculados												
Município	Dependência	Creche	Pré-Escola	Classe de Alfabetização	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental 1ª a 4ª Série	Ensino Fundamental 5ª a 8ª Série	Ensino Médio	Educação Especial Total	Educação Especial Fundamental	EJA(*) (Supletivo) Total	(S Fu
LEBON REGIS	Estadual	0	27	0	1.328	536	792	301	0	0	0	
	Municipal	104	175	0	998	998	0	0	0	0	269	
	Privada	0	15	0	44	44	0	0	64	10	0	
	Total	104	217	0	2.370	1.578	792	301	64	10	269	

(*) EJA=Educação de Jovens e Adultos

Fonte: <http://matricula.educacenso.inep.gov.br/>

TABELA 2 – Dados INEP sobre censo escolar Município de Lebon Régis (2002)

Resultados Finais do Censo Escolar 2002												
Nova Pesquisa												
Santa Catarina												
Número de Alunos Matriculados												
Município	Dependência	Creche	Pré-Escola	Classe de Alfabetização	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental 1ª a 4ª Série	Ensino Fundamental 5ª a 8ª Série	Ensino Médio	Educação Especial Total	Educação Especial Fundamental	EJA(*) (Supletivo) Total	(S Fu
LEBON REGIS	Estadual	0	19	0	1.196	483	713	263	0	0	223	
	Municipal	49	199	0	1.188	994	194	0	0	0	0	
	Privada	0	22	0	48	36	12	0	61	8	0	
	Total	49	240	0	2.432	1.513	919	263	61	8	223	

(*) EJA=Educação de Jovens e Adultos

Fonte: <http://matricula.educacenso.inep.gov.br/>

Sendo assim, transferir, manter ou ainda assumir mais escolas e alunos foi de acordo com o interesse de cada administração municipal calculando custos e valores por estudante. Pode-se dizer que, com a criação do FUNDEF, tornou-se de interesse dos municípios assumir o maior número possível de alunos, mesmo sob a incumbência de arcarem também com os custos do ensino fundamental, visto que a promessa para a adesão dos municípios seria a liberação de recursos, ou seja, o que antes seria prejuízo passa a ser visto como vantagem.

Tornar o Ensino Fundamental responsabilidade das prefeituras e não mais do governo estadual no sentido de ter aumento da participação dos cidadãos na

elaboração, execução e avaliação do processo de ensino-aprendizagem almejando um avanço na qualidade do ensino foram fortes argumentos para a municipalização. Essa descentralização contribuiria para tornar mais ágil e eficaz a gestão de políticas educativas e administração de recursos. No entanto, há que questionar quanto ao avanço na qualidade da educação.

A ampliação dos recursos permitirá atender a um número maior de alunos, porém em condições não muito menos precárias do que as atuais, isto é, com professores em regime de hora-aula; com classes numerosas; e sendo obrigados a ministrar grande número de aulas semanais para compensar os baixos salários que ainda vigoram nos estados e municípios (SAVIANI, 2008, p. 92).

No entanto, apesar de não haver uma obrigatoriedade, as promessas e propagandas sobre os recursos financeiros pelo FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental) com vigência até 2006 e FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação de 2006-2019), tais convênios despertaram a ambição dos prefeitos, no sentido de verem nesse fundo uma “salvação” financeira, principalmente dos pequenos municípios. Como exemplo, temos a 10ª Gerência, a qual pertence o município de Lebon Régis. Dos sete municípios que a compõe, apenas o município de Caçador, o maior e melhor estruturado financeiramente não optou pela municipalização, enquanto os seis restantes, de poucos recursos, aceitaram a oferta sem muitos estudos sobre as consequências de tal compromisso.

Com a municipalização do Ensino Fundamental, após o decreto nº 502 de 16 de setembro de 2011 que institui o “Programa de Parceria Educacional Estado-Município para atendimento ao Ensino Fundamental”, em Lebon Régis, os Anos Iniciais foram municipalizados gradativamente, com início do processo em 2012⁵. O contrato firmado entre município e estado era contrário a opinião dos professores da Rede Estadual e boa parte da Rede Municipal assim como da comunidade devido a experiência negativa tida com os Anos Finais do Ensino Fundamental, iniciada em 2002 e que mesmo assim arrastou-se até a data de 2015.

⁵ <http://leisestaduais.com.br/sc/decreto-n-502-2011-santa-catarina-institui-o-programa-de-parceria-educacional-estado-municipio-para-atendimento-ao-ensino-fundamental>

TABELA 3 - Histórico da Formação docente

Ano letivo	Nº total de professores	Nº total de pedagogos	Nº de pedagogos na Ed. Infantil	Nº de habilitados nas disciplinas específicas
2002*	86	2	1	1
2003	109	4	3	3
2004	109	4	4	3
2005	134	7	2	4
2006	148	23		14
2007	134	22	2	17
2008	144	23		20
2009*	134	23		20
2010	143	27	8	19
2011	140	35		21
2012	131	35		17
2013	131	36		16
2014	141	33		21
2015	105	29	8	17

Os professores que não aparecem são aqueles que possuem apenas o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio sem ser o curso de Magistério

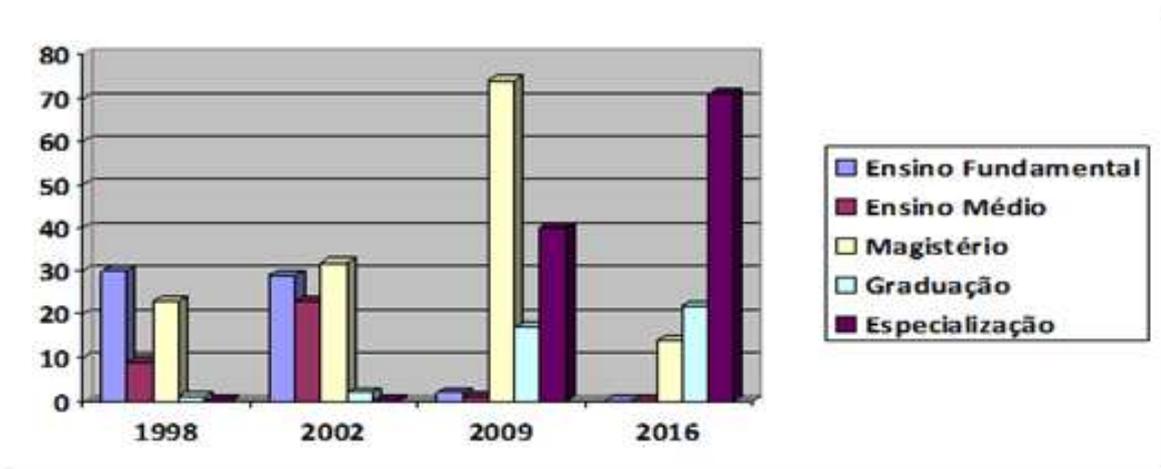
*2002: Início gradativo das Séries Finais assumidas pela Rede Municipal de Ensino, mesmo antes da Lei de Municipalização;

*2009: Lei da Municipalização;

*2016: Devolução dos Anos Finais do Ensino Fundamental para a Rede Estadual (estadualização);
dos Anos Finais do Ensino Fundamental para a Rede Estadual (estadualização);

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Lebon Régis – SC

FIGURA 1 – Formação dos professores da rede municipal de Lebon Régis – SC



Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Lebon Régis – SC

TABELA 4 - Dados Gerais

Ano letivo	Nº de escolas	Nº Professores efetivos	Nº Professores contratados	Formação				
				Fund.	Médio	Magist	Licenc.	Especialização
1998		21	42	30	9	23	1	--
1999		18	58	29	14	31	2	-
2000		38	29	25	7	35	1	-
2001		40	30	22	13	34	1	-
2002*	34	54	32	29	23	32	2	-
2003		94	15	28	34	42	5	-
2004		93	16	28	35	39	7	-
2005		89	45	38	47	40	9	-
2006		110	38	02	05	98	36	7
2007		117	17	2	2	76	32	22
2008		118	26	2	2	82	18	39
2009*	09	117	17	2	1	74	17	40
2010		119	24	2	1	46	31	63
2011		115	25	2	1	42	24	71
2012		114	17	1	-	31	16	84
2013		106	25	1	-	34	19	67
2014		101	40	-	-	37	30	74
2015		103	2	-	-	18	15	72
2016*		100	8	-	-	14	22	71
2017		98	14	-	-	23	16	73
2018								

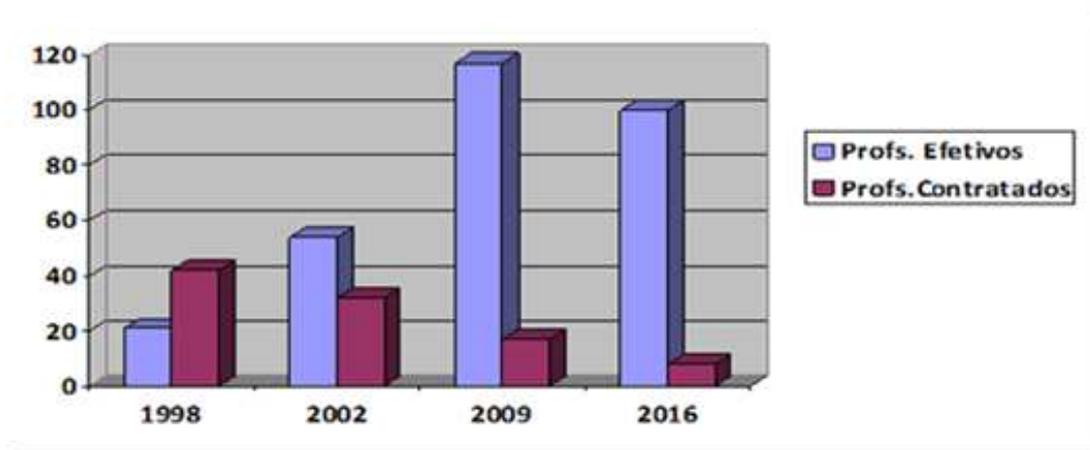
*2002: Início gradativo das Séries Finais assumidas pela Rede Municipal de Ensino, mesmo antes da Lei de Municipalização;

*2009: Lei da Municipalização

*2016: Devolução dos Anos Finais do Ensino Fundamental para a Rede Estadual estadualização);

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Lebon Régis – SC

FIGURA 2 – Quadro de professores da rede Municipal de Lebon Régis – SC



Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Lebon Régis – SC

A rejeição à municipalização, como já mencionados anteriormente, foram motivadas pela falta de estrutura física, de professores qualificados, e o deslocamento dos educandos, ou seja, o que os governantes chamaram de descentralização foi mais uma problemática a ser resolvida, visto que sem condições adequadas não há descentralização e sim imposição.

[...] ao abordar-se a problemática da descentralização, enquanto estadualização e/ou municipalização, duas vertentes devem ser consideradas: a da ótica interna ao próprio Estado federativo (União, Estados, Distrito Federal e Municípios), e a dos vínculos existentes entre Estado e Sociedade. A qualidade democrática das relações em tela, tanto no âmbito interno às três instâncias governamentais, como na esfera do binômio Estado-Sociedade, historicamente hierarquizado, é que irá determinar se houve realmente transferência do poder decisório, ou o simples deslocamento de problemas e encargos, que implicam, muitas vezes, privatização dos serviços públicos (SOUZA; FARIA, 2004, p. 7).

A afirmação acima descrita, no que diz respeito ao município de Lebon Régis, pelo Ofício 304 de 2015, (ANEXO 03), o qual trata da disposição dos alunos de 6^o ao 9^o ano à Rede Estadual de Ensino pelo encerramento de convênio, em razão de que os recursos financeiros não comportam a continuidade do convênio, ressaltando ainda, que o município não dispõe de quadro de pessoal e espaço físico para abrigar essa demanda. Com isso, surge a questão para ser refletida, se a municipalização, que faz parte das tendências atuais da educação brasileira, na prática realmente é eficaz?

Vejamos que os principais argumentos para a municipalização do Ensino Fundamental são: a tomada de decisões mais próximas, agilidade administrativa, certa independência financeira, maior clareza dos fatos, aumento da participação, gestão flexível, descentralização (fortalecimento do poder local), autonomia ampliada, resumindo, o município como a célula mais importante da federação: é no município que o cidadão atua, é nele que tudo acontece, então é ele que deve atender os direitos dos seus cidadãos (PELOZO, 2004). No entanto, no caso dos municípios menores, como Lebon Régis, o sistema não favoreceu o atendimento, nem a qualidade esperada, motivos pelos quais a parceria com o Estado foi revogada.

Ainda de acordo com PELOZO (2004), alguns argumentos negativos à municipalização são: prejuízo na tomada de decisões, podendo ficar centralizadas na mão dos “coronéis”, tomadas de decisões mais rápidas, porém não eficazes podendo atender somente aos interesses específicos, a “independência financeira” pode não funcionar se for administrada de maneira incompetente (desvio para outros fins), “prefeiturização” no esclarecimento de fatos, ou seja, a falta de esclarecimento à população em geral, o aumento da participação: participar apenas não significa que as opiniões sejam acatadas, gestão flexível: ilusão para a população pensar que participa da gestão. O município como célula mais importante da federação: como? Se está submetido ao Estado e a Federação? Quanto ao aumento do poder local (descentralização), depende da maneira que é conduzida, pois a centralização do poder pode apenas mudar da esfera estadual para a municipal. Quanto à autonomia ser ampliada, trata-se da questão financeira, podendo ou não ser suficiente, continuando o município subordinado a órgãos maiores.

Diante dos motivos pró e contra citados acima, pode-se dizer que há que se respeitar as individualidades de cada município, principalmente no sentido de que é necessário cuidado para que essa “autonomia” não acabe servindo para não resolver ou acentuar ainda mais os problemas da educação como um todo, como foi o caso de Lebon Régis.

O município de Lebon Régis possui três escolas estaduais: uma escola do campo EEB “30 de Outubro” e duas localizadas na cidade, sendo elas: EEB “Santa Terezinha” e EEB “Frei Caneca”, da qual se trata este capítulo. Todas receberam

estudantes da Rede Municipal de Ensino, mas como o Frei Caneca é a maior e mais antiga escola, acabou oferecendo o maior número de matrículas.

De acordo com o censo escolar, “Total de alunos” (ANEXOS 04 e 05), no ano letivo de 2015 a escola contava com onze turmas de Ensino Fundamental, totalizando 280 alunos. Já no ano letivo de 2016, as turmas subiram para 18, totalizando 445 alunos do Ensino Fundamental, ou seja, foram repassados para a responsabilidade da Rede Estadual de Ensino, somente nessa escola, 165 estudantes, sem contar aqueles que vieram dos nonos anos escolas municipais para o Ensino Médio, como acontece anualmente.

Sendo assim, o ano de 2016, foi um ano de muitos problemas enfrentados, tanto em relação ao ensino-aprendizagem como em comportamento, documentação, espaço físico e de pessoal por conta dessa nova demanda. Como aumentou muito o número de alunos de Anos Finais, as dificuldades também aumentaram e os casos, antes esporádicos de alunos com dificuldades na leitura, agora foram acentuados. A reprovação em números mostrados abaixo é apenas um demonstrativo nesse sentido.

É preciso, portanto, denunciar essa falácia: acesso à escola nem sempre significa acesso ao conhecimento. Não se trata, portanto, de acesso a “qualquer” escola, mas à escola de qualidade. E esta requer investimentos em um montante que não vem sendo atendido pelos governos (MATO GROSSO DO SUL, 2000, p. 20).

No final do ano letivo de 2015 tivemos um total de 26 alunos reprovados no Ensino Fundamental. Já no ano de 2016 esse número subiu para 54. Mesmo levando em consideração que houve aumento significativo de matrículas, ao compararmos no quadro a seguir percebe-se que o número triplicou.

Tabela 5 - Comparativo matrícula/reprovação 2015-2016

ANO LETIVO	2015	2016
Nº DE MATRÍCULAS	280	445
Nº DE REPROVADOS	26	54
PORCENTAGEM	9,3%	12,1%

Fonte: SISGESC secretaria EEB Frei Caneca

Apesar do trabalho realizado pelo PENOA⁶ (Programa Estadual Novas Oportunidades de Aprendizagem), oferecido no contraturno, duas vezes por semana com cinco aulas de Língua Portuguesa e cinco de Matemática, ajudaria a sanar dificuldades se os alunos frequentassem. A princípio, pensou-se que a infrequência fosse pelo transtorno de ir para casa almoçar e voltar, então, o almoço foi oferecido na escola, juntamente com o E.M Inovador, de período integral. Mesmo assim, a faltas continuaram, exigindo um acompanhamento constante por meio de telefonemas e bilhetes aos pais, assim como encaminhamentos ao Programa APOIA (Programa de Combate à Evasão Escolar)⁷.

Apesar de tais programas serem uma maneira de maquiagem a má qualidade do ensino público e aprovar o máximo possível de alunos, optamos por aderir, diante das dificuldades encontradas e por ver uma pequena possibilidade de ajudar esses adolescentes a se apropriarem ao menos à leitura e escrita.

Essas práticas, ao invés de objetivarem promover a socialização do conhecimento, limitam-se a produzir artificialmente resultados quantitativos de escolarização, aparentemente positivos. Isto se dá por um deslocamento da verdadeira questão: no lugar do problema da qualidade do ensino, do domínio do conhecimento necessário, elas se centram exclusivamente na passagem do aluno pela escola (MATO GROSSO DO SUL, 2000, p. 19-20).

Quanto ao PENOA, mesmo sendo oferecido na escola e divulgado para os pais em reunião sobre a importância da frequência para o melhor aprendizado, o número de alunos que não participaram foi grande. Com faltas constantes, as dificuldades pouco foram sanadas porque apesar de haver planejamento

⁶O PENOA institui-se como mais uma possibilidade, entre as muitas ofertadas pela Secretaria de Estado de Educação (SED), do estudante da Educação Básica lograr efetivo êxito em sua aprendizagem das habilidades de leitura, produção textual e cálculo e, conseqüentemente, com a consolidação dessas, lidar com o conhecimento nas diferentes áreas.

<http://www.sed.sc.gov.br/servicos/programas-e-projetos/16987-programa-estadual-novas-oportunidades-de-aprendizagem-penoi> acessado em 04/05/2018.

⁷O Programa de Combate à Evasão Escolar (APOIA) visa a garantir a permanência na escola de crianças e adolescentes de 4 a 17 anos, para que concluam todas as etapas da Educação Básica - seja na rede pertencente ao Sistema Estadual, Municipal, Federal ou particular de Ensino -, promovendo o regresso à escola daqueles que abandonaram os estudos sem concluí-los integralmente.

<http://www.sed.sc.gov.br/servicos/programas-e-projetos/27209-programa-de-combate-a-evasao-escolar-apoia> acessado em 04/05/2018

diferenciado, visando trabalhar as dificuldades individuais, quando não há participação, os objetivos não são alcançados.

Quanto a porcentagem de reprovação (ANEXOS 06 e 07), como mostram os em 2015 a porcentagem foi de 9,3%. Já em 2016 essa porcentagem subiu para 12,1%, ou seja, houve aumento na taxa de reprovação. Há que se analisar ainda que o número de aprovação em 2016 não foi garantia de qualidade no sentido de comparação de aprendizado com outros educandos de anos anteriores. O que foi levado em consideração para avaliá-los foi o desenvolvimento início-fim do ano letivo, os avanços do aluno de maneira integral frente às dificuldades iniciais.

Observando o quadro abaixo, (ANEXOS 08 e 09), podemos perceber que em relação à participação no PENOA 2015/2016 o resultado foi negativo, apesar do número de alunos do Ensino Fundamental ter aumentado de 280 para 445 alunos. Mesmo considerando que esse é um programa rotativo, sai o aluno que “sanou” as dificuldades e entra outro em seu lugar. Houve casos de abandono com o consentimento dos pais. Como a frequência não é obrigatória, quem fica no prejuízo é o próprio estudante.

Tabela 6- Frequência PENOA

ANO LETIVO	2015	2016
Nº TOTAL DE MATRÍCULAS	280	445
Nº DE MATRÍCULAS PENOA	23	30
PORCENTAGEM	8,2%	6,7%

Fonte: SISGESC secretaria EEB Frei Caneca

Quando indagados as justificativas variavam desde perda, de não ter dinheiro para fazer, extravio, esquecimento, desconhecimento.

As pastas desses novos alunos ficaram tão incompletas que para realizar o cadastro no sistema SISGESC, no segundo semestre de 2017 foi necessário realizar uma campanha de matrícula na tentativa de colocar em dia a situação.

Quando se iniciou o ano letivo de 2016, a EEB Frei Caneca passou de doze turmas de Anos Finais para dezessete. A mudança foi tão abrupta que em alguns momentos perceberam-se os antigos estudantes perdidos em meio aos novos colegas.

A reorganização das turmas foi necessária. Algumas turmas de Ensino Médio que até então estudavam no período matutino tiveram que passar para o período vespertino para dar lugar aos estudantes dependentes de transporte escolar existente apenas pela manhã.

A EEB Frei Caneca possui 19 salas de aula, mas nem todas têm o tamanho necessário para comportar uma turma grande. Nas salas menores funciona o AEE (Atendimento Educacional Especializado), as aulas de Língua Estrangeira quando a turma se divide entre Língua Inglesa e Língua Espanhola, turmas do Curso de Magistério que são menos numerosas, dentre outros arranjos de acordo com a necessidade. Diante disso, a escola não oferece sala de vídeo, apenas um auditório, nem sala de apoio pedagógico aos professores.

Uma dessas necessidades foi improvisar um refeitório numa das maiores salas de aula da escola, já que a proposta do governo do Estado em reformar e ampliar espaços como esse por causa do Ensino Médio Inovador até o momento é apenas uma promessa de campanha.

Até a chegada dos novos alunos, o lanche era servido na área coberta da escola, em mesas grandes, louça normal. Com a nova demanda, não funcionou o que até então tinha dado certo. Mesmo tendo lugar para se acomodar nas mesas, os alunos espalhavam-se por toda a escola. Como é um pátio grande, em poucos meses o número de pratos, copos e talheres caiu pela metade.

Apesar de não esbanjarem comida, nos dias em que frutas eram servidas, mesmo com lixeiros espalhados, o pátio virava lixeiro. A sujeira aumentou significativamente. Os riscos e palavrões nas paredes voltaram a aparecer, a depredação aumentou consideravelmente, os muros deixaram de ser limites. As brigas entre alunos e alunas eram constantes, assim como as fugas, demonstrando revolta ou sentimento de não pertencimento ao novo ambiente. Foi um período crítico para toda a comunidade escolar.

Para quem estava antes da chegada percebeu a diferença, infelizmente negativa. Para quem chegou, a adaptação em um lugar diferente também foi um desafio.

A direção da EEB Frei Caneca adota um caderno para registro de advertências. Esse caderno somente é usado depois da advertência verbal, de acordo com o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola. Em 2016 o número de

registros aumentou consideravelmente. Apesar das reuniões de pais/responsáveis, de atividades de convivência com as turmas, de roda de conversa para tentar saber no que a escola poderia melhorar, intervenção após o Conselho de Classe, nada parecia mudar. Para segurança geral de alunos e professores a Polícia Militar e o Conselho Tutelar começaram a fazer ronda com mais frequência e a polícia a permanecer no horário das saídas para evitar as brigas.

A preocupação do corpo docente foi encontrar estratégias para que esse modelo repressivo deixasse de fazer parte da escola mostrando outro lado, onde eles conseguissem se enxergar como parte fundamental da escola e não como castigados a ter que frequentá-la percebendo os objetivos do sistema.

No intuito de manter o modelo social, os conhecimentos produzidos são filtrados, de modo que os verdadeiros mecanismos de exploração dos trabalhadores sejam ocultados e assumam uma aparência natural, criando a falsa impressão de que não é possível superá-los. Neste caso, por exemplo, os conhecimentos relativos ao funcionamento da sociedade e as verdadeiras causas (apropriação privada dos meios de produção; a exploração do trabalho humano; a transformação dos produtos em mercadoria, visando o lucro) da pobreza, da ignorância, das doenças, dos preconceitos, da exclusão, do desemprego, entre tantos outros, são ocultados e substituídos por explicações falsas que tem a característica de culpar as próprias vítimas pelos seus sofrimentos. (MATO GROSSO DO SUL, 2000, p. 19).

Com o tempo, essas situações foram deixando de existir, mas com um número aproximado de setecentos e quarenta estudantes matriculados atualmente, pode-se afirmar que é necessário avançar ainda mais na questão do ensino-aprendizagem, mesmo que quanto à convivência social, de maneira geral houve avanço significativo. Não temos mais murais rasgados, trabalhos de colegas rabiscados, aluno/a fugindo para a barragem da cidade em horário de aula, pequenos furtos em sala de aula, a higiene física e do ambiente melhoraram, enfim, partes de uma escola que lhe eram estranhas.

Apesar de a escola contar com apenas um ATP (Assistente Técnico Pedagógico), o teste de visão realizado por esse profissional foi prioridade nas turmas com maiores problemas de leitura. Em apenas uma turma de sexto ano com 26 alunos foram detectados 08alunos com problema de visão, inclusive monocular e com o agravante que os pais não comunicaram ao realizar a matrícula, fato que é levado em consideração na organização da turma. Detectar o problema é apenas uma etapa de todo um processo para conseguir que o estudante consiga uma

consulta oftalmológica para tratamento ou ainda os óculos que pelo valor, diante da situação financeira de algumas famílias acaba sendo mais um problema e não uma solução.

No Brasil, os governos que se sucedem vêm sistematicamente privilegiando a submissão às demandas capitalistas e, conseqüentemente, mingando os recursos para as políticas sociais. Assim, a escola pública não pode contar com os recursos efetivamente necessários para cumprir seu papel de socializadora do conhecimento científico. Sem recursos reais, a escola pública vem fazendo “o que pode”. O resultado é um processo permanente de degradação das condições pedagógicas para a classe social que conta unicamente com esta instituição para a apropriação sistematizada do conhecimento científico, ou seja, a classe trabalhadora (MATO GROSSO DO SUL, 2000, p. 19).

Com a mesma atenção foram e são observados possíveis casos de deficiência intelectual. No ano de 2015 o número de alunos matriculados no AEE⁸ (ANEXOS 10 e 11), totalizava 13. Esse número subiu para 20 em 2016. Nem todo aluno que tem direito a frequentar esse serviço ou ainda tem direito ao acompanhamento do segundo professor em sala de aula e vice-versa. Quem decide essas questões, que avalia os casos, é o pessoal da FCEE (Fundação Catarinense de Educação Especial) e também da SED (Secretaria de Estado da Educação).

Mesmo com dificuldades pela falta de profissionais como psicólogo, que nem mesmo a Secretaria Municipal de Educação possui, ou fonoaudiólogo ou ainda neurologista que para uma consulta o tempo de espera pode se arrastar por mais de um ano - fila do SUS, mesmo assim a luta em nome de uma inclusão é travada contra um sistema que “nos discursos de análise não estão direcionados propriamente a uma condição de vida, mas são expressões para definir uma população que precisa ser administrada” (GARCIA, 2014, p. 113).

A preocupação da EEB Frei Caneca assim como no ano de 2016 continua sendo a aprendizagem de seus estudantes.

⁸O atendimento educacional especializado (AEE) é um serviço da educação especial que identifica, elabora, e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas" (SEESP/MEC, 2008).

Cabe à escola, enquanto instância organizada pela sociedade especificamente destinada à transmissão do conhecimento científico, responder a essa necessidade. É fundamental que essa aquisição se realize na idade mais tenra, para que os cidadãos possam usufruir o mais cedo possível das possibilidades que lhes são oferecidas pelo domínio do conhecimento mais amplo (MATO GROSSO DO SUL, 2000, p. 17).

No entanto, ainda temos adolescentes que não se apropriaram do conhecimento como deveriam, de acordo com sua idade, temos aqueles que não leem corretamente, não interpretam nem calculam como deveriam, porém, sabe-se que há casos específicos que requerem todo um aparato que a escola não possui, como o acompanhamento dos profissionais citados acima.

De um lado, encontra-se uma perspectiva cuidadosamente elaborada que desloca a origem dos problemas socioeconômicos da relação capital-trabalho para seus efeitos aparentes e imputa à educação a tarefa de solucioná-los (EVANGELISTA, 2014, p. 48-49).

Mesmo tendo essa consciência, na medida do possível, o trabalho pedagógico vem se desenvolvendo na tentativa de abranger o máximo possível de estudantes com o ensino do conhecimento científico. Com essa visão é que esta pesquisa de mestrado foi proposta, observando aspectos intraescolares e extraescolares, buscando na Pedagogia Histórico-Crítica uma metodologia que auxilie de maneira objetiva e clara aqueles estudantes com menor rendimento escolar, como veremos no próximo capítulo.

3 ALFABETIZAÇÃO E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: ENTRELAÇAMENTOS COM AS ARTES VISUAIS

O presente capítulo tem como objetivo contextualizar qual a concepção de alfabetização presente neste estudo. Para isso nos pautamos nos argumentos da Pedagogia Histórico-crítica. Finalmente apontar qual a concepção de arte e seu ensino que está entrelaçada na investigação realizada.

A Pedagogia Histórico-Crítica contrapõe-se com as teorias crítico-reprodutivistas no sentido de que estas identificam os mecanismos de dominação burguesa, mas não conseguem ver uma saída possível no aparelho ideológico escola, enquanto a Pedagogia Histórico-crítica propõe uma educação escolar articulada aos interesses da classe trabalhadora baseada na concepção dialética marxista, afirmando possibilidades de construção contra-hegemônicas dessa dominação por meio da apropriação do saber sistematizado, da seleção dos conhecimentos essenciais a serem ensinados, ou seja, os conhecimentos que são fundamentais à classe trabalhadora na contra hegemonia do poder.

Para a Pedagogia Histórico-crítica a escola tem a finalidade de possibilitar a socialização do saber por meio de conteúdos embasados em uma metodologia de conteúdo histórico. Saviani (2008), afirma que a materialidade da ação pedagógica condiciona o seu desenvolvimento, a ausência de um sistema educacional, a descontinuidade das políticas educacionais e a organização do sistema e das escolas, o que impedem o avanço no campo da prática pedagógica caso esses desafios não sejam enfrentados. Por isso é que propõe aos educadores uma mobilização para pressionar governantes exigindo avanços nessas questões.

Saviani trata ainda sobre o método de ensino, método esse que na visão da Pedagogia Histórico-crítica deve articular a escola aos interesses da classe trabalhadora, ou seja, um conhecimento que possibilite “[...] da síncrese à síntese pela mediação da análise/passagem do empírico ao concreto, pela mediação do abstrato” (SAVIANI, 2008, p. 142). Em outras palavras, ensinar partindo da realidade que o aluno não compreende, mas que lhe interessa e quer compreender, passando então pela análise, que é o processo em que o aluno empreende para compreender a realidade, por fim, chegando a síntese: a realidade de sua compreensão.

Na Pedagogia Histórico-crítica considera-se a natureza social do conhecimento e do desenvolvimento humano e isso faz diferença no modo de pensar o processo de alfabetização, a dimensão cultural da linguagem e da escrita.

[...] sem estar alfabetizada, toda a aprendizagem escolar fica comprometida. O que o texto não acentua (e apenas o leitor melhor informado percebe) é a inexistência da capacidade de traduzir letras em sentido altera também a vida da pessoa, alijando-a dos textos escritos de uso social (COSTA, 2009, p. 23).

Sendo assim, a alfabetização, enquanto processo educativo nessa perspectiva, Histórico-crítica, chama a atenção do educador para encará-la como o início do desenvolvimento da socialização do conhecimento historicamente sistematizado, que oportuniza o entendimento do funcionamento da realidade que nos rodeia, refletindo assim, na escolha sobre o que ensinar as estratégias a serem utilizadas considerando os objetivos a serem alcançados e a demanda que esses objetivos devem alcançar.

A alfabetização deve estar estreitamente ligada a processos educativos desenvolvendo, que cumpram seu papel de instrução das convenções da língua e da comunicação, como uma condição para a integração de todos na vida social e profissional, promovendo a humanização das funções psíquicas em sua conversão em funções culturais, isto é, superiores (DANGIÓ, 2018, p. 59).

Com referência à Arte neste trabalho pode-se afirmar que não cabe à ela uma reprodução de técnicas e sim promover transformações por meio de vivências estéticas possibilitando e sistematizando o conhecimento criado pelo ser humano para assim, dar existência social objetiva aos sentimentos, tornando possível aos indivíduos o relacionamento com esses sentimentos como um objeto, como algo externo visto que “cabe à escola a tarefa de transmitir os conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos necessários à emancipação do homem e a democratização do saber historicamente sistematizado (DANGIÓ, 2018, p. 60).

Vygotsky apud Assumpção e Duarte (2015) consideram que, desde sua gênese histórica a partir da atividade de trabalho e produção das condições materiais da existência humana até as formas mais desenvolvidas da prática social, a arte possui uma função que vai muito além de comunicar sentimentos. Para ele, a arte - seja na recepção ou na criação - possibilita aos indivíduos entrarem em contato com sentimentos que ultrapassam as experiências pessoais e se aproxima

do gênero humano. A experiência pela cultura amplia o conhecimento no sentido de que “não se cria do nada. A particularidade da criação no âmbito individual implica, sempre, um modo de apropriação e participação na cultura e na história” (Vygotsky, 2004, p. 08).

Nesse sentido, a criança pode conservar sua experiência e ao mesmo tempo transformá-la por meio da imaginação que a levará à criação e ao conhecimento, característica da existência humana, das relações entre a imaginação e a realidade e como a imaginação utiliza-se da experiência como apoio e vice-versa, como a emoção afeta a imaginação, que por sua vez provoca emoções.

Vygotsky (2004) analisa a imaginação como forma específica do ser humano relacionada à atividade criadora do homem. Destaca ainda, a importância do trabalho pedagógico orientado a respeito de criar possibilidades e condições para que as crianças sejam participantes da cultura.

Para tanto, buscando embasamento necessário segue o referencial teórico, um recorte das leituras realizadas situadas no campo sócio-histórico. Algumas sob orientação, outras de acordo com a necessidade encontrada ao escrever este trabalho, mas todas com a mesma importância para o desenvolvimento da pesquisa.

Sendo assim, os autores mais relevantes que aparecerão com frequência são: Dermeval Saviani (1985, 2000, 2005, 2008, 2013) João Luiz Gasparin (2007), Adolfo Sanchez Vázquez (1978), Lev Semyonovich Vygotsky (1984, 2009) e Consuelo Alcioni Borba Duarte Schlichta (2009, 2016).

Em pesquisa realizada no banco/catálogo de teses e dissertações CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), a busca foi por trabalhos que articulassem arte e alfabetização na perspectiva da Pedagogia Histórico-crítica. Segue a descrição de algumas que em determinados pontos se assemelharam à proposta apresentada nessa pesquisa, porém, em outras modalidades de ensino, como é o caso da autora Milca Vasni Ceccon Viola em sua dissertação intitulada “Ler, dizer, produzir sentido: jovens e adultos construindo significados diante de leitura de imagens” (2006).

A mesma aborda a leitura, mas uma leitura de imagens artísticas, sem a preocupação em usá-las como motivação inicial para um trabalho interligado entre a leitura/ver – imagem gato, por exemplo, e a leitura da escrita/gráfica – palavra gato. Outro ponto analisado foi a faixa etária com que se desenvolveu o trabalho, no caso,

com alunos da Educação de Jovens e Adultos, diferente da proposta deste projeto de pesquisa.

Do mesmo modo, Ana Cristina de Souza Eicardi em sua dissertação “Arte popular nordestina em um centro integrado de Educação de Jovens e Adultos: do convívio entre os alunos ao desenvolvimento da leitura e da escrita” (2013), que apesar de sinalizar assuntos como a arte popular, alfabetização e inclusão, também com 3^o e 4^o ciclo do Ensino Fundamental, equivalentes aos Anos Finais do Ensino Fundamental da Educação Básica regular, trata-se de uma pesquisa com estudantes adultos que possuem em sua cultura a arte nordestina praticada pelos alunos quando crianças, sem promover um diálogo aberto, relacionando a arte citada com o aprender/evolução da leitura e da escrita.

Nas palavras da pesquisadora: “Esta dissertação apontou desenvolvimento das interações sociais e das expressões orais nas relações pessoais e profissionais dos sujeitos da pesquisa, porém, mostrou poucos ganhos na aquisição do código da leitura/escrita” (2013, p. 101). A pesquisa estudada é relevante e motiva reflexões importantes para a educação, porém com carência do que se refere à Arte como uma possibilidade de entrelaçamento pedagógico para o ensino da leitura dos códigos escritos, em especial.

Na dissertação de Carini Cristina Delavald: “A infância no encontro com a Arte contemporânea: potencialidades para a Educação” (2013) investiga de que maneira a experiência com a Arte contemporânea pode contribuir para a formação da criança enriquecendo o processo educativo, porém, na pequena infância onde a criança ainda não precisa dominar a leitura do código escrito, diferentemente do que se propõe a pesquisa apresentada, onde a arte e leitura são trabalhadas interdisciplinarmente.

Estudando a tese da professora Vera Lúcia Penzo Fernandez: “A criatividade no processo pedagógico do professor de Artes Visuais no Ensino Médio, no contexto da educação inclusiva”, percebeu-se que o estudo apresenta um título convidativo em relação à educação inclusiva, do ponto de vista da Educação Especial, distanciando-se do tema deste estudo.

Enfim, o levantamento de estudos já realizados com apontamentos nos assuntos pesquisados foi fundamental, pois a partir deles houve possibilidade de analisar vários desdobramentos de um mesmo tema, mas trabalhados por outro

viés, diferenciando uma pesquisa de outra, e assim avançando na construção do conhecimento.

3.1 CONCEITO DE ARTES VISUAIS SEGUNDO A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

A Pedagogia Histórico-crítica compreende o ser humano por meio de seu desenvolvimento histórico. Ele faz parte da sociedade, assim como também pode transformá-la com o objetivo de gerar uma sociedade anti-hegemônica e para isso necessita de um novo modelo de educação para essa nova sociedade. Tanto a Arte como a educação trabalhada pela escola promovem mediação com a sociedade porque agem diretamente na formação dos indivíduos. A Arte age sobre a subjetividade dos indivíduos e assim desenvolve a sensibilidade e enriquece suas formas de percepção da realidade.

Para Vázquez, em sua obra “As ideias estéticas de Marx” (1978), a questão mais importante, sob o enfoque desta pesquisa, é o papel da arte na humanização dos sentidos.

A Arte como conhecimento da realidade pode nos revelar um pedaço do real, não em sua essência objetiva, tarefa específica da ciência, mas em sua relação com a essência humana. Há ciências que se ocupam de árvores, que as classificam que estudam sua morfologia e suas funções; mas onde está a ciência que se ocupa das árvores humanizadas? Pois bem, são precisamente estes os objetos que interessam à Arte (VÁZQUEZ, 1978, p. 35).

Para a Arte interessa a criação humana que vai além do valor utilitário de um objeto, ou seja, o valor estético que leva o ser humano a admirar uma antiguidade como uma lâmparina ou uma vestimenta, por exemplo, não como coisas velhas, mas sim como algo que causa a emoção e reflexão, ou ainda a emoção como oposição da razão. A razão nesse sentido, consolidada pelo modo de produção capitalista o qual visa apenas o trabalho, a produção, sem tempo nem espaço para os sentimentos, para a subjetividade humana.

Ao longo da História o Homem faz uso da Arte para registrar e representar o processo da sua transformação sociocultural, o que demonstra a importância da Arte na educação, onde o fazer artístico contribui para o desenvolvimento do ser humano seja criança ou jovem, na certeza de exercitar a capacidade que eles têm para

ampliar o seu potencial cognitivo e assim conceber um olhar para o mundo de maneiras diferentes, no entanto, essa postura tem que estar internalizada nos educadores a fim de que a prática pedagógica tenha coerência entre a Arte e as outras áreas do conhecimento, ou seja, para possibilitar ao educando conhecer o repertório cultural e entrar em contato com outras referências.

Na vida cotidiana das pessoas a Arte tem a função de humanizar, como objetivo principal. Já no desenvolvimento, seja criança ou do adolescente, primeiramente ela desenvolve aspectos que são importantes no processo de educação como aspectos cognitivos motores, sensoriais, da experimentação de diversos materiais com função pedagógica, ou seja, um trabalho intencional que torna o homem/animal em ser humano sendo este o conceito de Arte de acordo com a Pedagogia Histórico-crítica “[...] a criança não nasce com as características que definem o ser humano. Para que ela se constitua como homem, exige-se a intervenção dos seres humanos já constituídos como homens, especificamente dos adultos” (SAVIANI, 2013, p. 247).

Portanto, produção e formação humana são processos educativos construídos pelo conjunto de homens, em sociedade, deste modo, educar com Arte é sinônimo de educar através do contato com o outro, trabalhando o indivíduo e o coletivo, além de possibilitar conhecimento cultural, histórico, passado e presente.

A Arte é vista e sentida de maneiras diferentes, seja por adultos, jovens ou crianças. Para o adulto a Arte está relacionada ao belo, à estética, a exposições, em alguns casos, dependendo dos repertórios escolares ou não que esses sujeitos tiveram acesso ao longo da vida. Para a criança e o jovem a Arte é uma forma de se expressar, de lidar com o mundo que o rodeia e por isso demonstram tanto gosto por ela que proporciona o contato com o meio cultural, o que se opõe à sociedade capitalista que transforma a Arte em produto, uma mercadoria que pode ser produzida pelo proletariado, mas que mesmo produzindo-a não dispõe do recurso econômico ou tempo para usufruir de sua produção.

Em vista disso, os conteúdos que se constituem como fundamentais no ensino da Arte são aqueles que possibilitam ao aluno compreender, de um lado, os atributos de instrumentalidade e os estéticos que distinguem um objeto artístico dos demais e, de outro, “o gosto pela arte e por certo tipo de arte” que é determinado por um sistema de convenções e é produzido socialmente [...], ou seja, na prática cotidiana, qual a forma de abordagem dos conteúdos artísticos que, de fato, possibilita ao aluno desvelar as condições sociais, históricas, econômicas que originam os critérios que definem “as qualidades do artístico”, a atitude exigida para captar o “estético” e, por último, o que designa e consagra certas obras como dignas de serem admiradas (SCHLICHTA, 2009, p. 25).

É importante ressaltar que o objetivo da Arte na escola, não é formar artistas, mas sim indivíduos conscientes e aptos a exercerem a cidadania com reflexão e crítica. Por isso a importância de estimular a produção, a criação e a reinvenção artística tanto de crianças como de jovens desmistificando a afirmação de que “a Arte é uma atividade aristocrática, por isso excluída da vida da grande maioria” (SCHLICHTA, 2009, p. 27), numa tentativa de justificar o motivo de ela ter um espaço menor no currículo escolar em detrimento da leitura e do cálculo, por exemplo, encobrendo o fato de que o currículo escolar é elaborado a partir das necessidades do sistema capitalista.

Os estudantes não precisam necessariamente dominar as técnicas artísticas, mesmo porque nem todos possuem esse interesse, mas sim saber que ela faz diferença na Educação para o desenvolvimento para outros aspectos que não são apenas aspectos midiáticos que influenciam a opinião cultural de massa, como um produto da chamada Indústria Cultural, que consiste em atingir todos os tipos de expressões culturais produzidos para atingir a maioria da população, com o único objetivo: o comercial, ou seja, o objetivo de gerar produtos para o consumo, mas sim, que a Arte trabalhe contra essa massificação do gosto, com novas possibilidades de leitura, envolvendo um caráter interdisciplinar de maneira a mostrar que tudo está interligado, sendo a Arte uma ferramenta poderosa para o ensino-aprendizagem.

As classes dominantes atuam sobre a mentalidade popular, buscando articular a mentalidade popular aos interesses dominantes, transformando em senso comum sua concepção de mundo, obtendo, assim, o consenso das diferentes camadas sociais. O resultado é a impossibilidade de subalternos expressarem de forma elaborada seus interesses, inviabilizando sua organização enquanto classe (SAVIANI, 2002, p. 03).

A Arte trabalha a cognição de forma integrada: afetivo, emocional e intelectual buscando dar significado aos fenômenos da vida, para a representação do mundo e para isso a escola tem que possibilitar o acesso à Arte e por meio do processo experimentá-la, potencializando a capacidade criadora, a imaginação, pois pode ser o único lugar onde os estudantes da classe trabalhadora tenham acesso a essa oportunidade.

Sendo assim, o que interessa é levar o aluno por meio do contexto histórico e social ao fazer artístico, ou seja, a criatividade propriamente dita, tudo o que a Arte e o artista são capazes de construir de criar de fazer refletir mostrando a obra de arte e fazendo com que eles percebam a relação entre os elementos que representam inter-relações, discriminações, contextualização, não de artistas isolados, mas sim contextualizados dentro da experiência do indivíduo nas palavras de Saviani (2005, p. 12) “conhecimentos das propriedades do mundo real (ciência), de valorização (ética) e de simbolização (arte)”.

Sendo a Arte trabalhada no contexto, percebe-se que ela educa os sentidos, prepara para apreciar, para refletir, para pensar no diferente, na individualidade, respeitando aquilo de que como ser único é capaz de produzir. Possibilita colocar-se no lugar do outro, da mesma forma que na escrita, mas com a liberdade de não ter medo de ousar, de experimentar, experienciar essa forma de humanização.

3.2 A APROPRIAÇÃO DA LEITURA

Geralmente a leitura é apresentada à criança através do livro, por pessoas da família, antes mesmo da compreensão dos códigos escritos. Desde pequena tem o contato, a noção do significado de um livro, o que ele traz e que para ter acesso ao que ele “conta” deverá apropriar-se desse conhecimento chamado leitura.

A leitura aciona a imaginação, a afetividade e o raciocínio, ensinam a pensar e a compreender o outro, assim como fazer-se compreender, sendo esse o papel da leitura na formação do indivíduo (PAULINO, 2005).

Deste modo, entende-se que essa criança teve um motivo, um por que para querer aprender a ler, a compreender que mensagem esses códigos trazem. Por meio desse contato com o mundo da escrita, apesar dele/a ainda não compreender, entende-se que ela teve algo que lhe chamou a atenção.

Seguindo essa linha de raciocínio, fundamentada em Porto (2009), Yunes (2009), Vygotsky (2009) e Dangió/Martins (2018), a expectativa é que ao entrar na escola as crianças estejam pré-dispostas a aprender os códigos escritos, o que facilitaria sua alfabetização e o trabalho do professor em desenvolver as atividades pertinentes. No entanto, o que dizer daqueles estudantes que já passaram essa fase estando na adolescência sem dominar por completo os códigos escritos ou ainda, decodifica de modo mecânico, em partes, mas ao ler um parágrafo, chegando ao final dele não consegue recontar do que se tratava?

Vejamos que na situação da EEB Frei Caneca, a qual se refere este trabalho, percebe-se que a leitura na maioria das famílias é tida como algo sem muita importância. Não existe o hábito da leitura nas famílias mesmo com um pouco mais de escolarização. Já em outras, há muitos casos de analfabetismo e semianalfabetismo entre os pais e avós onde esses estudantes convivem.

Na grande maioria dos casos os estudos foram trocados pelo trabalho em busca do sustento da família. Geralmente essa ajuda aos pais vinha da venda da força de trabalho dos filhos mais velhos para o sustento dos mais novos, o que pela experiência de quase vinte anos de profissão posso afirmar que nas famílias mais numerosas, os filhos mais novos possuem maior nível de escolaridade, devido a família, com o passar do tempo, conseguir certa estabilizada financeira, mesmo que às custas da retirada desse direito de parte da família.

A democratização da alfabetização é um processo histórico e um desafio ainda não vencido em nosso país. Sabidamente, as preocupações com a alfabetização não são novas e, no Brasil, acompanham a própria disseminação da educação escolar (DANGIÓ, 2018, p. 150).

Os casos podem ser detectados a partir do Conselho de Classe, sendo possível perceber a dificuldade em assinar a ata ou informar seu endereço ou número de telefone, ou ainda pela dificuldade em fazer com que aumente o número de associações na biblioteca da escola, devolvam o livro emprestado ou façam o relato do livro que emprestaram como atividade nas aulas Língua Portuguesa.

A leitura/escrita nessas famílias serve (m) para escrever um bilhete, fazer uma lista de compras, ler uma receita. Já o livro mais lido, de acordo com conversas informais, é a Bíblia. É preferível assistir TV a ler, o que nos faz refletir que a falta preparo para despertar esse “motivo” de aprender a ler, escrever e interpretar em todos os estudantes, visto que há casos de semianalfabetismo nos Anos Finais do

Ensino Fundamental, nem a família, nem a escola está dando conta dessa iniciação para a leitura.

Saviani em seu livro “Escola e Democracia” (2008) apresenta estudos com objetividade e clareza sobre a influência das teorias pedagógicas Não-críticas: Pedagogia Tradicional, Nova, Tecnicista e as teorias Crítico-reprodutivistas: Violência Simbólica, Aparelho ideológico do Estado e Dualidade) trazendo à tona os objetivos implícitos de cada uma no que diz respeito à marginalidade das pessoas que não se apropriaram ou não se apropriam do conhecimento científico.

Segundo o autor, na concepção das Teorias não-críticas, a Educação tem a capacidade de terminar com a marginalidade social, ou seja, tem a Educação como redentora sob um pensamento de que a mesma é harmoniosa, sendo a marginalidade um desvio individual a ser corrigido pela educação, à parte da sociedade, com autonomia. Já na Teoria Crítico-reprodutivista a escola apenas reproduz a marginalidade, não busca superação, uma saída da situação de marginalidade por meio da discriminação, ou seja, a escola age para legitimar a marginalização social.

É nesse sentido que Saviani (2008) utiliza a metáfora da “Curvatura da vara⁹”. “Ela foi enunciada por Lênin ao ser criticado por assumir posições extremistas e radicais” (SAVIANI, 1985, p. 40). O autor a utiliza para exemplificar os ajustes necessários para uma educação, para a igualdade, pois a vara ao estar curva de um lado, necessita ser curvada para o sentido oposto para então ficar em linha reta.

Ao resgatarmos as consequências históricas dos processos educacionais brasileiros, constataremos que as concepções filosóficas e pedagógicas acerca da alfabetização, presentes até os dias atuais, movimentaram a “vara” de um extremo ao outro, em alusão à teoria da curvatura da vara enunciada por Lênin e enfatizada por Saviani (2000). O “balanço” da vara deu-se entre as pedagogias tradicional e nova, produzindo contradições importantes e deixando brechas para pensarmos um ensino propulsor de uma aprendizagem qualitativa, tanto em relação aos conteúdos quanto em

⁹[...] foi enunciada por Lênin ao ser criticado por assumir posições extremistas e radicais. Lênin responde o seguinte: "quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e se você quiser endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto".

relação aos procedimentos didáticos, por meio de uma escola, nas palavras de Braslavski (1993), “consciente de sua finalidade alfabetizadora” (DANGIÓ, 2018, p.63).

Saviani (2008) analisa a máquina político-educacional e nos faz refletir no sentido do equilíbrio na medida certa para a compreensão do que Pedagogia Histórico-Crítica propõe: a oposição a essa marginalidade que o autor se refere, ou seja, com relação ao grande número de alunos evadidos da escola pública sem concluir seus estudos ou em situação de analfabetismo funcional ou ainda casos que nem chegam a frequentar a escola, a marginalidade sob o aspecto escola e sociedade. O autor afirma que quando mais se falou em democracia na escola, menos ela foi efetiva em seu interior e quando menos se falou nela mais efetiva foi na tentativa de articular a escola para a democracia.

Deste modo, o autor tenta mostrar como colocar a “vara” em linha reta. Nem curvada para uma Escola Tradicional, nem para a Escola Nova, mas sim para o centro com uma escola que valoriza os conteúdos, incentivando a iniciativa para haver uma troca de conhecimento, ou seja, não deixar de valorizar uma escola bem equipada com novos métodos, e boa tecnologia, no entanto, com abertura e valorização da cultura como ponto de partida para o conhecimento científico proporcionando igualdade de condições de aprendizagem para a classe trabalhadora.

Em contrapartida, sem um mediador de leitura, no caso o professor, um colega, um irmão ou irmã torna-se impossível o acesso a esse patrimônio da humanidade chamado leitura. Além das dificuldades da escola e da família outras instâncias têm responsabilidade nesse fracasso. A falta de recursos materiais e humano, de formação adequada, de valorização salarial, métodos inadequados e currículo impróprio são alguns exemplos. Para Saviani (2008), continuar insistindo na força própria da educação como solução das mazelas sociais é fazer parte da ideologia de um Estado que repassa suas obrigações ao invés de resolvê-las. Cabe a escola a determinação em mostrar aos seus educandos a reciprocidade entre prática social e prática educativa.

Proporcionar a compreensão a esses estudantes de que a leitura e a escrita dão o poder da “palavra”, da emancipação enquanto ser social, político e humano, vai além do alfabeto. Fazer uma leitura da realidade, das condições em que se vive, do que possui e do que almeja também é “motivo” para querer aprender e assim

interagir como mundo que nos rodeia. Motivo é uma palavra que envolve disciplina e necessidade, ou seja, o que não se destina à classe trabalhadora pelas condições oferecidas pelo Estado.

[...] chamo a atenção para o fato de que o saber é histórico, e como tal é apropriado pelas classes dominantes, mas isso não significa que ele seja inerentemente dominante. O que hoje é denominado “saber burguês” é um saber do qual a burguesia se apropriou e colocou a serviço de seus interesses [...] o povo precisa da escola para ter acesso ao saber erudito, ao saber sistematizado e, em consequência, para expressar de forma elaborada os conteúdos da cultura popular que correspondem aos seus interesses (SAVIANI, 2008, p. 79-80).

Mas isso precisa ser produzido na classe trabalhadora, de acordo com seus interesses e necessidades na contramão do ensino de conteúdos esvaziados de experiências que não se cruzam com a vida, com o cotidiano desses estudantes tornando mais complexa a aprendizagem, a compreensão dos conteúdos escolares para sua interação social, “[...] toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa” (VIGOTSKI, 2009, p. 43).

Nesse sentido, a apropriação da leitura dos códigos escritos, a leitura de mundo para compreendê-lo, a interação com o outro no contexto em que se está inserido/a são motivos suficientes para que se insista na aprendizagem desse saber por meio da busca de estratégias para a formação desses leitores que ainda não se apropriaram dela, estando fora da faixa etária. Essa dificuldade na leitura é especificamente a incapacidade de codificar e decodificar palavras com mais de duas sílabas ou ainda com sílabas complexas. São estudantes que identificam as letras do alfabeto, no entanto, a leitura é totalmente silabada, o que dificulta a compreensão até mesmo de frases, assim como a produção textual.

Apesar das críticas em relação ao trabalho com as famílias silábicas na alfabetização, quando se estuda um caso específico de não apropriação dos códigos escritos, percebe-se que não houve compreensão do mesmo por parte do estudante. A partir do momento que existe essa compreensão não há necessidade de “repetição cansativa” citada em inúmeras bibliografias, pois há associação gráfico-fonética com outras palavras. De acordo com a Proposta Metodológica de Língua Portuguesa (Governo Popular de MATO GROSSO DO Sul, 2000, p. 59).

[...] sendo a escrita pura convenção e contendo inúmeras arbitrariedades na relação letra/fonema, o aluno só poderá dominar a codificação/decodificação da escrita se: primeiro, compreender que a referência para os sinais escritos são os fonemas; segundo, compreender a regularidade do padrão sonoro da articulação de uma consoante com as cinco vogais [...]; terceiro, memorizar os valores fonéticos de todas as vogais e de todas as consoantes; quarto, aplicar dedutivamente, a partir de um cabedal de sílabas já conhecidas a regularidade do padrão sonoro da articulação da consoante com as vogais.

Sendo assim, buscar estratégias para despertar a curiosidade, a criatividade e o prazer desenvolvendo outro olhar para o mundo letrado que não seja apenas copiar e responder cansativamente atividades, possibilitando diferentes motivos para aprender, para superar os insucessos proporcionando o desenvolvimento cognitivo para uma leitura não apenas das letras, mas também para uma leitura crítica da realidade torna-se a busca dessa pesquisa.

Mas afinal, qual seria o conceito de leitura? As afirmações mais comuns sobre leitura é que esta seria a capacidade de decifrar um código escrito, associando letras e sons e assim possibilitando a compreensão de uma mensagem contida num texto. É uma atividade que ajuda no modo de pensar e agir, uma maneira de adquirir conhecimento e interação social com o mundo. Então

O ato de ler envolve práticas e experiências humanas nas quais devem ser considerados diversos fatores, como a idade do leitor, seu grau intelectual, seus gostos e cultura, entre outros. Além disso, devemos considerar as necessidades de leitura do aluno, sua maneira de ler, os instrumentos de leitura de que ele faz uso e seus processos de interpretação. Enfim, devemos estar atentos para o processo de leitura, que abrange tudo aquilo que envolve o mundo do leitor (PORTO, 2009, p. 24).

A leitura pode tornar-se difícil quando, por ventura, houver uma defasagem em habilidades necessárias para seu pleno desenvolvimento devido o leitor não estar apropriado de alguns conhecimentos, como reconhecimento de grafemas, realização da decodificação, além da compreensão da escrita. Por esse motivo pode-se considerar o ato de ler como complexo, no sentido de que diferentes processos cognitivos estão envolvidos, como o reconhecimento de palavras e compreensão (o significado do que foi lido), permitindo a compreensão de todo o texto.

Neste sentido dois processos estão envolvidos na leitura: a decodificação e a compreensão, sendo ambos dependentes. A decodificação pode ser entendida como a primeira etapa da leitura, a habilidade de decifrar o código escrito. A

compreensão é a etapa seguinte, equivalente à capacidade de construir o sentido e o significado sobre o que foi lido. Dessa forma, pode-se afirmar que a decodificação interfere no desenvolvimento da leitura proficiente e posteriormente na compreensão do texto, podendo ser uma das causas de insucesso do leitor.

O processo pedagógico deve possibilitar aos educandos, através do processo de abstração a compreensão da essência dos conteúdos a serem estudados a fim de que sejam estabelecidas as ligações internas específicas desses conteúdos com realidade global com a totalidade da prática social e histórica. Esse é o caminho pelo qual os educandos passam do conhecimento empírico ao conhecimento teórico-científico, desvelando os elementos essenciais da prática imediata do conteúdo e situando-o no contexto da totalidade social (GASPARIN, 2007.p.6).

Quando a criança se apropria da leitura tomando como seus elementos da cultura, ela toma parte de algo coletivo da humanidade, deste modo, ao mesmo tempo em que participa dessa cultura, ela a transforma. História e cultura fazem parte do princípio social, ou seja, sozinha a criança não consegue participar desse conhecimento, por isso a participação do outro é fundamental nessa relação de ensino, pois no contato com a criança provoca o desenvolvimento.

Para Gasparin (2007), ao professor, remete-se o papel enquanto modelo na instrução do aluno, como parte na “imitação” para a construção do saber científico do aluno. Essa imitação coloca o aluno frente à herança do saber científico acumulado pela humanidade, por meio do professor, responsável por criar mecanismos para estimular o aprendizado do aluno. Ainda segundo este autor, fazer uso desses procedimentos diversos a partir de objetivos de ensino, como por exemplo, domínio cognitivo (distinção entre a água de outros líquidos usados no dia a dia) e afetivo/valorativo (economizar a água), significa aprender e aplicar o que aprendeu, ou seja, ensinar pelo significado do conteúdo.

Para que haja essa apropriação das mais diversas formas de ensinar são válidas e por isso devem ser utilizadas. A relevância da história e da cultura faz com que na perspectiva Histórico-cultural o papel do professor não seja apenas o de um apoio na alfabetização da criança e sim um mediador que interfira em cada etapa de acordo com a necessidade do aprendiz, construindo assim o conhecimento.

O ensino etapista (que distribui os conceitos por seu grau de complexidade) leva em conta o fato de que há conceitos complexos que dependem da aquisição de outros conceitos. Entretanto, ignora que um conceito complexo não consiste na simples adição de conceitos mais simples. Não basta acumular um conjunto de conceitos para se chegar à compreensão daquele conhecimento mais complexo. Por quê? Porque um objeto do conhecimento se apresenta na forma de articulação entre seus elementos constitutivos, e, sem a compreensão das formas e princípios dessa articulação, não é possível compreender aquilo que se está estudando (GOVERNO POPULAR DE MATO GROSSO DO SUL, 2000, P. 59).

O “ensinar”, é redimensionado para a participação no modo de apropriação da cultura pela criança, deste modo, tem diversas maneiras da criança se apropriar dela. Sendo a prática cultural um conhecimento produzido historicamente, não é óbvio, não é imediato e precisa ser explicitado: o nome da letra, a ordem das letras, a composição silábica, a composição fonética. O professor ensinando, o aluno participando e nessa relação construindo o conhecimento na leitura, na escrita, na nasalização, algo que não é tão simples de perceber e de dominar.

A estratégia de apontar o conjunto de letras que formam uma sílaba plena é complexa, assim como ensinar o aluno a perceber os sons intermediários, aprendendo a leitura, da leitura para a escrita, da escrita para a leitura (memória), para que assim ocorra a aprendizagem.

Educação, entendida correta e cientificamente, não significa infundir de maneira artificial, de fora, ideais, sentimentos e ânimos totalmente estranhos às crianças. A educação correta consiste em despertar na criança aquilo que existe nela, ajudar para que isso se desenvolva e orientar esse desenvolvimento para algum lado (VIGOTSKI, 2009, p. 72).

A apropriação da leitura provoca o desenvolvimento de outros potenciais como a concentração, atenção, memória, imaginação, conhecimento, tudo mobilizado a partir do simbólico, pois no momento em que o indivíduo se apropria desses símbolos, é um modo de apropriação da cultura. Vejamos: ao mesmo tempo em que se objetiva escrever uma frase, há a necessidade de ter o conhecimento sobre o quê escrever e o cuidado de escrever de maneira que o outro compreenda e são essas tensões que tornam essa apropriação complexa. No entanto, a criança quer aprender a escrever para enviar cartas, contar suas histórias ou ainda escrever o que sente. Mesmo assim, nem todas conseguem ou ainda, o processo para apropriação desse bem se torna bem mais demorado, apesar de no princípio da vida escolar objetivo ser o mesmo. Vygotsky (2009, p. 75-77) afirma que,

Um fator novo e poderoso irrompe na vida da criança em forma de amadurecimento sexual, de instinto sexual. O estável equilíbrio anterior, conseguido no início da idade escolar rompe-se e um novo equilíbrio ainda não foi encontrado. Esse equilíbrio rompido e as buscas de um novo compõe a base da crise vivenciada pela criança nessa idade. Mas em que consiste essa crise? [...] sabemos que nessa idade o adolescente cresce rapidamente; de modo acelerado, seu corpo aproxima-se do tamanho e da constituição do corpo adulto. Esse crescimento geral influencia também o comportamento e a vida interior do adolescente [...] eis por que o desenho infantil, que corresponde plenamente ao estágio da relação simples, incompleta, entre a criança e o mundo que a cerca, é substituído pela palavra como meio de expressão, que corresponde de modo mais profundo e complicado a uma relação interna com a vida, consigo mesma e com o mundo circundante.

No processo gradual de apropriação da leitura/escrita, o trabalho do professor é insubstituível para o desenvolvimento da criança e do adolescente porque ao ensinar ele interfere nesse desenvolvimento de modo que o estimula colocando-o numa zona de desenvolvimento que o mesmo seja capaz de entender com mais facilidade habilidades necessárias para a apropriação do conhecimento a ele proposto, ou seja, é na relação de ensino que o professor age, aponta os caminhos para uma aprendizagem mais fácil.

Pela mediação do professor inicia-se a compreensão da realidade humano-social, por meio do domínio do conhecimento a compreensão da necessidade da luta para a superação do capitalismo, desenvolvendo a consciência que a escola tanto pode agir no sentido de impedir o conhecimento para a permanência da condição de exploradores e explorados como pode agir para a mudança da realidade.

Sendo assim, esse ensinar é o professor falar, chamar a atenção, mostrar, responder, se engajar na atividade compartilhada no processo de construção da palavra, é o professor ficar próximo à criança, insistir, perguntar sem criticar e sim estimular a pensar sobre suas respostas, fazer perguntas adequadas de comparação para problematizar incentivando a olhar e compreender as letras e o que elas formam conforme sua disposição, propondo avanços no conhecimento do indivíduo.

Alfabetizar, nesse sentido, é colocar uma dificuldade maior partindo de uma dificuldade menor, abrindo espaços para a problematização gerada por meio de perguntas rápidas, atividades interessantes, porém com objetivos claros, de maneira não engessada, buscando o que é ideal para aquele momento da aprendizagem “O

melhor estímulo para a criação infantil é uma organização da vida e do ambiente das crianças que permita gerar necessidades e possibilidades para tal” Vygotsky (2009, p. 92).

Sendo o homem um ser social, que aprende com o outro, o valor para o trabalho em grupo é maior na perspectiva Histórico-crítica. A participação do outro é uma questão que teoricamente tem respaldo na Teoria Histórico Cultural, ou seja, o modo Vygotskiano de ver a relação de ensino, de argumentar sobre a fundamental importância do outro no desenvolvimento humano, mostra que conseqüentemente, na alfabetização, no desenvolvimento mental da criança também faz diferença, por meio da linguagem como produção humana, portanto, da história e da cultura. Para Schlichta (2013, p. 08),

A educação, a cultura e a Arte são faces, rigorosamente recíprocas e complementares de uma mesma realidade, conseqüentemente, uma não pode ser pensada sem a outra e toda reflexão sobre uma desemboca imediatamente na consideração da outra.

Para crescer, aprender, construir conhecimento e assim se construir o ser humano precisa dos outros, ou seja, interagir, trocar, partilhar e para que isso ocorra a ferramenta social de contato necessária é a linguagem. É por meio dela que se possibilita a troca com o outro, dessa maneira se completando e conquistando seu potencial. Deste modo, a cultura se integra ao homem pela atividade cerebral estimulado pela interação entre parceiros sociais mediadas pela linguagem, a ferramenta que torna o animal em Homem, verdadeiramente humano.

Para Vygotsky (1984), a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD)¹⁰, se traduz em interação, mediação e internalização, ou seja, para melhorar o nível de aprendizagem, mais que o indivíduo agir sobre o meio ele precisa interagir, pois todo ser humano adquire seus conhecimentos a partir de relações interpessoais de troca com o meio, por isso o nome interativo, pois aquilo que parece individual na pessoa

¹⁰ZPD – Zona de Desenvolvimento Proximal: espaço em branco que existe entre o que o indivíduo que já é, já sabe fazer sozinho e aquilo que ela tem a potencialidade para vir a ser, desde que seja assistida, que aprenda com outros (VYGOTSKY, 1991, p.97).

é na verdade resultado da construção da sua relação com o outro, com um outro coletivo que veicula a cultura, sendo assim, “aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã, ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (VYGOTSKY, 1984, p. 98).

As características e atitudes individuais estão profundamente impregnadas das trocas com o coletivo e então ali, no espaço da cultura interiorizada, dos seus valores, da negociação de sentidos tramadas pelos grupos sociais é que se constrói e se internaliza o conhecimento. Isso se torna possível por meio da língua, da linguagem dos símbolos escolhidos historicamente como metáforas ou outras figuras que se constituem como um tipo de moeda de troca, isto é, a interação é feita através da linguagem que realiza uma espécie de mediação do indivíduo com a cultura.

Proximal vem de próximo, perto, íntimo e é aí que entra o trabalho do professor, o adulto ou ainda um colega mais experiente de seu contato, que como parceiros detectam o seu potencial e a estimulam a se superar e a se apropriar do que em tese ela é naturalmente capaz. E assim fica claro o papel do professor, o mediador entre o sujeito e o mundo, uma pessoa mais experiente, um descobridor da ZPD do aluno, que o ajuda a interagir com os outros e assim atingir o que lhe é de direito, não melhor, nem além do outro, mas o que é o seu potencial. Vygotsky (2009) entende que as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitidas por meio da linguagem. Ainda que o indivíduo tenha o potencial de se desenvolver, se não interagir não se desenvolverá como poderia.

Qualquer inventor, mesmo um gênio, é sempre um fruto de seu tempo e de seu meio. Sua criação surge de necessidades que foram criadas antes dele e, igualmente, apoia-se em possibilidades que existem além dele. Eis porque percebemos uma coerência rigorosa no desenvolvimento histórico da técnica e da ciência. Nenhuma invenção ou descoberta científica podem emergir antes que aconteçam as condições materiais e psicológicas necessárias para seu surgimento. A criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores. Dessa maneira também se explica a distribuição desproporcional de inovadores e de pessoas criadoras em diferentes classes. As classes privilegiadas detêm um percentual incomensuravelmente maior de inventores na área da ciência, da técnica e das artes porque é nessas classes que estão presentes todas as condições necessárias para a criação (VYGOTSKY, 2009, p. 42).

Como vemos, a cultura negocia o sentido das coisas através de representações simbólicas e da linguagem que realiza a mediação do “objeto” e a compreensão do “objeto” como se fosse uma tradução, uma afirmação, uma certificação, como por exemplo: “casa” se há consenso de que se chamará “casa” e que se diz ca-sa, e que sua utilidade é para morar, o indivíduo entende. Essa informação vai parar no seu cérebro juntamente com a característica “morar”, ou seja, há internalização que é o momento onde o aprendizado se completa. Quando o indivíduo ao refletir sobre o nome e o significado de “casa”, ao internalizá-los, conseguirá abstrair o conceito de “casa” e torná-lo universal. Então “casa” não cabe mais apenas na palavra “casa” porque o próprio indivíduo descobriu os muitos sentidos da palavra. “A leitura, como a entendemos, pode nascer na escola enquanto uma prática de alfabetização e de decodificação básica de símbolos, mas com certeza, ultrapassa esses limites” (COSTA, 2009, p.36).

Assim, novas experiências afetivas, emocionais, de memória, de sentimento ou simplesmente de informação, tudo via mediação da linguagem na troca com os outros, na internalização do conhecimento adquirido, papéis sociais e valores se constroem.

3.3 A POESIA CONCRETA NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA

Neste tópico serão apresentadas algumas reflexões sobre vantagens e motivos para trabalhar a Poesia Concreta visando o desenvolvimento da leitura, em especial nos casos dos alunos fora da idade de alfabetização (adolescentes), mas que necessitam revê-la, porém, de uma maneira diferenciada daquela que pelas dificuldades apresentadas não foram eficientes. O motivo de a Poesia Concreta ter sido escolhida para o desenvolvimento deste trabalho foi a participação na disciplina ministrada pela professora Doutora Maria Raquel da Silva Stolf, intitulada “Processos de Escrita/Escuta de Processos”, no segundo semestre letivo do ano de 2017.

Algumas atividades propostas pela disciplina e escolhidas para este trabalho, de acordo com a ementa (2017/1), propõe desenvolver atividades textuais e outros desdobramentos, investigando-se processos de escrita e modos de escuta, textos e seus contextos de processos de escrita apresentados enquanto procedimentos em

proposições artísticas: relato, lista, transcrição, diagrama, notação, usos heterogêneos da palavra, a construção de títulos, invenções de escritas, inserções e desdobramentos de textos em outros contextos. Tais proposições envolvem relações entre textos e sons, podendo incluir a abordagem metodológica que pressupõe o cruzamento e interdependência entre a investigação teórica e a prática artística.

Deste modo, a poesia desenvolve habilidades linguísticas, trabalha a interpretação, aumenta a percepção dos fonemas que compõe as palavras e assim desenvolve a ortografia. A leitura do texto em voz alta ajuda os alunos a entenderem seus significados associando-os ao contexto do que foi lido. Isso os leva a compreender a linguagem, uma vez que uma expressão oral e escrita permite que os alunos entendam melhor a língua portuguesa de maneira geral.

A Poesia Concreta está dentro do Sistema de Arte, especificamente na literatura e/ou no campo da poesia. É uma forma de expressão que faz uso de recursos além das palavras. Augusto de Campos (1931)¹¹, é um dos nomes dessa Arte no Brasil. A Poesia concreta une a poesia e as artes visuais, o formato das letras e a disposição das palavras também criam sentido, por isso os poetas trabalham com cores e tipografia¹².

Uma das vantagens em trabalhar a Poesia Concreta é que ela pode ser apresentada como uma brincadeira enquanto gera a possibilidade de aprendizagem, pois podemos ver a palavra tendo um significado diferente a partir do momento que se pode ver a sua mudança, a mutação da palavra, da escrita para uma forma podendo ser até tocada, não sendo apenas a folha de papel suficiente para esse tipo de produção.

A Arte permeia as outras disciplinas e desta forma torna-se fundamental para desenvolver o potencial do ser humano, pois toda Arte criada é uma consequência

¹¹Augusto de Campos (1931) é um poeta, ensaísta, crítico de literatura e música e tradutor brasileiro, um dos criadores do movimento literário denominado Poesia Concreta, onde a poesia ganhava nova forma poética baseada na desintegração total do verso tradicional, uma reação contra a lírica discursiva e frequentemente retórica da geração de 45.

¹²conjunto de procedimentos artísticos e técnicos que abrangem as diversas etapas da produção gráfica (desde a criação dos caracteres até a impressão e acabamento), no sistema de impressão direta com o uso de matriz em relevo; imprensa.

do trabalho realizado pelo Homem. Em cada uma delas, expressa a personalidade do autor onde mostram o período em que foram feitas, criadas e as influências culturais sofridas.

A Arte não tem uma preocupação somente com o conhecimento artístico, mas também com a responsabilidade enquanto ação transformadora de um cidadão nos aspectos do seu caráter, na sua vida particular, no seu desenvolver diante da sociedade e no dia a dia, transcendendo a estética e a questão do “belo”, visto que, e respeitando que cada indivíduo possui o seu “belo” e por isso a Arte consegue englobar a questão de que o que é bom para alguns, pode não ser bom para outros. No entanto, há felicidade e satisfação nas duas alternativas.

Uma das formas de tornar a comunicação do jovem mais eficaz é a comunicação através da Arte, no caso desta pesquisa, mais precisamente por meio da Poesia Concreta. O motivo é que a Arte (poesia/romance) deveria estar mais presente na vida dos adultos. Se assim fosse, a criança, posteriormente jovem, seria apenas o reflexo desse contato com a literatura, com a leitura a exemplo dos pais ou dos adultos de sua convivência, fato que precisamos avançar muito ainda enquanto brasileiros.

Pela Poesia Concreta, Arte e leitura se entrelaçam num mesmo objetivo: a formação do leitor. Além disso, ela ajuda na socialização do jovem no momento em que ela proporciona novas possibilidades de acesso fazendo com que haja também toda uma busca pelo novo e a troca de informação, de ideias e opiniões.

A leitura nos permite criar um caminho estruturado para a tomada de atitudes e realização de ações. Quanto mais uma pessoa lê, mais compreensão irá demonstrar em sua vida, pois ajuda na adaptação ou luta pela transformação das regras da vida em sociedade. Através da leitura nós nos expomos a novas coisas, novas informações, novas maneiras de ver e interpretar o que nos rodeia.

Esse efeito de sermos expostos também nos instiga a explorar um mundo diferente a partir da leitura e da compreensão. Aperfeiçoar o que já sabemos também é um ganho concedido pela leitura. Através da leitura conseguimos entender mais e melhor a realidade, tendo uma maior compreensão do que nos conecta com o mundo, já que a comunicação é a ferramenta mais importante que pode ser transmitida através da leitura.

Quanto mais lemos, mais entendemos e mais nos comunicamos. No silêncio da leitura o cérebro se concentra e se acaso não se concentrar, com o passar das tentativas o mesmo irá se adequar, treinando a concentrar-se no que está lendo e assim, pelo começo, meio e fim dos textos e livros a mente, aos poucos, se encoraja em pensar em sequência, causa e efeito, efetivando assim, a compreensão do que foi lido, pois a leitura estimula o cérebro, faz pensar, imaginar, aumentando a criatividade.

A Poesia Concreta possibilita a produção da poesia com o verso tradicional abolido, ou seja, a liberdade para se expressar é maior e parte de uma abordagem complexa para uma linguagem sintética, para que as palavras possam ser exploradas e desmontadas, com a possibilidade de explorar a imagem do poema sendo em si mesmo uma imagem, um desenho.

A leitura, a princípio da imagem e após dos códigos escritos, expande a visão de mundo, pois colabora no desenvolvimento do caráter e da cultura, constrói uma pessoa mais focada por exigir a atenção e concentração em linhas e parágrafos. Ler é de fato uma experiência fascinante e que fazendo parte do dia a dia de qualquer pessoa ajuda a aprender de maneira fácil e acessível por meio dos livros. A pessoa que lê se torna mais segura em suas opiniões porque tem mais conhecimento e por isso mais argumentos para conversar e se socializar.

Devemos ter a clareza de que a escola não deve ter outra pretensão que não ao de chegar aos usos sociais da linguagem, na forma em que ela acontece no dia a dia das pessoas, com algumas finalidades, num contexto específico e sob a forma de um texto [...] por meio da linguagem, o homem se reconhece como humano, pois, ao comunicar-se com outros homens e trocar experiências, certifica-se de seu conhecimento do mundo e dos outros com que interage. Isso lhe permite compreender melhor a realidade em que está inserido e o seu papel como sujeito social (PORTO, 2009, p. 14).

Na medida em que se apresenta um texto, seja ele humorístico ou que nos leva à reflexão ou a sonhar, essa atitude é levar o aluno a perceber que temos diferentes estilos e linguagens conseguindo expressar na língua escrita toda a intenção que o autor tem ao transmitir sua mensagem.

A produção textual quando trabalhada desde a alfabetização, desde quando o indivíduo ainda lê apenas palavras ou pequenas frases, por meio do trabalho com atividades variadas, acontecimentos do dia a dia, para que possa estar expressando tudo aquilo que pensa e sente, ajuda a compreender que esse “ler” é uma habilidade

desenvolvida e que quando desenvolvida auxilia no aperfeiçoamento da escrita, pois só se aprende a ler, lendo assim como a escrever, escrevendo.

À medida que há percepção de que por meio da escrita se refletem naquilo que escrevem, percebem que é possível se expressar e que são capazes, despertando o desejo para tal. Os alunos precisam descobrir que temos várias maneiras de expressar a língua escrita e que como, por exemplo, uma notícia de jornal se difere da instrução de uso contida na embalagem dos produtos ou da bula de remédio, assim como uma poesia tem uma composição totalmente diferente de uma narrativa.

Atualmente toda a forma de fala pode ser trazida para a escrita, estando a escrita literária mais aberta a esse tipo de registro, ao contrário de épocas em que a mesma era rigidamente tradicional, não enfocando verdadeiramente a linguagem oral, ou seja, diferentes expressões escritas se tornaram possíveis, inclusive em forma de Arte, como é o caso da Poesia Concreta.

O incentivo que o professor dá aos alunos para fazer a relação entre a leitura e a escrita é fundamental. Criar um ambiente, uma contextualização da língua, do conteúdo, do objetivo. Iniciar pela produção do aluno a partir da leitura, dos subsídios da pesquisa, filtrando informações levando em consideração que a produção não vem apenas daquilo que o sujeito sabe, mas daquilo que ele vai aprender para adquirir e transformar seu conhecimento é fundamental. Ninguém pode escrever daquilo que não sabe por isso a contextualização.

Interação, ação entre sujeitos socialmente situados [...] entendendo a linguagem como interação, também o professor precisa ser sujeito e se acreditar como alguém que, com os alunos, pesquisa, observa, levanta hipóteses, analisa, reflete, descobre, aprende, reaprende. E isso tudo a partir do uso da língua, em circunstâncias de oralidade, de leitura e de escrita (PORTO, 2009, p. 13).

Numa sociedade de muita imagem cada vez mais se torna necessária a leitura e a escrita, tanto tradicional como de outras maneiras aliadas à imagem, como nas mensagens das redes sociais, ou no modo tradicional da leitura de um romance, mas ambas num mesmo objetivo: a comunicação, que vai muito além da decodificação de palavras possibilitando a formação de alunos leitores/escritores.

Gasparin (2007), afirma que para uma aprendizagem ser significativa ela deve começar pelo que os alunos dizem o que sabem sobre o assunto, em seguida o que

gostariam de saber mais, havendo assim uma troca com o professor, não apenas uma “imposição” de quem sabe para quem não sabe nada. Desta forma, o autor acredita que o conhecimento que irão aprender possibilite reflexão e então solução de problemas sociais, já que desta forma passam a ter propriedade do conteúdo estudado.

Caso essa “troca” não aconteça em detrimento da “imposição”, Saviani (2008), levanta a questão de que há uma descaracterização do trabalho escolar com o objetivo de desviar o foco do que é essencial a ser ensinado à classe proletária. Isso se torna possível pela organização burguesa da escola pública. Desvia-se o foco do ensino essencial deixando-o em defasagem para uma melhor manipulação do trabalhador.

Saviani (2000), não nega a qualidade do conhecimento burguês e sim defende que o mesmo seja proporcionado ao proletariado para apropriação da cultura já existente, para a possibilidade de a partir dela novos conhecimentos serem elaborados para suprir de maneira articulada as necessidades existenciais dos trabalhadores, ou seja, de acordo com o autor, a partir do processo de escolarização haverá compreensão por parte dos alunos sobre a organização social na qual estão inseridos, tendo condições, conhecimento para buscar e construir uma nova sociedade que atenda suas necessidades.

Como o processo de escolarização se inicia pela alfabetização, se ela não for efetivamente proporcionada ao aluno, de maneira alguma haverá essa compreensão, tampouco haverá organização social, sendo a construção dessa nova sociedade proposta e necessária à classe trabalhadora, mero discurso. Por isso a busca por uma metodologia baseada na Concepção Histórico-crítica que possibilite a apropriação e o desenvolvimento da leitura para alunos adolescentes que ainda não são leitores por não estarem alfabetizados, assunto tratado no capítulo a seguir.

4 GRUPO LEITURARTE: RELATANDO AS OFICINAS DE LEITURARA A PARTIR DAS ARTES VISUAIS

O capítulo quatro tem como objetivo relatar os resultados do trabalho desenvolvido pelo grupo Leiturarte¹³ a partir das oficinas que entrelaçaram alfabetização e artes visuais. Assim, primeiramente apresento a metodologia utilizada, descrevo o grupo de pesquisa contextualizando a realidade escolar e finalmente apresento as ações pedagógicas realizadas e a participação dos estudantes.

A presente pesquisa é qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados o diário de bordo da professora que registra além das estratégias didáticas as falas dos estudantes. A análise dos registros escritos pelo professor permite compreender os critérios utilizados por ele ao escrever o diário de bordo, como cita Zabalza (1994).

A análise dos diários de professores permite compreender como funciona esse instrumento e que tipo de seleção de acontecimentos fazem os professores que participam na experiência, qual o aspecto da dinâmica de suas aulas e de sua própria experiência profissional que destacam como mais relevante. (p. 104).

Fundamenta-se igualmente nos estudos realizados pela Pedagogia Histórico-Crítica como forma de compreensão das estratégias de distribuição dos conhecimentos Sócio-históricos no contexto da alfabetização. Finalmente o estudo encontra nas Artes Visuais, conhecimentos que ampliam o acesso ao processo de alfabetização, assim como ampliação de leituras de mundo.

Para a realização do planejamento foram utilizadas as contribuições de Gasparin (2007), pelo modo que o autor aborda a organização dos conteúdos, o que auxiliou a planejar considerando aspectos relevantes propostos pela Pedagogia Histórico-Crítica. Nas oficinas desenvolvidas foram priorizadas experiências de vida tanto dos estudantes como de seus familiares e pessoas da comunidade, de modo que coisas passadas despercebidas no dia a dia tiveram espaço para serem

¹³LEITURARTE: nome dado pelos alunos/as ao grupo participante das oficinas/projeto-piloto.

estudadas pelo grupo, como por exemplo, práticas da medicina alternativa com o uso da argila, atividades que veremos adiante.

O foco em palavras individuais na Poesia Concreta, por exemplo, ofereceu oportunidades para refinar habilidades de linguagem oral e escrita, tornando o alfabetizar (ou rever a alfabetização), um processo mais eficaz, conseqüentemente, resultando em um maior desempenho escolar. Trabalhar com a Poesia Concreta foi um trabalho que exigiu diversas aulas e em cada uma foi possível abordar uma estratégia diferente.

Foram utilizadas diversas poesias para explorar os recursos da escrita e oralidade dos textos, sendo uma das estratégias usadas, assim como as rodas de leitura. A princípio foram trabalhadas leitura descritiva das imagens selecionadas, após alguns encontros, partimos para a leitura de palavras, frases e textos, respeitando o tempo de cada estudante, pois atividades dinâmicas estimulam os estudantes a se alfabetizarem de forma divertida, além de proporcionar o contato com novos textos literários.

4.1 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

No desenvolvimento deste tópico, direciona-se especificamente para as diversas formas ou instrumentos de coletas dados, instrumentos esses voltados principalmente para pesquisas de abordagens qualitativa, para Rudio (1986, p. 114) “chama-se de instrumento de pesquisa o que é utilizado para a coleta de dados”, ou seja, aquilo que é estabelecido efetivamente e o que será utilizado no desenvolvimento de nossa pesquisa para a obtenção de informações inerentes ao trabalho a ser desenvolvido.

Com apoio da escola foram promovidas oficinas no contraturno, ou seja, sendo estudantes do período matutino, as oficinas foram realizadas no período vespertino, uma vez por semana ou mais, de acordo com a necessidade do desenvolvimento da pesquisa a qual foi desenvolvida na sequencia descrita abaixo para melhor organizar a coleta de dados necessários.

Primeiramente houve a seleção dos educandos dos Anos Finais do Ensino Fundamental de acordo com as dificuldades de leitura, trabalho facilitado pelo acompanhamento do serviço pedagógico prestado anteriormente pela mestrandia.

Depois de selecionados, bilhetes foram enviados às famílias pedindo o consentimento dos pais/responsáveis, mediante assinaturas, para a participação dos estudantes no projeto, além da autorização de divulgação de imagem nesta pesquisa (APÊNDICES 01 e 02).

Em seguida, para o início do desenvolvimento da oficina foi realizado um levantamento com os educandos sobre as manifestações culturais praticadas por pessoas vizinhas, familiares, amigos e conhecidos, no intuito de resgatar a prática social inicial, para compreender o universo dos estudantes e suas famílias, bem como reconhecer e diagnosticar as referências e repertórios trazidos para a escola.

Buscamos identificar ainda que experiências culturais e ou artísticas que participam de seu cotidiano. Esse diagnóstico inicial auxilia o professor a buscar estratégias de ampliação do conhecimento, neste caso o entrelaçamento da cultura e das artes visuais e suas possibilidades de contribuir tanto na ampliação da formação estética, quanto no processo de ampliação da alfabetização.

Outra estratégia desenvolvida foi a fase que propusemos trazer para a escola um convidado que pudesse a partir de sua história de vida contribuir com os saberes já existentes no grupo e nas estratégias de ampliação. Nesse processo os estudantes do Grupo Leiturarte atuaram como entrevistadores na comunidade, conversando e selecionando esse convidado/a.

As pessoas selecionadas foram mãe e filhas e por causa da idade avançada da senhora a ser entrevistada optou-se em fazer uma mudança na estratégia de trabalho, ao invés de ela vir até a escola, fomos até sua residência, o que possibilitou maior conhecimento, visto que suas filhas mostraram ervas medicinais e ensinaram a fazer emplastos de argila, assim como a utilidades de cada uma de acordo com sua cor.

Para dar início ao trabalho com a Poesia Concreta¹⁴, de maneira sucinta, trabalhamos um pouco sobre os artistas Augusto de Campos¹⁵, Hélio

¹⁴**Poesia concreta** é um tipo de **poesia** vanguardista, de caráter experimental, basicamente visual, que procura estruturar o texto poético escrito a partir do espaço do seu suporte, sendo ele a página de um livro ou não, buscando a superação do verso como unidade rítmico-formal.https://pt.wikipedia.org/wiki/Poesia_concreta

¹⁵Tradutor, ensaísta, crítico de literatura e música, o paulistano publicou em 1951 seu primeiro livro de poemas, *O rei menos o reino*. Em 1952, com seu irmão Haroldo de Campos e Décio Pignatari, dando início ao movimento internacional da Poesia Concreta no Brasil.https://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto_de_Campos

Oiticica¹⁶. Ensinar o verso livre torna-se a forma mais simples para incentivar a escrita de poesia. Essa liberdade torna natural e familiar a escrita, a colocação das ideias no papel, que o sucesso de todos os estudantes é possível. O verso livre é fácil para eles utilizarem compondo poemas porque estão presentes em seu pensamento e linguagem diária.

A redação de poesia traz benefícios ao aluno para o desenvolvimento da leitura e da escrita crítica e criativa porque leva o aluno a questionar e a refletir sobre os valores e os problemas existentes na vida cotidiana. A poesia concreta possibilita o desenvolvimento da apreciação nas suas qualidades poéticas como a beleza, a harmonia e a simplicidade. Melhora a apresentação daqueles estudantes com linguagem limitada. O trabalho com ela aumenta a motivação e os hábitos de leitura, motivos pelos quais a Poesia Concreta foi escolhida para o desenvolvimento das atividades das oficinas.

Para expor os trabalhos realizados de maneira diferenciada na Feira do Conhecimento da escola, a atividade realizada consistiu na montagem de um livro expositor gigante com as principais atividades realizadas nas oficinas. Suas páginas em MDF de 50 cm por 80 cm permitiram que ele ficasse em pé e aberto, de maneira que para ler seu conteúdo o leitor não necessitou virar suas páginas, mas ele é quem teve que caminhar ao redor da mesa para lê-lo.

A atividade final do projeto consistiu em uma visita à construção de uma casa em adobe (terra ensacada). Uma técnica de bioconstrução barata e sustentável, pois como estudamos os tipos de moradias e os problemas sociais enfrentados em relação a elas, pela má distribuição de renda e políticas públicas ineficazes para combater os problemas citados, essa visita foi uma estratégia para motivar o grupo a escrever de modo avaliativo o projeto do qual fizeram parte.

Essa avaliação foi realizada primeiramente de maneira oral pelo Grupo Leiturarte, numa roda de conversa. Só então é que passaram suas ideias para o papel. Relataram os pontos positivos e negativos, as dificuldades encontradas e ou superadas durante as oficinas.

¹⁶Hélio Oiticica (1937-1980) foi um artista plástico brasileiro, pintor, escultor e destacado artista performático. Foi um dos grandes nomes da arte concreta no Brasil. https://www.ebiografia.com/helio_oiticica/

Vale ressaltar que as oficinas realizadas em nenhum momento foram pensadas como um meio “milagroso” para sanar dificuldades acumuladas durante anos de escolarização, mesmo porque, o tempo de trabalho foi curto. O intuito foi experienciar uma metodologia diferenciada onde a leitura foi trabalhada a partir das Artes Visuais.

4.2 SUJEITOS DA PESQUISA

O município de Lebon Régis/SC, localiza-se em uma região que tem em sua história as marcas da “Guerra do Contestado”, conflito por terras ocorrido entre os anos 1912 a 1916. De descendência cabocla, o povo é trabalhador e hospitaleiro, porém sofrido e com marcas de exclusão social onde uma delas é o grande número de analfabetos.

Sendo a exclusão um problema social, que tem como consequência, o analfabetismo, entende-se que a desmotivação e o desinteresse apresentam-se como consequência da vida precária, da falta de condições para estudar, por exemplo, ou ainda a evasão escolar, um problema social enquanto condição de classe, a classe dominada, a classe trabalhadora de onde é a maioria dos alunos que se evadem da escola, visto que a burguesia não tem um grande contingente de alunos que saem da escola, pois são conscientes que ao contrário da antiguidade onde as pessoas se submetiam pela força bruta, no contexto atual, essa submissão se dá por meio a privação do direito ao conhecimento.

O Estado vincula-se aos interesses de uma única classe e, ao invés de representar o conjunto da população, organiza-se no sentido de atender prioritariamente às demandas do capital e da classe que o detém. Nesse sentido, deturpa os ideais da própria democracia, distribuindo desigualmente as possibilidades de exercícios dos direitos de participação da população na vida pública, isto é, no governo desta mesma população. Isto decorre tanto do pouco esclarecimento do povo sobre os seus direitos de cidadania, como da existência de mecanismos que dificultam ou inviabilizam essa participação (MATO GROSSO DO SUL, 2000, p. 58).

Pelos motivos citados, com poucos anos de frequência escolar os estudantes largam os estudos sem estar amplamente alfabetizados, ou ainda, continuam nos bancos escolares, mas sem uma leitura fluente, o que mostra um dos grandes problemas, específico da escola, que tem relação com a concepção de conhecimento, de conteúdo e de metodologia. Cabe a nós educadores refletir sobre

a questão que a escola, por consequência, o sistema de ensino vigente não é preparado ou voltado para as necessidades do aluno filho da classe trabalhadora.

Para Saviani (1987), o saber é força produtiva e sendo a sociedade capitalista caracterizada pela propriedade privada dos meios de produção, a classe que os detêm, ou seja, a burguesia empenha-se na apropriação do saber, tirando esse direito da classe trabalhadora. A classe dominante sistematiza o saber de que se apropria e o devolve parcelado para a classe trabalhadora. Deste modo, detêm a propriedade do saber relativo ao conjunto do processo produtivo restando ao trabalhador apenas o saber correspondente à parcela do trabalho que lhe cabe executar para servir o seu patrão.

Para a seleção dos estudantes a participar das oficinas do grupo Leiturarte considerou-se a experiência de educadora cujo papel foi o de acompanhar os estudantes com dificuldades. Na condição de responsável pelo serviço pedagógico, vinha há tempos observando suas notas, as falas dos professores e dos pais. Houve ajuda dos professores, principalmente os de Língua Portuguesa para auxiliar no processo de identificação de quais estudantes tinham maior necessidade de participar da oficina. Nem todos puderam participar, pois alguns residem no interior do município e não há transporte escolar nos dois períodos, matutino e vespertino.

Apenas um estudante se recusou a participar do grupo de estudo, argumentando já frequentar um programa no contraturno. Outras e três educandas não puderam participar porque as mães não autorizaram. Mesmo assim, diante de quatorze convites distribuídos, compareceram dez educandos, a princípio, com assiduidade. Com o passar do tempo houve desistência de duas irmãs, mesmo diante da solicitação dos professores das disciplinas específicas para frequentarem e estarem cientes, mãe e filhas, da necessidade da participação nas oficinas não permaneceram.

Esses estudantes vêm dos bairros e do interior do município. São adolescentes entre doze e quinze anos de idade. De maneira curiosa e não intencional o grupo se reduziu parcialmente às mesmas famílias: duas irmãs, dois irmãos gêmeos e mais um casal de irmãos, sendo os outros quatro de famílias distintas. No grupo estão reunidos alunos de sexto, sétimo e oitavo ano, no entanto, com dificuldades semelhantes. Suas idades são variadas como consta na tabela abaixo (ano/2017)

Tabela 7 - Nomes fictícios dos componentes do Grupo LEITUARTE

NOME	IDADE	ANO/SÉRIE
Kinceler	13 anos	Sexto ano
Oiticica	15 anos	Oitavo ano
Cora	13 anos	Sétimo ano
Augusto	11 anos	sexto ano
Niemeyer	13 anos	Sexto ano
Lygia	11 anos	Sexto ano
Portinari	15 anos	Oitavo ano
Tarsila	12 anos	Sexto ano

Fonte: Acervo pessoal.

O grupo foi formado por oito componentes, destes a maioria meninos, (cinco meninos e três meninas). Optou-se em preservar a identidade dos participantes do grupo Leiturarte. Por isso serão utilizados os nomes fictícios da tabela acima.

Portinari e Oiticica são irmãos gêmeos, residem com a avó, no interior sendo capatazes numa fazenda. Oiticica faz uso de óculos, fala constantemente, desvia um pouco o trabalho e é desleixado com seu material. Lê com dificuldade, possui muitos erros de escrita. Termina tudo muito rápido para ficar ocioso. Portinari é muito trabalhador, possui iniciativa, é caprichoso no que faz, não gosta de barulho, conversa pouco. Sua leitura é um pouco melhor que a de seu irmão, porém suas notas são um pouco mais baixas. A higiene de ambos é precária, gostam muito do lanche servido na escola. A avó é presente no ambiente escolar e nos conselhos de classe. Apesar de cuidar de vários netos acompanha todos.

Kinceler e Lygia também são irmãos. Apesar dela ser dois anos mais nova que ele, os dois cursam o sexto ano/2017. Lygia é esperta. Participa bastante e quando consegue ajuda o irmão mais velho. Sua leitura é truncada e mesmo quando solicitado para ler em voz alta quase cochicha, o que dá para perceber que tem vergonha por não ler tão bem, sendo consciente que precisa melhorar.

Kinceler é o caso mais preocupante do grupo. Reconhece as vogais e algumas consoantes. Junta apenas as vogais, quanto a sílabas não consegue reconhecê-las, nem mesmo as simples. É um menino calmo, educado, caprichoso e qualquer atividade que lhe apresente ele tenta incansavelmente concluí-la. Gosta de desenhar e surpreendeu a todos/as na modelagem com argila. Ao final das oficinas

a mãe foi chamada para orientação em relação às observações da professora e a necessidade de uma avaliação neurológica.

A mãe foi compreensiva, ao contrário de algumas famílias que não aceitam a solicitação escolar, porém deixou claro que devido à falta de recurso financeiro poderia haver demora em levá-lo à consulta. Segundo ela, “Tudo depende da colheita do morango” e o único neurologista que a Secretaria da Saúde oferece atende os alunos, porém se precisar de algum laudo ele se nega a fornecer, sempre.

Cora e Tarsila são primas. Ambas possuem dificuldade em expressar suas ideias, porém Tarsila se sobressai ao tentar registrar suas ideias. Durante as oficinas ambas se queixavam de dores de cabeça, o que motivou a professora a realizar o teste de visão em todo o grupo. As duas apresentaram problemas visuais. Logo as famílias foram contatadas. Para Tarsila, após um tempo a mãe conseguiu consulta e óculos, inclusive com um grau elevado.

Cora até o momento não foi ao oftalmologista e as dores de cabeça permanecem, dores que podem ser causadas pelo problema de visão. A mãe sabe da necessidade, porém afirma que a consulta consegue pagar, já os óculos não têm condições. Cora é muito falante, simpática e faz amizade com facilidade. É prestativa, porém não muito persistente nas atividades propostas. Apesar de comunicativa e amigável não leva desaforo para casa. Por várias vezes entrou em atrito com os meninos do grupo.

Tarsila é calma, amável, faz o que lhe é proposto. Um fato que atrapalha tanto uma quanto a outra são as faltas. Ao menos uma vez na semana elas faltam nas aulas regulares, o que prejudica o aprendizado. Foram advertidas, as famílias comunicadas, porém, sem resultado positivo.

Augusto de Campos é o mais falante do grupo. É o aluno que acha que sabe tudo, não sabe a hora de ouvir, faz brincadeiras de mau gosto, fofocas, porém não possui falta. Outro ponto positivo é que tem capacidade de argumento, questiona se não entende. Os colegas se irritam com frequência por causa de suas atitudes, porém logo se acertam. Sua leitura está um pouco mais desenvolvida que a dos demais colegas. Por causa da distração acaba se atrasando nas atividades, mas se leva para casa para terminar demonstra responsabilidade. Não conseguiu desenvolver nenhum trabalho com argila, apesar de ter tentado.

Niemeyer também é um caso preocupante. Com treze anos frequenta a turma de sexto ano. Possui muitas faltas, gazeia aulas, fuma e joga sinuca. Praticamente não lê, escreve menos ainda. Durante as oficinas fez todas as atividades com dedicação, porém em sala de aula as reclamações são constantes. O que se percebe é que necessita de atenção individualizada, o que não é possível em uma turma de vinte e oito a trinta estudantes.

As condições socioeconômicas gerais não são boas, tem educando que vive com os avós dependendo de um salário de aposentadoria para seu sustento. Outros somente com a mãe ou mãe e padrasto. A renda familiar vem do trabalho na plantação de morangos e outros trabalhos na agricultura.

A maioria deles já ajuda a família, seja na lavoura de morangos, cuidando do gado do patrão ou fazendo roçadas. Durante conversas informais Portinari comentou: “Ahhh, prefiro vir para a escola [...] se ficar em casa tenho que ir trabalhar” o que evidencia o interesse em estudar para sair da situação difícil de ter que estudar e trabalhar, sendo cansativo para um adolescente.

Comentários desse tipo na fala dos estudantes foram utilizados pela professora para promover a reflexão sobre os motivos dessas desigualdades, pois enquanto os filhos do patrão estudam em outra cidade, em escola particular, Portinari e seu irmão Oiticica tem que chegar da escola e ir mato adentro procurar vacas de cria, bezerros doentes, cercas arrebitadas, ficando algumas vezes sem tempo para fazer trabalhos e tarefas.

As demandas sobre a alfabetização [...] destacam a insuficiência da realidade atual no cumprimento de sua tarefa de ensinar a leitura e a escrita a todos. Muitas crianças adentram os portões escolares e não encontram nesse espaço subsídios materiais e imateriais para sua formação. Por trás disso subjazem, dialeticamente, na unidade sociedade-educação, questões de naturezas diferentes: a ineficácia das políticas públicas para a classe trabalhadora, problemas de infraestrutura econômica e social e, de maneira mais contundente, questões de formação dos professores alfabetizadores – incidindo drasticamente nas concepções e métodos utilizados em sala de aula (DANGIÓ, 2018, p. 62).

Nesse sentido, os desafios para a Educação vão desde despertar nos estudantes a vontade de aprender ao estímulo da capacidade de pensar e questionar sua realidade desenvolvendo assim o senso crítico, além de fomentar a autonomia intelectual e social. Sendo assim, no próximo tópico será apresentada a prática utilizada na realização da proposta apresentada.

4.3 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A partir do trabalho descrito acima, questões voltadas para a importância da educação e do conhecimento, foram abordados como um convite ao aprimoramento da leitura e da escrita por meio da Poesia Concreta. Poesias e textos variados foram selecionados previamente, de acordo com os temas pesquisados, dando suporte para trabalhar as dificuldades encontradas na leitura e por consequência na escrita.

As oficinas tiveram início no segundo bimestre de 2017. Foram realizadas em forma de projeto piloto tendo como cerne da questão, quando se trata da formação do leitor após a idade da alfabetização, ou seja, aos seis, sete anos. Também tratamos aqui sobre o método dessa formação proposta pela Pedagogia Histórico-crítica, de modo a incluir técnicas e materiais das artes visuais, enquanto estratégias, pois contribuem para o aprendizado, mas não de maneira a substituir o processo ensino-aprendizagem da leitura e escrita.

Sendo assim, é fundamental que a criança seja uma leitora do movimento da realidade humana e social e esse é o papel do professor alfabetizador, do processo ensino aprendizagem da leitura e escrita.

Com base nisso, as atividades foram planejadas e aplicadas de maneira diferenciada do trabalho proposto para crianças de seis anos. Isso quer dizer que ao invés de iniciar pelos nomes e sons das letras, isoladas, iniciamos pelo som de palavras-chave de acordo com o que foi sendo explanado durante as conversas. Depois disso as sílabas das palavras escolhidas foram estudadas de forma que com a ajuda do grupo outras palavras a partir dessas pudessem ser formadas.

As atividades foram registradas em um caderno específico utilizado para as atividades do projeto, sendo elas copiadas do quadro ou impressas, recortadas e coladas ou montadas, assim como as produções textuais iniciadas por acrósticos, versos e depois pequenos textos. Num primeiro momento coletivo e após um tempo

individual, mas sempre com o auxílio da professora e dos colegas tentando se ajudar, aprendendo coletivamente, como é possível conferir nos apêndices (a partir do APÊNDICE 03) por fotos e imagens digitalizadas dos cadernos.

Os rudimentos da leitura de cada um foram valorizados, assim como a escrita, apesar de incompleta ou com ortografia errada, sempre foram revistas de maneira que cada estudante pode corrigir o que escreveu com o auxílio da professora ou dos próprios colegas. A maioria no início se recusava a ir ao quadro, demonstrando insegurança e vergonha, mas com o passar do tempo passou a ser rotina, sendo uma oportunidade para a professora avaliar a aprendizagem.

No entanto, para propor um projeto se faz necessário um planejamento para desenvolvê-lo, relato descrito que compõe o tópico a seguir.

4.3.1 A inspiração para o planejamento do projeto-piloto e as oficinas

FIGURA 3 – O João também faz arte
(Fachada do prédio CEART)



Fonte: Centro de Artes UDESC
Florianópolis SC

O projeto piloto em si partiu da orientação que para tratar de um determinado assunto com maior propriedade, a experiência é um bom suporte.

Para tanto, um planejamento se faz necessário. Diante disso, a atenção e observação de tudo ao redor à procura de um ponto inicial para o desenvolvimento das atividades foi iniciado.

Foi assim que diante de tantas ideias a serem organizadas, sentada em frente ao CEART, pensando, observei uma casa de João-de-barro construída justamente no “R” do ART.

Tudo ficou mais claro, como o “João” também faz arte, a arte com o barro. A partir da construção da casa do João-de-barro todas as outras atividades a serem propostas foram se encaixando, como a possibilidade de iniciar as atividades pelo conhecimento prévio dos estudantes, associá-lo ao conhecimento científico e artístico para a transformação da realidade: o avanço na leitura e na escrita.

TABELA 8 – Cronograma de Atividades

De 02 à 05/maio	Seleção dos estudantes por meio de conversa com os professores e observações anteriores das notas e rendimento escolar. Contato com as famílias para autorização da participação nas oficinas.
09/mai	Encontro
16/mai	Encontro
23/mai	Encontro
30/mai	Conselho de Classe
06/jun	Encontro
13/jun	Feriado Municipal
20/jun	Reunião Pedagógica
27/jun	Encontro
04/jul	Encontro
11/jul	Encontro
18/jul à 25/jul	Recesso Escolhar
02/ago	Encontro
09/ago	Encontro
16/ago	Encontro
23/ago	Reunião GERED
25/ago	Feira do Conhecimento
30/ago	Evento E.A.I Florianópolis
06/set	Visita à casa de Terra
13 à 20/set	Relatório avaliativo por parte dos estudante

Fonte: Acervo Pessoal

4.3.2 As produções do grupo Leiturarte

As oficinas foram desenvolvidas por meio de estratégias que variaram entre vídeos, textos, produções textuais individuais e coletivas, pesquisa na internet, confecção de brinquedos e quadros de atividades em argila, além de visita às pessoas da comunidade que fazem uso do barro local e da argila industrializada para o uso medicinal e cosmético, além da visita a uma bioconstrução em adobe (terra ensacada) em um município vizinho.

Os proprietários da casa de barro, Fabíola Rubas Giroto e Gustavo Paniz, também foram estudantes da especialização “Arte no Campo” - UDESC. Residentes no Assentamento Primeiro de Maio – Curitiba nos responsáveis pela organização da juventude do MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, primam pela cultura camponesa e o direito de permanecer no campo com uma vida digna e de respeito.

Apesar de o trabalho realizado buscar estratégias diferenciadas e diversificadas, suas atividades foram preparadas sempre no sentido de desenvolver a leitura (literária e da realidade), a escrita, interpretação e a produção oral e escrita.

Relatos de experiências, de recontos da aula anterior e de “causos” foram levados em consideração de maneira a estimular a evolução, comparando início/término do projeto, no que diz respeito a participação e produção. A timidez ou medo em expor opiniões ou “errar” em exercícios no quadro já não tinham importância, visto que por meio dos erros também é possível aprender e consertá-los.

O material utilizado como a argila, folhas e cipó fazem parte do dia a dia dos estudantes, devido habitarmos um município do interior. Quando esse material e as atividades a serem desenvolvidas no projeto foram apresentadas como proposta para o desenvolvimento da leitura e da escrita, houve certo espanto por parte dos estudantes envolvidos, pois até então não tinham associado esses materiais cotidianos à possibilidade de aprendizagem. Neste sentido, ao proporcionar a leitura e a escrita aos estudantes o mundo do conhecimento científico lhes é apresentado.

A criança passará a estudar ciências naturais, história, geografia, aritmética através da linguagem escrita, isto é, lendo e escrevendo de modo sistemático. Dá-se, assim, o seu ingresso no universo letrado. Em suma, pela mediação da escola, acontece a passagem do saber sistematizado, da cultura popular à cultura erudita (SAVIANI, 2008. p. 21).

Deste modo, o ponto de partida, o motivo para ler, escrever e produzir se deu a partir de uma casa de João-de-barro levada para a sala de aula. Do tema “Da casa do João de Barro aos problemas sociais de moradia”, foi possível refletir sobre os motivos que levam a desigualdades sociais onde alguns possuem várias moradias e outras moram na rua, comparar os tipos de moradia iniciando pelo município, após para as diferentes regiões do país levando-os a perceber as diferenças sociais e econômicas, o preconceito e a discriminação entre uma casa de pau-a-pique e uma casa também construída de barro ou terra, mas caracterizada como ecologicamente correta.

FIGURA 4 - Aula inicial com o grupo LEITURARTE



Fonte: Arquivo Pessoal

Sob uma reflexão crítica, pode-se analisar que a proposta acima descrita seria o trabalho que qualquer professor alfabetizador, no entanto, qual seria a resposta para o porquê dos alunos não saberem ler fluentemente depois de anos na escola?

Ao analisarmos essa problemática pela ótica didático-metodológica, recaímos sobre a formação de professores no Brasil, regida prioritariamente pelo ideário pedagógico construtivista parte integrante das “teorias não críticas”, cujos pressupostos tornaram-se hegemônicos na educação escolar nas últimas décadas. Grosso modo, para o construtivismo cabe ao professor a tarefa de acompanhar o desenrolar do processo educativo, não como transmissor do conhecimento, mas como alguém que ampara o aluno em sua própria construção. Para essa concepção, a aprendizagem conquista maior qualidade quando alçada pela criança em seu percurso individual, sem interferência incisiva do professor (DANGIÓ, 2018, p. 7).

Com base na citação acima, questões sociais como o direito à moradia, à uma escola de qualidade, o direito e a importância de aprender a ler, à diversidade e temas como preconceito, discriminação, pobreza e riqueza (classes sociais) foram abordados aproveitando, vídeos, imagens e principalmente aulas dialogadas sendo utilizadas como meio didático para atrair o interesse desses estudantes, neste caso, aqueles que ainda não leem de acordo com sua idade e etapa escolar, sem

necessariamente apresentar diagnóstico de atraso intelectual ou outra deficiência atestada por laudo médico.

Considerando a maneira como esses estudantes veem e significam a leitura de acordo com suas experiências e a partir delas, de acordo com essa realidade como ponto de partida para a aprendizagem do conhecimento historicamente acumulado, o registro dos tipos de moradia estudados foi realizado por meio da produção coletiva de poesias, atividades de leitura e escrita e desenho em placas de argila. Essas placas foram trabalhadas por eles desde a espessura ideal, tamanho e secagem.

FIGURA 5 - Peças confeccionadas pelos estudantes
(Peças orientadas e de livre iniciativa)



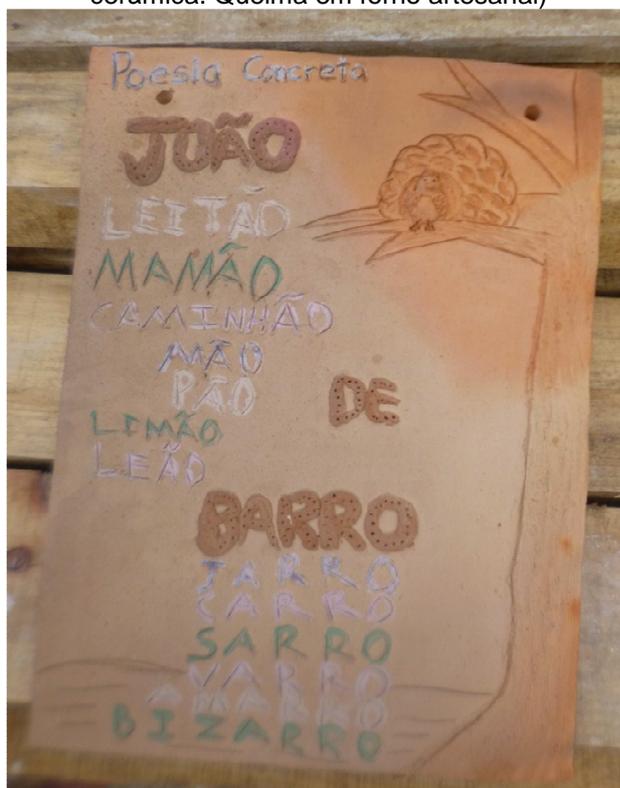
Fonte: Arquivo Pessoal

Esse trabalho foi realizado a partir das pesquisadas feitas na comunidade escolar associadas à Poesia Concreta¹⁷ enquanto poema transformado em objeto visual de modo que a letra, sua forma física, as formas combinadas de cada trecho são exploradas de maneira a formarem figuras, significativas, permitindo que o poema se torne ao mesmo tempo uma peça visual, trazendo para esses estudantes

¹⁷ O poema é transformado em objeto visual: agora, a letra, sua forma física, as formas combinadas de cada trecho são exploradas de modo a formarem figuras, significantes, permitindo que o poema se torne ao mesmo tempo uma peça visual de arte.

novas possibilidades de expressão, percepção e compreensão, interpretando as experiências adquiridas.

FIGURA 6 – Poesia intitulada “O voo do João-de-barro”
(Produzida coletivamente pelo grupo Leiturarte, repassada para a placa de argila, transformada em cerâmica. Queima em forno artesanal)

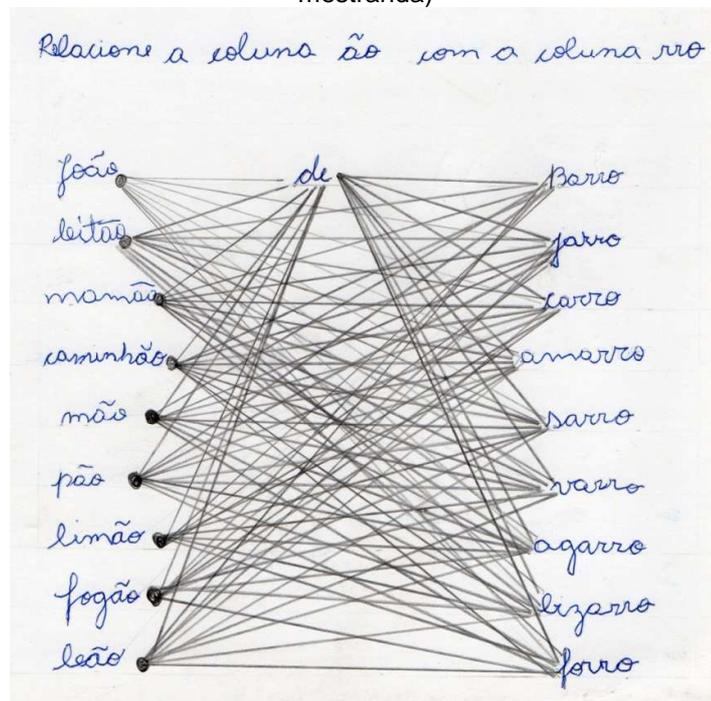


Fonte: Arquivo Pessoal

Este trabalho fez parte da Anecoica¹⁸ produzida na disciplina Processos de escrita/Escutas de processo/2017, ministrada pela professora Raquel Stolf, de maneira a fazer um jogo de palavras seguindo as linhas do “Voo do João-de-barro”.

¹⁸ A publicação anecoica propõe pensar intersecções entre som, texto e contexto, entresilêncios/ruídos impressos e sonoros. Foi construída no Seminário Especial Investigações sob(re) proposições sonoras, ministrado por Raquel Stolf no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, do Centro de Artes-CEART da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC, Florianópolis, em 2014.

FIGURA 7 - Atividade realizada coletivamente pelo LEITURARTE
(Sob orientação das atividades da disciplina "Processos de escrita/escuta de processo", cursada pela
mestranda)



Fonte: Arquivo Pessoal

As estratégias desenvolvidas nessa atividade envolveram os alunos na proposta de trabalho, sendo o primeiro passo o estudo e planejamento do que deveria ser realizado, como por exemplo, a pesquisa das palavras-chave. Atividades: leitura em dupla onde um lia a primeira palavra e em seguida o outro lia a palavra com rima igual à do primeiro leitor, ou a leitura em grupo: a professora mostrava os pares de palavras e sendo palavras parecidas, a atenção se fez necessária para não errar. Após algum tempo eles mesmos foram mudando as regras e assim tomando a leitura um do outro. Desta forma, foram definidas tarefas específicas para direcionar o trabalho de maneira clara e simples.

A face fonética compõe mecanismo [...] que converte em fluxo contínuo de sons em unidades individualizadas ou "fonemas", tendo cada um desses fonemas, na palavra, um papel decisivo na discriminação do significado [...] a totalidade desse processo metodológico constitui-se em uma unidade, pois a cada mudança de um componente fonético corresponde a uma mudança de significado da palavra (DANGIÓ, 2018, p. 29).

Perceber o som associando-o ao símbolo escrito é primordial no momento do registro escrito. Dessa forma, é necessária sim a repetição dos sons para a percepção de suas diferenças, atividade que falta na metodologia de alfabetização

atual. Tudo é atrelado ao método tradicional, tido como inadequado, porém o que se diz adequado é superficial, sem um bom direcionamento insistente na aprendizagem.

Todos os exercícios foram uma forma de envolvimento dos alunos, independentemente de ser um exercício científico ou artístico, foram formas encontradas para ensinar a leitura, sempre buscando alternativas diferenciadas. Mesmo sendo o papel da escola preparar o aluno para que tenha inclusive a disciplina necessária para a aprendizagem, aprender de forma prazerosa é mais atrativo.

Para a próxima atividade, partindo do conhecimento prévio dos estudantes, associado ao conhecimento das pessoas da comunidade, fizemos uma visita à senhora Orestina Gonçalves do Prado, de 86 anos a qual nos foi muito útil, contribuindo para o trabalho sobre a argila, que ela e suas filhas utilizam para fins medicinais ensinando para outras pessoas da comunidade, inclusive nesta oportunidade mostrando para o grupo a maneira de preparar e aplicar o emplastro de barro/argila.

Dona Orestina relatou ainda que possui uma neta esteticista que faz o uso da argila para fins da beleza/limpeza da pele com bons resultados. Mostrou diversas cores de argila em pó e falou sobre os cuidados para obtenção do barro (profundidade que se deve cavar o buraco para tirar a terra), devido à possível contaminação do solo.

Essa senhora é professora aposentada, assim como uma de suas filhas que mostraram suas experiências para o grupo. As mesmas conversaram sobre a importância dos estudos para a vida do cidadão, as dificuldades enfrentadas quando foram estudantes e como foram, com o passar do tempo, se ampliando as chances para adquirir conhecimento, no entanto, sem a devida valorização por parte de muitos no que diz respeito ao município de Lebon Régis.

FIGURA 8 - Visita à dona Orestina
(Para uma conversa sobre o uso medicinal do barro local e a argila industrializada, ambos em forma de emplastos)



Fonte: Arquivo Pessoal

Acreditando que a leitura possibilita ao leitor experimentar sentimentos, emoções, compartilhar conhecimento com o outro saindo de seu mundo real por meio do imaginário e inteirar-se do meio em que vive, percebendo-se sujeito da história e construtor dela, percebeu-se no decorrer das atividades que a leitura, desenvolveu a autoestima, a criatividade e a formação social desses estudantes.

Então, o trabalho realizado por essas pessoas entrevistadas mostra o valor do domínio do trabalho como criação humana, e por ele foi possível perceber a concentração e gosto por essa atividade por parte do grupo, que ao chegarem para a oficina logo perguntam “Vamos fazer o quê de diferente hoje professora”?

Nos momentos em que acabam as atividades direcionadas, pediam para fazer modelagens livres, momento em que foi possível perceber que estudantes que praticamente não conseguiam ler se destacaram na modelagem conseguindo inclusive fazer uma breve produção oral sobre sua modelagem.

Nesse momento a formação estética entrou em voga, pois ela abre um leque de oportunidades tornando esses estudantes capazes de compreender e externalizar o mundo que os rodeia e a partir dessas percepções poderem construir ideais e dar vazão aos seus sentimentos ampliando experiências para uma percepção mais livre e completa da realidade.

Dessa forma, o professor precisa assumir o papel de mediador no processo de ensino-aprendizagem, sem esquecer que ele é o sujeito que sabe e deve ensinar o aluno a ler e escrever e, assim, dissecar os discursos orais e escritos (PORTO, 2009, p.15).

Qualquer atividade, pedagogicamente falando, deve-se lançar mão de estratégias que contribuam para o ensino-aprendizagem, neste caso, da leitura associada a estratégias que envolvem as técnicas artísticas, mas que continua sendo trabalho de alfabetização, de aprendizagem da leitura e da escrita. Além disso, o objetivo dessa aprendizagem é o domínio do discurso, entendendo que esse domínio permite ao aluno falar, interagir com alguém.

FIGURA 9 - Modelagem livre para produção oral de estória



Fonte: Arquivo Pessoal

FIGURA 10 - Atividades de leitura e escrita



Fonte: Arquivo Pessoal

Essas atividades descritas e registradas para o exercício pedagógico foram planejadas sob as ideias do artista Helio Oiticica, mais precisamente do Parangolé.

O Parangolé revela então o seu caráter fundamental de “estrutura ambiental”, possuindo um núcleo principal: o participador-obra, que se desmembra em “participador” quando assistida de fora nesse espaço-tempo-ambiental (OITICICA, 1986, p. 72).

Oiticica foi escolhido para ser estudado porque traz para o museu um público que nunca foi admitido nesses espaços sagrados. Propõe uma arte que rompe barreiras. O que interessa, então, de fato, em Oiticica, que contribui para a formação leitora é a reflexão de que enquanto classe trabalhadora, nós também precisamos romper as barreiras das desigualdades sociais impostas pelo capitalismo.

Hélio Oiticica, propositor de uma poética automeada “ambiental”, “comportamental”, e/ou “experimental”, focada nos atos concretos e simbólicos do corpo, situada para além da pintura, abrange a invenção de objetos, ambientes, performances, textos críticos, contos, poemas, relatos sobre suas experiências, o que inspira trabalhos diferenciados para a apropriação do conhecimento.

FIGURA 11 - Confecção de apitos e piões de argila e atividades com jornal



Fonte: Arquivo Pessoal

FIGURA 12 - Queima coletiva das peças
(Os educandos arrumando as peças confeccionadas. Oito horas de forno)



Fonte: Arquivo Pessoal

Em 1964 Oiticica aproximou-se da cultura popular e passou a frequentar a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, tornando-se passista e integrando-se na comunidade do morro. Vem dessa época o uso da palavra "Parangolé" que passou a designar as obras que estava trabalhando naquele momento. Os primeiros parangolés se compunham de tenda, estandarte, bandeira, ou seja, a primeira "capa" para ser usada sobre o corpo.

Se na sociedade de Mangueira Oiticica experimentou um alto nível de comunicação humana, o significado das ações humanas, isto simultaneamente o fez consciente do isolamento do artista e sua obra na cultura europeia do Rio. Ele viu também o choque entre as favelas e a cidade moderna, que inevitavelmente transforma jovens de Mangueira em marginais [...] os mesmos materiais aparecem em um contexto que aprofunda e amplia seu significado metafórico, e o espectador pode participar mais plenamente da metáfora reveladora (OITICICA, 1986, p. 125).

O problema não é a arte que sai dos museus e vai para a escola, mas a arte que o museu, e todo o aparato hegemônico diz que pode ou não entrar no museu, desde o tipo da arte até os tipos de pessoas que podem entrar nesse "solo sagrado".

De acordo com os textos estudados, orientados pela Pedagogia Histórico-crítica, foi possível fazer com que o grupo percebesse que quanto maiores as desigualdades sociais, mais intensos tendem a ser os problemas de educação, saúde e moradia. Por esse motivo incutir em suas vidas a necessidade da apropriação da leitura foi trabalho constante durante as oficinas.

Um dos maiores benefícios de saber ler e escrever em uma sociedade letrada: participar ativamente da vida social, agindo e interagindo com as significações, tanto verbais quanto de conhecimentos sistematizados historicamente, em um processo humanizado requalificador do psiquismo, fazendo-o alçar patamares cada vez mais elevados de desenvolvimento (DANGIÓ, 2018, p. 27).

Por isso, além de buscar um avanço na alfabetização do grupo, estudamos e visitamos uma construção ecológica (bioconstrução), uma alternativa barata e sustentável de moradia. A partir deste tema foi possível trabalhar o conceito de “hegemonia” com o grupo, visto que sem um exemplo concreto seria de difícil compreensão. O exemplo se deu na reflexão sobre a construção civil convencional e a bioconstrução.

A hegemonia é a capacidade revelada por um ou mais grupos sociais de dirigir outros grupos sociais através do consentimento. Tornar-se hegemônico significa conseguir uma posição de supremacia na sociedade, passando a dominá-la através da força, das instituições do Estado e do governo político. (BRUNELLO, 2001, p. 01).

Questionando Fabíola, proprietária da casa de barro, sobre o custo da construção até aquele momento, base e paredes construídas de sua casa, a mesma afirmou ter gastado pouco mais de um mil Reais. Esse valor investido em uma construção convencional seria gasto apenas em cimento, na proporção em tamanho m².

Deste modo, foi possível levantar hipóteses sobre os motivos pelos quais esse tipo de construção não é divulgado e incentivado, visto que empresas e comércios reduziriam seus lucros em comparativo com a construção civil convencional.

FIGURAS 13 e 14 – Visita à bioconstrução
(Técnica adobe/terra ensacada. Assentamento Primeiro de Maio, Curitiba/SC. Proprietários Fabíola Rubas Giroto e Gustavo Paniz - Ex acadêmicos UDESC)



Fonte: Arquivo Pessoal

Deste modo, torna-se conveniente que a ideia de “casa de barro ou de terra” seja associada a pobreza, doença e inferioridade, visto que para construí-la não há uso de ferragem, tijolos, brita, dentre outros componentes como cal e cimento, reduzindo lucros comerciais, ou seja, a grande massa é convencida hegemonicamente a recusar um benefício e de baixo custo. Eis por que é fundamental que a criança seja uma leitora do movimento da realidade humana e social; esse é o papel do professor alfabetizador, do processo ensino aprendizagem da leitura e escrita, ou seja, aqui está o cerne da questão “de modo que possa garantir a todos o acesso a bens culturais e o seu uso potencial como arma para a transformação social” (DANGIÓ, 2018, p. 247).

4.3.3 Relatos dos participantes do grupo Leiturarte

As falas foram registradas no encerramento do projeto, em conversa com os participantes, em dupla, para ficarem mais à vontade. Outro motivo foi porque quando o grupo está reunido querem falar ao mesmo tempo, o que dificulta a participação de todos/as.

FIGURAS 15 e 16 - Olhares curiosos nas atividades do Grupo Leiturarte (Expostos na Feira do Conhecimento EEB Frei Caneca 2017)



Fonte: Dainara Zanardi

FIGURAS 17 e 18 – Poesia em caracol



Fonte: Arquivo Pessoal

Nas palavras do entrevistado Niemeyer (2017), “Eu gostei de fazer porque estou conseguindo escrever. A professora de História pediu para eu escrever um texto e eu errei só uma palavra. Aí ela disse: ‘Viu só, é só você continuar se esforçando que você consegue’”!

Claro que não é apenas uma questão de esforço. O método também contribuiu. Afirmo que a metodologia, de alguma maneira deu outro Norte para o objeto alfabetização. Fato que não é claro para a professora que o elogiou, no entanto, sempre foi preocupada com a aprendizagem do grupo porque foi uma das professoras que ajudou a selecionar os estudantes para a participação do projeto e sempre esteve trocando ideias sobre o andamento do mesmo e o avanço dos estudantes. Isso mostra que apesar de um diploma acadêmico nós professores precisamos de muito estudo para ampliar nossa visão de mundo.

“Acho que as aulas do projeto têm me ajudado a melhorar porque quando escrevo palavras erradas, eu volto, leio e escrevo de novo, mas certo. Achei meio difícil escrever o texto em caracol, mas você (professora) foi me ajudando [...] tem que girar o texto para ler e então parece que as palavras estão de ponta cabeça” (risos). (Entrevista com Niemayer, 2017).

A formação leitora não depende de escrever em linha reta ou curva, mas o exercício de seguir uma linha reta ou curva trabalha a atenção, a concentração, a coordenação viso motora, o traçado correto das letras, sendo um desafio proposto ao estudante, mas que pela mediação do professor torna-se uma atividade de qualidade.

“Achei legal essa produção porque contei muitas coisas ali. Nunca tinha visto uma poesia que para poder ler tem que girar. Tenho dificuldade de escrever o que penso. Na outra escola não sabia nem os números. A professora me mandava estudar, e eu estudava, mas esquecia de tudo. Melhorei bastante com as professoras explicando na minha carteira e o projeto ajudou porque tive que pensar ler e escrever.” (Entrevista com Cora, 2017).

Escrever exige raciocínio e planejamento, muitas vezes a fala é dotada de leviandade, o exercício da escrita é completamente diferente.

Dessa forma, o ato de escrever envolve o planejamento da escrita propriamente dita e uma reestruturação do texto após sua conclusão. É preciso orientar o aluno a escrever e reler seu texto, revisando, aperfeiçoando as ideias. O ler seu próprio texto, o aluno percebe tratar-se de um modo coeso, claro, coerente e que falar é diferente de escrever (PORTO, 2009, p. 30).

Analisando as falas e refletindo sobre as atividades desenvolvidas no projeto, podemos perceber que aqui está a resposta para tantas dificuldades, a diferença está no professor, de fato, um mediador do processo, mais tempo de trabalho, menor número de estudantes, um bom planejamento com estratégias e metodologia que não são coisas inusitadas, porém bem trabalhadas, repetidas, aprofundadas, com foco no que se propõe a trabalhar visando a qualidade.

Nesse sentido, podemos enumerar uma série de condições materiais, que se fossem atendidas pelo estado, fariam a diferença. Aparentemente houve aqui interesse das crianças, mas percebe-se que o “desinteresse” das crianças está no fato de que elas sentem que são invisíveis para a escola, assim como pelo sistema (Schlichta, 2017).

Nas palavras do entrevistado Augusto (2017), “Eu fiz uma atividade dessas em outra escola. A Poesia Concreta pode ser desenhada, com colagem. Achei diferente a página gigante coberta de tecido, é diferente de outros livros”.

Na sequência trazemos um diálogo entre a professora com o entrevistado Portinari (2017), “Profe, as páginas do livro representam as classes sociais”? ao que eu respondo, “Por que você acha”? Portinari (2017), prossegue, “A página da esteira seria a pobreza. De tecido a classe média e a de papel de parede, com desenho de tijolo seria a classe rica...”, nesse momento, peço que ele aprofunde as suas divagações, “Explique melhor. Não entendi”, ao que Portinari (2017) comenta,

“Hummm.... Porque os ricos moram em casa de material”, ou seja, casas de alvenaria, ao que concludo, “Não foi com essa intenção, mas foi uma boa interpretação! ”.

Portinari é um dos mais velhos do grupo. Durante os trabalhos foi um dos primeiros a perceber a condição de classe em que vivemos, exemplificando com sua condição de empregado que vende sua mão de obra para o patrão.

FIGURAS 19 e 20 - Tipos de moradia



Fonte: Arquivo Pessoal

“Apreendi que a taquara era usada para não molhar dentro das casas. Vi no *facebook* que fazem casas de barro. Nunca tinha feito um desenho no barro, então desenhei uma casa de madeira. Só vi balaio de taquara que os índios fazem. Casa não. Tem um senhor perto da minha casa que leva taquara do mato para a casa dele, para cobrir a horta. Assim os passarinhos não entram”. (Entrevista com Niemayer, 2017).

Niemayer (2017), prossegue com suas observações, “Vi umas pessoas perto do ginásio da escola que não tem onde morar. Eles não guardam dinheiro. Só bebem cachaça com o dinheiro que ganham”.

Analisando essa fala podemos ver que a ideologia burguesa atinge a classe trabalhadora desde criança. Ele não conseguiu ainda perceber que são problemas sociais causados pela má distribuição de renda, pelo fracasso das políticas públicas de um sistema que se sustenta dessa desigualdade.

Em outros momentos, fora do horário do projeto, conversamos sobre algumas questões, principalmente sobre os vícios, visto que ele é um menino que fuma e joga, a princípio, o que faz com que possa estar bem perto de entrar em contato com a bebida e as drogas.

Na sequência trazemos uma das falas da Entrevista com Cora (2017),

“Quando vi a página do livro coberta com esteira de taquara pensei que quando formos para o mato achar o gado do patrão ou cortar taquara para a plantação de tomate, podemos usar esteira ao invés de lona. Eu não sabia que tinha casa de barro. Achei interessante e gostei. Sempre pensava no que a professora iria ensinar no próximo encontro... novidade”.

As “novidades”, como disse a estudante, nada mais eram que atividades pesquisadas antecipadamente. A diferença estava na forma de serem aplicadas, com a possibilidade de acompanhar um a um até que todos concluíssem com êxito. Cora (2017), continua com a sua opinião sobre a atividade, “Gostei de desenhar na argila, mas não faria sozinha. Não sabia que o barro virava cerâmica usando o fogo, nem que é remédio. Pensei que remédio fosse somente de folhas de plantas”.

A partir do barro que vimos na casa do João-de-Barro, partimos para inúmeras outras atividades. Desde a confecção de letras em argila, placas, modelagem, e remédio, ou seja, do conhecimento empírico fomos ao conhecimento científico.

Entendemos que o novo não se edifica a partir de si mesmo, mas dos legados positivos e negativos edificados na história [...] segundo a qual é possível abrir um caminho a uma pedagogia atual, que venha a fazer a síntese do tradicional e do moderno: síntese e não confusão.
(DANGIÓ, 2018, p. 109).

Segue com entrevista que traz a interpretação de Augusto (2017),

“Vimos que existem vários tipos de moradia e pessoas que moram embaixo da ponte, rua, dormem na calçada. Eu lembrei da pirâmide das classes sociais. No topo da pirâmide ficam os poderosos, que não dividem as riquezas. Depois os do meio, da classe média e embaixo os pobres, a maioria. Ah! E tem os miseráveis também”.

A escola deve ser mais do que mera transmissora de saberes, deve preparar os educandos para os desafios da sociedade, mais do que meros repetidores, cidadãos transformadores.

Neste sentido, a escola deve trabalhar as grandes questões que desafiam a sociedade. Por isso Saviani (1999) afirma que a problematização deve detectar as questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência que conhecimento é necessário dominar (GASPARIN, 2007, p. 36).

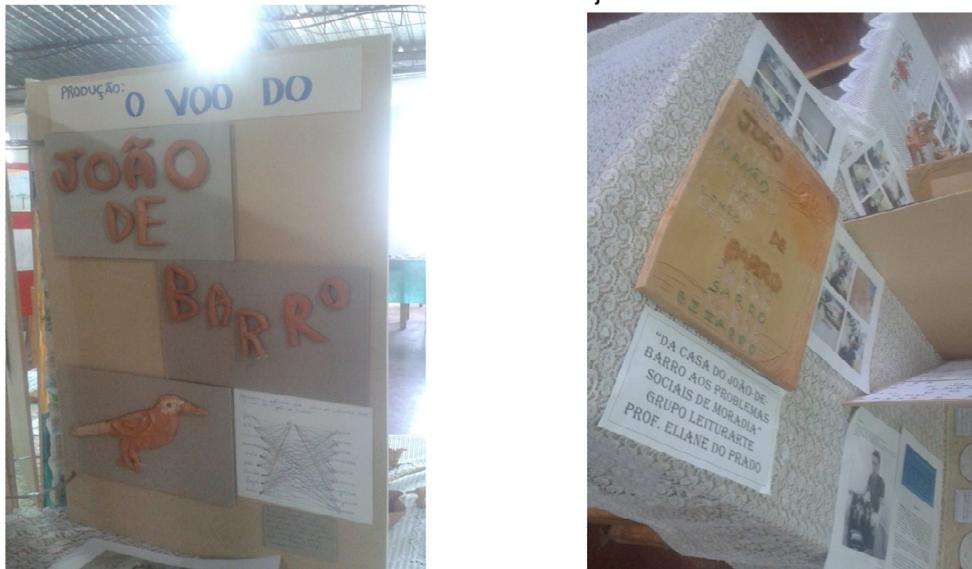
Como já afirmado anteriormente, a leitura a que se refere esta pesquisa não é apenas a leitura dos códigos escritos, mas também a leitura de mundo, mesmo que de forma simples como fez esta criança.

“A página do livro que aparece a esteira lembra a casa dos índios. Sobre a pirâmide que o **Augusto** falou eu entendi que tem muita gente com pouquinho recurso e poucas pessoas com muito, mas muito mesmo, por isso que existe pobreza e riqueza e nós pobres temos que trabalhar para os ricos até que um dia isso mude”. (Entrevista com Augusto, 2017).

Concordando com o relato de Portinari, o objetivo da formação leitora é que “por respeito ao homem, é preciso urgentemente, desrespeitar sua cultura, enquanto expressão da expropriação das melhores condições de vida que esta sociedade comporta” (KLEIN, 2008, p. 88).

Continuando com as entrevistas, Tarsila (2017), comenta, “Eu gosto da casa que eu moro, mas minha mãe falou que ela não é nossa. É alugada. Isso quer dizer que somos pobres”.

FIGURAS 21 e 22 - O voo do João-de-barro



Fonte: Arquivo Pessoal

Continuando com as entrevistas, retomamos a fala de Nyemayer (2017),

“Quando chovia, meu irmão e eu brincávamos com barro, fazíamos bolica para jogar um no outro. A minha irmãzinha faz bolinho de barro e deixa secando. Achei legal usar barro para aprender a ler e fazer um monte de coisas, como fazer o João-de-barro, a árvore, as letras do nome do João. No voo do João ele vai “catar” barro para fazer a casinha. Na atividade uma palavra “fala” com a outra quando a gente liga as duas. Aprender assim é melhor porque fazemos atividades e mexemos com o barro”.

A alfabetização necessita de estratégias que façam sentido para a criança. No relato acima pudemos constatar isso. Mas levemos em consideração que uma realidade é trabalhar com oito estudantes, o que torna possível fazer inúmeras atividades, outra coisa é estar em uma sala com vinte e cinco, trinta estudantes. Posso afirmar que as atividades pedagógicas desenvolvidas com argila não seriam possíveis de fazer. Sendo assim, outras causas que vão além da vontade do professor impedem seu trabalho e interferem na aprendizagem dos alunos, como comentado por Cora (2017),

“Achei bom fazer as letras de argila, poder pegar as letras. Nunca pensei que daria para usar o barro para aprender a ler e escrever. Achei esse exercício de combinar as palavras bem difíceis por serem quase um trava-línguas. Queria ler uma palavra e falava outra. Tem que ter muita atenção”.

Essa fala instiga uma reflexão sobre quais estratégias são utilizadas pelo professor alfabetizador, então lembrei de relatos de colegas professores sobre trabalhar com massinha de modelar, os afirmavam não poderem trabalhar com esse material porque ou não tinha ou quando tinha na escola ou no material das crianças algumas comiam. Nesse caso batemos novamente no problema do número de alunos pr sala de aula, especialmente nas turmas de alfabetização, pois sendo crianças pequenas os cuidados devem der dobrados, mas com apenas um professor.

Em relação ao trabalho com argila é mais delicado ainda por fazer “sujeira” na sala, nas mãos e na roupa, isso independente da faixa etária dos estudantes, pois até no projeto piloto vivenciei essa dificuldade: ou parava antes as atividades para limpar a sala ou levava os alunos para a minha casa por causa das reclamações das serventes.

Neste sentido, vivemos em uma cultura da “caixinha”, tudo “em quadrado”, o que também dificulta o trabalho do professor e a aprendizagem dos alunos.

Retornado as entrevistas, analisamos as falas diversas acerca de bioconstrução.

“Fiquei admirado pela bioconstrução. Sobre a lenda do João a professora de Artes havia contado em sala- Aprendi que o João-de-barro faz sua casa em árvores, mas cada vez mais em postes e em lugares que não são da natureza por causa do desmatamento feito pelo homem. Aprendi também que existem muitas casas feitas de barro e de modelos diferentes para nós, eu lembrei”. (Entrevista com Augusto, 2017).

“A bioconstrução ajudaria quem não tem casa. Seria mais barato para fazer. Não imaginava que com barro poderia fazer um trabalho bonito como fiz o João-de-Barro. Quando a professora começou a falar que iríamos aprender as coisas da escola a partir do barro, pensei: “Eu vim de lá de longe (interior) para falar sobre barro (???) Mas depois que começamos as atividades com argila foi bem legal”.(Entrevista com Portinari, 2017)

Trazemos a opinião de Kinceler (2017), “Eu gosto de mexer com a argila, de modelar dinossauro e agora aprendi que é remédio. A vovozinha ensinou para nós”.

FIGURA 23 – O Tombo



Fonte: Arquivo Pessoal

Analisamos ainda acerca do poema a opinião de Nyemayer (2017), “As palavras sobem a escada, certo. Depois descem de ponta cabeça porque caíram. Acho que se machucaram”, de Cora (2017), “A pessoa tentou subir, mas depois caiu. Acho que se não tivesse a parte escrita, mesmo assim, daria para entender o tombo pelos desenhos. Acho que é uma poesia concreta (risos)”, de Tarsila, “É uma poesia visual. Faz a gente parar e imaginar o que está acontecendo. Nessa poesia não precisa escrita porque o desenho mostra do que se trata” e de Augusto, “Eu acho que precisa escrita sim, para facilitar para a gente entender”.

FIGURA 24 – Poemando



Fonte: Arquivo Pessoal

Sobre “Poemando”, Nyemayer e Cora expressam suas opiniões,

Achei legal essa atividade porque é diferente. Acho melhor desenhar porque posso desenhar primeiro e depois escrever ou escrever desenhando ou desenhar escrevendo ou escrevendo rápido para fazer um carro ou uma carreta. A poesia é desenhando e escrevendo”. (Entrevista com Nyemayer, 2017).

“Gosto de desenhar e pintar. A poesia que mais gostei foi a do ninho porque o ninho foi feito de escrita. É mais fácil fazer poesia desenhando do que só escrevendo. Gostei do caracol porque é feito de letras e palavras [...] fazer coisas diferentes aprende melhor”. (Entrevista com Cora, 2017).

Conforme relato desta estudante, um dos objetivos do projeto foi alcançado pela proposta de iniciar por algo do interesse deles, de seu domínio e após seguir para além do conhecimento prévio, no caso, ler e escrever, sendo esta uma estratégia que “se o ponto de partida é a realidade do aluno, por certo o ponto de chegada será uma outra realidade” (KLEIN, 2008, p. 53).

Retomamos as opiniões e relatos dos educandos com Portinari (2017), “Tinha visto esses trabalhos em alguns livrinhos que li. Ajuda na imaginação porque tem que pensar antes de fazer”, Augusto (2017), “Gostei da Poesia concreta. É mais fácil de produzir porque não precisa ter verso, nem rimar, nem se preocupar muito com a pontuação. Desenvolve a leitura a escrita a atenção porque tem que observar” e Tarsila (2017), “Essa poesia é legal. Desenhei minha casa usando a escrita. Ela dá mais liberdade para escrever o que a gente pensa e ainda dá para colorir”.

FIGURAS 25 e 26 - Hélio Oiticica e o uso do dicionário



Fonte: Arquivo Pessoal

Sobre as atividades das Figuras 25 e 26, de Hélio Oiticica e dos usos dos dicionários, analisamos as impressões dos educandos.

Ficou com olho de verdade (risos). Eu tinha que achar as palavras com I e com C, daquelas que peguei para fazer. Não usei só o dicionário, mas achei palavras num livro. Não foi difícil. Fui olhando linha por linha. A página do livro gigante coberta por estopa... acho que é para segurar melhor as letras. Para mim não foi cansativo achar as palavras, ...acho que o Hélio não ia usar estopa para fazer Parangolé porque é transparente... ia aparecer a zorba dele". (Risos) (Entrevista com Niemayer, 2017).

"Achei bom ter que procurar as letras porque tenho dificuldade nas letras e a professora ensinou a desenvolver a escrita e a leitura porque para copiar tem que ler. Usei o dicionário e gostei porque ajuda a pesquisar coisas que a gente não sabe, ... a estopa da página poderia ser usada no Parangolé porque é diferente e o Parangolé é diferente, então combina". (Entrevista com Cora, 2017).

Trazemos também a interpretação dos demais participantes, como Augusto (2017), "O tecido que cobre a página é de Parangolé.... é diferente. As palavras que achei foram difíceis de encontrar. Tem umas que aparecem bastante nos livros, repetidas. Outras não. Aí peguei o dicionário", Portinari (2017), "O bonequinho que fiz de argila está vestido igual a imagem que vimos, do Parangolé. Logo lembrei. Essa atividade foi demorada para terminar. Tive que procurar bastante" também as opiniões de Lygia (2017), "Acho que no Parangolé do bonequinho faltou plástico e umas escritas. Mas está legal. Dá para ver e lembrar do Parangolé do Hélio Oiticica" e de Kinceler (2017), "Eu não usaria o Parangolé. Parece um vestido e eu não sei dançar samba".

FIGURA 27 - Que palavra tem a palavra?



Fonte: Arquivo Pessoal

Sobre a Figura 27, trazemos a opinião de Nyemayer (2017),

“Foi um pouco difícil porque tinha que fazer bem certinho as letras embaixo de letras para dar certo. Tem que pensar bastante. Errei umas três vezes, mas ajuda a ler e escrever porque tem que pensar para ver se é ou não é a letra certa. Gostei de fazer “!

Analisamos o ponto de vista dos demais estudantes, Cora (2017) “Nunca tinha feito uma atividade assim. Achei bem difícil porque tem que pensar muito”, Augusto (2017), “As palavras mostram o que se passa no nosso mundo”, Tarsila (2017), “Essa atividade faz pensar bastante, até achar a palavra na palavra. Essas palavras nós já estudamos no projeto. Não é fácil achar, mas também não é difícil. É só tentar” e Kinceler (2017), “Eu gostei da atividade, mas é muito difícil de fazer porque eu não sei ler direito e nem escrever. Quero aprender. Meus colegas sempre terminam antes e eu sempre preciso de ajuda”.

No período anterior ao projeto, quando os professores selecionaram os estudantes para o grupo, a queixa sobre este menino era por não conseguir aprender, fato que se comprovou durante o bimestre e meio de trabalho mais individualizado. Observadas suas características um relatório pedagógico foi elaborado, encaminhando-o ao neurologista, o processo demorou devido à falta de condições para pagar a consulta, mas ele foi remanejado para uma turma com segundo professor e no início deste ano de 2018 a mãe procurou recurso, tendo ele direito aos serviços do segundo professor e a sala do AEE (Atendimento Educacional Especializado), além de ser solicitado um benefício ao INSS por seu

médico para bancar consulta e medicamentos, visto que sua irmã mais velha também é deficiente intelectual.

FIGURA 28 - O livro Poesia Concreta em exposição



Fonte: Arquivo Pessoal

Sobre a exposição, trazemos ainda a opinião de Tarsila (2017), “Eu faltei nesse dia, mas li as palavras que escreveram e achei bom para fazer pensar.

4.3.4 Visita à casa de “terra”

Para encerramento do Projeto Piloto, na data de 06/09/2017, fomos visitar a casa de terra ensacada que está sendo construída. A mesma fica localizada no Assentamento Primeiro de Maio, município de Curitibaanos/SC.

FIGURAS 29, 30, 31 e 32 – Visita à Casa de Terra



Fonte: Arquivo Pessoal

Acerca da visita à casa de Terra, segue-se a análise de Nyemayer (2017), sobre a mesma,

“Quando chegamos lá (na casa), vimos uma rede pensamos que daria para pescar. Na ida vimos um veado correndo no lavrado. Vimos muitos animais. Achei muito legal a casa de terra. Está ficando bonita, a parte redonda que nem o iglu, a casa do pinguim, ... a casa de terra sai barato para fazer, o problema é conseguir o lote (risos). Eu aprendi muito com a argila que a professora ensinou. Eu gostei”.

Esse comentário demonstrou que aos poucos ele está assimilando que para as necessidades básicas do ser humano é necessário possuir dinheiro, o que para quem não possui o capital resta vender sua força de trabalho, como é o nosso caso, da classe trabalhadora.

“Nunca tinha visto uma casa de terra, nem redonda, como terá uma parte. A Fabíola (dona da casa), falou que a parte redonda é imitando a casa do João-de-Barro, ele que ensinou. Ajudei a encher sacos de terra e acho que é mais fácil do que fazer uma casa de tijolo e ela tem custo mais barato. Eu moraria numa casa de terra porque é diferente como ter uma parte redonda e janelas que abrem para cima. As pessoas foram legais como agente. Gostei muito do bolo de cenoura e do bolo de aipim. Não sabia que dava para fazer bolo de aipim”. (Entrevista com Cora, 2017).

4.3.5 Feira do Conhecimento da EEB Frei Caneca

Na data de 25/08/2017 foi realizada a Feira do Conhecimento da EEB Frei Caneca, onde o grupo LEITURARTE relatou as suas experiências aos visitantes e houve a exposição do livro gigante de Poesia Concreta.

FIGURA 33 - Cerimônia de abertura da Feira do conhecimento (Fase escolar, no pavilhão comunitário)



Fonte: Dainara Zanardi

A escola atende em torno de 400 estudantes no período matutino, 250 no período vespertino e quase 100 no período noturno. Como a “Feira do Conhecimento” é aberta ao público, quase mil pessoas visitaram os trabalhos nesse dia.

Tivemos a oportunidade de mostrar nosso trabalho. Os estudantes apresentaram para os colegas e professores, enquanto a professora teve a oportunidade de conversar com todos os outros professores sobre o andamento do projeto, avanços e dificuldades enfrentadas, além de saber sobre o possível desenvolvimento do grupo em sala de aula.

Deixamos claro que de maneira alguma quisemos afirmar que o fracasso ou sucesso escolar dependa única e exclusivamente do professor ou do aluno isoladamente. Sendo o Homem um ser social e que vive sob a divisão de classes, em um sistema desigual, fica claro que tudo é interligado, mas apesar disso tal ligação não é a favor dos menos favorecidos.

Neste sentido, diante da exigência do sistema e dos meios de comunicação, na pressão para existir o super professor que seja multifuncional, polivalente, responsável, flexível, afeito às tecnologias, inclusivo, tolerante, aprendiz ao longo da vida e acima de tudo: sem crítica às determinações da sua própria condição de professor, sua função, em outras palavras, é que ele seja produtor de sua própria alienação e não formador de seres pensantes Evangelista (2014).

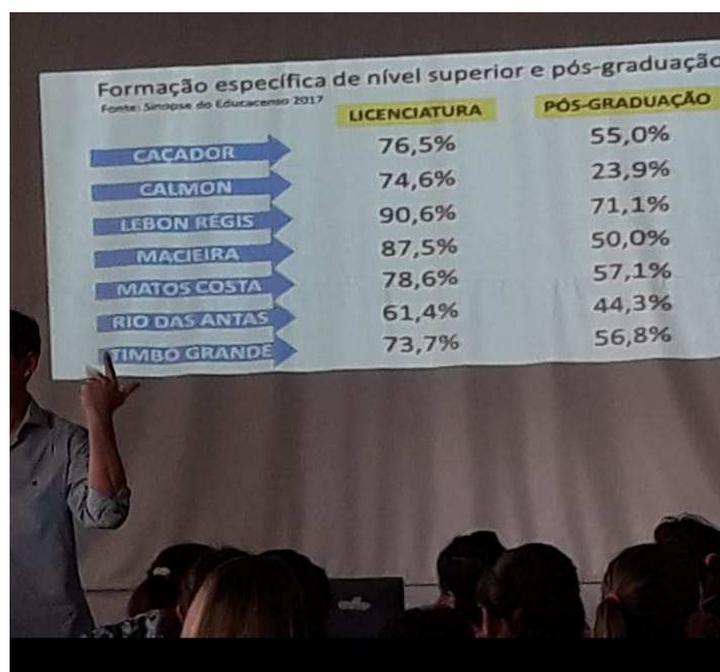
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalização deste trabalho representa a realização de um sonho pessoal de infância onde mesmo diante de condições materiais insuficientes o desejo de uma formação não foi sufocado. O caminho percorrido para chegar até aqui foi proporcionado pelos estudos, mais precisamente os estudos voltados para a Educação, esta exercida como profissão e vista como oportunidade para a mudança da realidade de desigualdade que rege o Brasil. Enquanto autora não vejo a Educação como salvadora da pátria, tampouco, acredito que sem ela haja mudança da realidade.

Diante disso, em busca da compreensão da realidade da Educação vivenciada, é que motivou a pesquisa apresentada aqui, iniciando pelo comparativo durante todo o processo de municipalização em relação às condições materiais e humanas oferecidas tanto pela rede municipal quanto estadual. A conclusão que chegamos é que essas condições, considerando o espaço de tempo 1998-2018, melhoraram tanto na parte física, estrutural, na qualificação dos professores, mesmo que por conta própria, assim como na questão de salários (plano de carreira), como foi explanado em formação da CONAE (Conferência Nacional de Educação).

Com relação a formação, Lebon Régis é apontado como o município com o maior índice de professores graduados e especializados, em comparação com os demais municípios da AMARP (Associação dos Municípios do Alto vale do Rio do peixe).

FIGURA 34 - Formação atual dos professores da Rede Municipal de Educação



Fonte: Sinopse do Educacenso de 2017, apresentado na formação da CONAE de maio de 2018.

Mesmo levando em consideração esse avanço, sabemos que há muito a melhorar, nos quesitos citados acima e também no que diz respeito a formação leitora do aluno, pois ainda recebemos na rede estadual um número significativo com problemas de alfabetização, realidade que colocada frente a titulação acadêmica dos professores se torna curiosa levando a reflexão de qual tipo de formação, que qualidade, esses cursos estão proporcionando, mas essa seria uma outra pesquisa, visto que de modo algum este estudo esgota as possibilidades de novos estudos sobre os mesmos assuntos.

Comprovados os avanços citados acima, verificamos que em relação ao professor alfabetizador o problema está na metodologia utilizada. A alfabetização necessita de estratégias que façam sentido para o estudante. Seguindo os modismos do ensino que coloca o aluno no centro do processo, porém tira o foco do conteúdo, o professor acaba dando ênfase ao gosto do aluno e não ao que é necessário que ele aprenda. Esse fato também foi percebido na proposta apresentada nesta pesquisa, pois o tempo gasto com tantas atividades acaba por empobrecer o conteúdo, que é o objetivo principal, no entanto, sem uma aula atrativa ficamos ainda mais em desvantagem em relação as ofertas, principalmente da mídia, ferramenta da burguesia para tirar o foco da classe trabalhadora.

No que diz respeito ao entrelaçamento da alfabetização com as Artes percebeu-se que é possível enquanto parte das estratégias utilizadas, mas não como substituição ao que de fato importa para a formação leitora dos códigos escritos. Consideramos ainda que houve sim contribuição por parte das Artes, mas para proporcionar a leitura de mundo onde estamos inseridos enquanto sociedade, parte e construtores da História.

Em relação a retomada da alfabetização dos estudantes, muitas questões foram observadas como o número pequeno de alunos, o que possibilita um acompanhamento mais individualizado, a realização de atividades diferenciadas e até mesmo a observação minuciosa de cada um, como aconteceu no Grupo Leiturarte onde detectamos dois alunos com problema de visão e um com deficiência intelectual. Esses são casos que estão na escola há no mínimo seis anos. Neste sentido, consideramos que para haver aprendizagem há necessidade de condições para tal. O trabalho em rede Educação, Saúde e Bem-Estar Social, além da família é fundamental para o bom andamento escolar do estudante, o que na maioria das vezes se mostram como políticas públicas ineficazes ou insuficientes para a demanda em questão, realidade enfrentada por um sistema falho e um Estado incompetente em administrá-las.

A municipalização do ensino e suas experiências de 2002, 2009 e 2016 quando houve a devolução do Ensino Fundamental II para a Rede Estadual em 2016 causou muitas dificuldades de adaptação tanto para a comunidade escolar em geral da EEB Frei Caneca como para a nova demanda, mas ao contrário da minha opinião que “o aluno deveria estudar em sua comunidade, em sua realidade”, pude perceber que neste caso foi o contrário, pois a evolução dos estudantes vindos para esta outra realidade de estudar em uma escola maior e com um pouco mais de condições é notória nas questões, além da aprendizagem, como a socialização, a participação em eventos, a criticidade, a criatividade e a presença da família. Isso lembra que devemos partir da realidade da criança, mas fazer com que ela avance dessa realidade, sem ficar estagnada ou reproduzindo-a.

O projeto em si teve suas contribuições, como o fato de todos os seus participantes terem sido aprovados, assim como o próprio projeto foi avaliado de maneira positiva pelos professores titulares. Teve também seus desencontros, como a desistência de duas estudantes, o que mostra que não foi cem por cento como o

esperado. Outro ponto que observamos foi a necessidade de ampliar o tempo de aplicação do projeto. Houve evolução na leitura e na escrita de cada participante, uns mais, outros menos, mas poderiam ter evoluído mais ainda se o tempo fosse maior.

O Grupo Leiturarte chamou a atenção na escola. Além dos participantes, outros estudantes ainda indagam sobre sua continuidade. Na verdade, o que chama mais a atenção é o trabalho realizado com argila, atividade que não é comum em nossa região, mas que por meio dela muitos objetivos, como valorizar os estudos, o trabalho, a medicina alternativa e o uso dela na bioconstrução na contramão da hegemonia do capitalismo puderam e podem ser alcançados.

O fato de não possuir um laboratório de Arte ou um espaço adequado para desenvolvê-las, é negativo. Apesar das atividades apresentadas neste trabalho terem sido realizadas em um bom local, a sala do serviço pedagógico, as aulas cotidianas de Arte não podem ser ali porque é pequena. Sem espaço adequado, o trabalho do professor/a torna-se limitado.

Outra limitação encontrada para o desenvolvimento desta pesquisa foi a falta de incentivo, não sendo um caso isolado, mas aos profissionais que querem estudar. Como tantos outros, não consegui licença, nem tive bolsa de estudos ou algum tipo de ajuda de custo. Os gastos com transporte, estadia, alimentação, o desgaste do trabalho e da viagem semanal de 730 km foram empecilhos que influenciaram na qualidade dos estudos, visto que o mesmo poderia ter sido melhor.

Todo o trabalho aqui registrado, com ênfase na formação da criança/adolescente leitor foi possível pela mediação conteúdos/alunos estabelecendo o diálogo, promovendo a interação cultural, respeitando as dimensões cognitivas e históricas vendo a Educação como um processo de transformação social e de consciência, acreditando nessa afirmação, o aprendizado adquirido durante esse percurso de dois anos de pesquisa já está sendo expandido pela contribuição no local de trabalho que abrange a comunidade escolar, melhorando a qualidade do ensino, pela troca e relato de experiências com professores, pais e os próprios alunos.

REFERÊNCIAS

ANACHE, Alexandra Ayach; FERNANDES, Vera Lúcia Penzo. **Manifestações da criatividade no trabalho pedagógico do professor de artes visuais**. Psicologia Escolar e Educacional. São Paulo: Scielo, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0191793>> Acesso em 09/09/2017.

ARAÚJO, Luis César G. de. **Organização, sistemas e métodos e as tecnologias de gestão organizacional**: arquitetura organizacional, benchmarking, empowerment, gestão pela qualidade total, reengenharia: volume 1, 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

ASSUMPÇÃO, Mariana de Cássia; DUARTE, Newton. **A arte e o ensino de Literatura na educação escolar**. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/10422/7354>> Acesso em: 14/08/2017.

BLANCO, Omar. **O direito à moradia é conto de fadas?** Terra e práxis, 2012. Disponível em: <<https://terraypraxis.wordpress.com/2012/01/18/o-direito-a-moradia-e-conto-de-fadas/>> Acesso em: 30/09/2017.

BLOG, Mistura de Alegria. **Atividades ortográficas com RR e R para imprimir e colorir**. 2017. Disponível em: <www.misturadealegria.blogspot.com> Acesso em: 18/10/2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez 1996. p. 27833. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> Acesso em: 5 jun. 2017.

BRUNELLO, Yuri Brunello. **Hegemonia**. Revista Ciência Hoje das Crianças. Ano 19/nº 166. Março de 2006. Disponível em: <http://saresp.fde.sp.gov.br/2007/Arquivos/Provas%202007/L%C3%ADngua%20Portuguesa/4%C2%AA%20s%C3%A9rie%20EF/1_Manh%C3%A3/Prova-POR-4EF-Manha.pdf> Acesso em: 18/07/2017.

_____. **Mais definições em trânsito.** Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/HEGEMONIA.pdf>> Acesso em: 20/09/2017.

CAVALCANTI, Jardel Dias. **Parangolé: anti-obra de Hélio Oiticica.** Campinas. Digestiv Cultural: 2002. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=856&titulo=Parangole:_anti-obra_de_Helio_Oiticica> Acesso em: 01/08/2017.

COELHO, Frederico Oliveira. **Livro ou livro-me: Os escritos babilônicos de Hélio Oiticica.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. 292 p.

COSTA, Marta Morais da. **Sempreviva, a Leitura.** 1. ed. Curitiba, Aymar, 2009.

DANGIÓ, Meire Cristina dos Santos.; MARTINS, Lígia Márcia. **A alfabetização sob o enfoque histórico-crítico: contribuições didáticas.** 1. Ed. Campinas, SP Autores Associados, 2018.

DELAVALD, Carini Cristiana. **A infância no encontro com a arte contemporânea: potencialidades para a educação.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Mestrado em Educação. Porto Alegre: 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/71274>> Acesso em 25/08/2017;

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente. **Artigo 53.** Disponível em: <<https://www.direito.com.com/estatuto-da-crianca-e-adolescente-comentado/titulo-ii-dos-direitos-fundamentais-do-artigo-7o-ao-69/capitulo-iv-do-direito-a-educacao-a-cultura-ao-esporte-e-ao-lazer-do-artigo-53-ao-59/artigo-53-4>> Acesso em: 03/08/2017.

EICARDI, Ana Cristina de Souza. **Arte popular nordestina em um Centro Integrado de Educação de jovens e adultos: do convívio entre os alunos ao desenvolvimento da leitura e da escrita.** Dissertação de Pós graduação em Educação, Arte e História da Cultura. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo: 2013. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/1856>> Acesso em 25/09/2017. Acesso em: 28/07/2017;

EVANGELISTA, Olinda.; SEKI, Allan Kenji. **Formação de professores no Brasil: Leituras a contrapelo.** Junqueira e Marins Editores. São Paulo: 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Allan_Kenji/publication/320805367_FORMACAO_DE_PROFESSORES_NO_BRASIL_LEITURAS_A_CONTRAPELO/links/59fb18dc0f7e9b9968b95622/FORMACAO-DE-PROFESSORES-NO-BRASIL-LEITURAS-A-CONTRAPELO.pdf> Acesso em 21/08/2017;

FAVARETTO, Celso Fernando. **A invenção de Hélio Oiticica**. 2.ed.rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000 (Texto e Arte:6)

FONTENELE, Darlan. **João de Barro construindo a sua casa**. Vídeo da internet: 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p49YItoMRMM>> Acesso em 22/07/2017.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, 1987.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso (Org.). **Políticas de Educação Especial no Brasil no início do século XXI**. 1. ed. Florianópolis - SC, UFSC – CED - NUP, 2017.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 4.ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção Educação Contemporânea).

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994. p.33-48.

KLEIN, Ligia Regina. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?** 6.ed. São Paulo, Cortez, 2012.

LAST, Priscila, CHINI, Marcelo e LUCAS, Edinardo. **Bioarquitetura é vida**. Habitar a cidade. 2016. Disponível em: <<https://www.habitaracidade.com/single-post/2016/03/14/Bioarquitetura-%C3%A9-vida>> Acesso em: 18/10/2017.

LEAL, Gláucia. **Pássaros constroem “Cingapura” em abacateiro**. Interpretando uma notícia. 1998. Disponível em: <<http://www.professoracarol.org/Arquivos/Poentes/Edson/NOTICIA/edsonbatistaquiznoticia1.htm>> Acesso em: 10/07/2017.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação. **Proposta de educação do governo popular de Mato Grosso do Sul – 1999/2002**. Série Fundamentos Político-Pedagógicos, Cadernos da Escola Guaicuru, n. 1, Campo Grande, 1999a.

OITICICA, H. **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
OS ANTÍPODAS. **Barbeiro e Mal de Chagas em casas de pau-a-pique?**
Reflexões dos Antípodas. Disponível em: <<http://www.osantipodas.com/single-post/2014/12/27/Barbeiro-e-Mal-de-Chagas-em-casas-de-pauapique>> Acesso em: 14/08/2017.

PAULINO, Graça; PAIVA, Aparecida, MARTINS, Aracy, VERSIANI, Zélia (Orgs.).
Leituras literárias: discursos transitivos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PELOZO, Rita de Cassia Borguetti. **Contribuições da teoria kantiana na educação atual**. Revista Científica Eletrônica de Pedagogia, ano 2, nº 4, 2004.

PENA, Rodolfo Alves. **Problema da falta de moradia**. Ecolkids. Disponível em: <<http://escolakids.uol.com.br/problema-da-falta-de-moradia.htm>> Acesso em 10/08/2017.

PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. São Paulo: Ática, 2010

PINHEIRO, Maurício Passos. **Entrevista**, 2017.

PORTO, Márcia Batu. **Um diálogo entre gêneros textuais**. Curitiba: Aymará, 2009.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA – Casa Civil. Constituição Federal. 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 23/09/2017.

ROCHA, Adrian Alves da. **Homem fazendo uma casa na floresta**. Vídeo: 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qCVC5JA-6mc>> Acesso em: 08/08/2017.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9 ed., Campinas, Autores Associados, 2005.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10. ed. Campinas, Autores Associados, 2008.

_____. **Escola e Democracia**. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008. 112p (Coleção Educação Contemporânea).

_____. **Aberturas para a história da educação**. Campinas-SP: Autores Associados, 2013.

SCHLICHTA, Consuelo Alcione Barbosa Duarte. **Arte e Educação: Há um lugar para a arte no Ensino Médio?** 1 ed., Curitiba, Aymará, 2009.

SCHLICHTA, Consuelo Alcione Barbosa Duarte.; ALVARENGA, Valéria Metroski de. **O Currículo das Licenciaturas em artes visuais no Paraná: As interferências do proposto na lei para a formação e a atuação do professor**.

Palíndromo (Online) , v. 7, p. 81-101, 2016. Disponível em:

<<http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/download/6853/4911>>

Acesso em 11/08/2017.

SCHLICHTA, Consuelo Alcioni Borba Duarte.; TEUBER, M. **O que é ser educador em arte hoje e como se dá o enfrentamento das relações assimétricas entre produção, distribuição e apropriação do conhecimento sensível**. 2013.

(Apresentação de Trabalho/Comunicação)

SILVA, Cláudia Gonçalves Thaumaturgo da. **Conceitos e Preconceitos relativos às Construções em Terra Crua**. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz. 2000. Disponível em:

<<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4736/2/175.pdf>> Acesso em 02/07/2017;

SOUZA, Donaldo Bello; FARIA, Lia Ciomar. **Reforma do Estado, descentralização e municipalização do ensino no Brasil: a gestão política dos sistemas públicos de ensino pós – LDB 9394/96**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro, v.12, n.45, p.925-944, out.-dez., 2004.

STOLF, Maria Raquel da Silva. **Seminário de Pesquisa em Artes Visuais**.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2015. Disponível em:

<<https://www.ufrgs.br/ppgav/seminario-de-pesquisa-em-artes-visuais-profa-dra-raquel-stolf/>> Acesso em: 25/08/2017.

_____. **Página Gravada**. Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ppgav/seminario-de-pesquisa-em-artes-visuais-profa-dra-raquel-stolf/>> Último acesso em 13/08/2017.

VASCONCELOS, Yuri. **Como o João-de-Barro constrói sua casa?** Revista eletrônica Mundo Estranho, Mundo Animal: 2009. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/mundo-animal/como-o-joao-de-barro-constrói-sua-casa/>> Acesso em 12/p9/2017;

VÁZQUEZ, A. S. **As ideias estéticas de Marx**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

VIOLA, Milca Vasni Ceccon. **Ler, dizer, produzir sentido: jovens e adultos construindo significados diante da leitura de imagens**. Dissertação de Mestrado. Instituição INESP. São Paulo: 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/87006>> Acesso em: 20/08/2017;

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymar, 2009.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula. Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores**. Porto: Porto Editora, 1994.

APÊNDICE A – BILHETE PARA PARTICIPAÇÃO DO PROJETO



Estado de Santa Catarina
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA "FREI CANECA"
Rua: Artur Barth, 556
Lebon Régis
Fone/fax: 49-35616422
seriedh10fcaneca@sed.sc.gov.br
eebfreicaneca@hotmail.com



Lebon Régis, 05 de maio de 2017.

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO DO GRUPO DE ESTUDOS

EU _____, autorizo meu (minha) filho(a), _____ a participar (no contraturno), do grupo de estudos, uma vez por semana na EEB Frei Caneca, sob a responsabilidade da professora/ATP da escola, ELIANE DO PRADO, RG 3627.692.

Estou ciente que o projeto pode se estender até o final do ano letivo me comprometendo a incentivá-lo a participar.

Ass. Pais ou Responsáveis: _____

APÊNDICE B – BILHETE PARA VISITA À CASA ECOLÓGICA



Estado de Santa Catarina
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA "FREI CANECA"
Rua: Artur Barth, 556
Lebon Régis
Fone/fax: 49-35616422
seriedh10fcaneca@sed.sc.gov.br
eebfreicaneca@hotmail.com



Lebon Régis, 04 de setembro de 2017.

AUTORIZAÇÃO PARA VIAGEM

EU _____, autorizo meu (minha) filho(a), _____ a participar de uma viagem de estudos no "Assentamento Primeiro de Maio", em Curitibanos, no dia 06/09/2017, com saída em frente a escola, às 13h, com retorno entre 17 e 18h, acompanhados pela professora ELIANE DO PRADO, RG 3627.692.

Ass. Pais ou Responsáveis: _____

APÊNDICE C – ATIVIDADES DO GRUPO LEITURARTE EM 2017

João-de-barro - O ninho dessa ave é praticamente uma casa: tem a forma de forno e é feito de barro. Nenhuma outra espécie faz algo igual. Erguido pelo macho e pela fêmea em conjunto, o ninho do joão-de-barro proporciona segurança para os ovos e a prole do animal. Como ele é construído em forma de espiral, a sua entrada não dá direito para a câmara interna, onde ficam os ovos ou os filhotes. Antes, é preciso passar por um corredor curvo. Assim, ovos e prole estão protegidos do vento, da chuva... Por ser tão engenhoso, o ninho do joão-de-barro costuma ser disputado por outras aves. Ainda mais porque a espécie constrói um novo ninho a cada época reprodutiva. Pássaros como o canário-da-terra e a andorinha-parda costumam ocupar ninhos de joão-de-barro que encontram vazios e, às vezes, até expulsam os seus donos para ficar com a sua casa. É mole?

Foto: Fábio Colantoni

(Revista Ciência Hoje das Crianças, Ano 19, nº 166, Março de 2006)

O texto do pássaro joão-de-barro publicado na revista Ciência Hoje das Crianças foi escrito com a finalidade de:

(A) Anunciar uma marca de ração para pássaros.
 (B) Dar informações científicas sobre essa espécie de pássaro.
 (C) Divertir os leitores com uma história inventada sobre um joão-de-barro.
 (D) Ensinar a construir uma casa de joão-de-barro.

TRABALHADA
 + AJUDA
 + BRIGIENTO
 + RAZÃO
 + BARRO
 + REPRODUTOR
 + OVOS

DESESPERADA
 ESPIRAL

O melhor lugar do mundo

Noele Belger

Nem toda gente do mundo
 Tem casa para morar
 Igual a casa da gente

Existe casa de palha
 Que tem o nome de oca
 De pedra e de bambu
 Existe casa de gelo
 Que tem o nome d'iglu

Existe casa de pano
 De tijolo ou de madeira
 Existe casa de barro
 E até de esteira

É bom conhecer
 Tanta casa diferente
 Mas o melhor lugar do mundo
 É mesmo a casa da gente!!

Diferentes tipos de moradia

As pessoas fazem suas moradias de acordo com suas necessidades e possibilidades. Para isso, utilizam materiais de que dispõem nos lugares onde moram.

Os iglus são casas em forma de cúpula construídas com blocos de gelo.

Comumente, são chamadas de palafitas as casas de madeira construídas sobre altas estacas que, elevando as casas, protegem seus moradores quando as águas dos rios sobem. No Brasil, esse tipo de moradia é muito comum junto às margens dos rios na Amazônia.

(Em alguns locais, há casas em que as paredes são feitas de ripas de madeira ou de bambu. Os espaços entre essas ripas são preenchidos com barro. São chamadas, em certas regiões, de casas de pau-a-pique.)

Nas favelas, os mais diferentes tipos de materiais, como tijolos, apelões, madeiras, plásticos, etc., são reaproveitados para a construção de moradias.

Por que as estacas das casas chamadas de palafitas não permanecem o ano todo cobertas pelas águas?
 Porque a água não sobe o ano todo.

Existem palafitas construídas em locais secos? Qual seria a razão?
 Não, porque a água sobe o ano todo.

Por que as pessoas são aconselhadas a não construírem casas em locais com terrenos muito inclinados?
 Porque a água escorre para cima e para baixo, destruindo as casas.

Se você tivesse que construir uma casa para você e sua família morar, que materiais você usaria? Como ela seria?
 Tijolo ou pedra e madeira.
 Com uma rampa para subir e descer.
 Com portas grandes.

Agora, desenhe-a abaixo:

Buscando alternativas

As pessoas estão sempre procurando alternativas para construir suas moradias. Hoje, com o avanço da tecnologia, além do tijolo, da madeira e do concreto, outros materiais mais leves como o isopor e o gesso são usados na construção das moradias.

Para levantar as paredes com esses materiais, basta unir as placas como em um jogo de montar. Por isso, podem ser construídas em pouco tempo.

TIPOS DE MORADIAS

Existem vários tipos de moradias:

♥ **ALVENARIA:** São casas feitas com tijolo, areia e cimento.

♥ **PALAFITAS:** São casas construídas com tábuas, dentro de rios.

♥ **IÇLU:** São casas apropriadas para ficar no gelo.

♥ **BARRACÕES:** São casas feitas com lonas, papelões, madeiras, etc...

♥ **OCAS:** São casas feitas com taquara, capim, etc. As casas dos índios.

♥ **CASTELOS:** São enormes construções, com torres, onde moram as rainhas, etc...

♥ **TENDAS:** Abrigos desmontáveis feitos com tecidos resistentes. Barraca de feira.

♥ **PRÉDIOS:** São edifícios de vários andares.

Pássaros constroem "Cingapura" em abacateiro

Gibúcia Leal

Numa metrópole como São Paulo não são apenas as pessoas que têm problemas de espaço e habitação. As aves também. Em um abacateiro de galhos secos, na Rua Álvaro Gomes, em Santana, na zona norte, uma família de joões-de-barro está construindo dois pequenos "prédios", com três andares. Os pássaros ergueram, ainda, um terceiro cômodo térreo, chamado de "salão de festas" pelos moradores da região.

O Estado de S. Paulo, 29/03/98



Com base no que estudamos até agora ache as palavras no caça-palavras abaixo, leia cada uma e depois reescreva com atenção:

P	S	O	C	I	E	D	A	D	E
A	R	T	E	X	H	D	O	N	O
U	W	Y	J	K	P	O	Y	B	S
A	N	P	O	B	R	E	Z	A	W
P	A	N	A	V	E	N	E	R	D
I	T	D	O	D	C	C	C	B	E
Q	U	X	D	I	O	A	O	E	S
U	R	Z	E	R	N	D	L	I	I
E	E	K	B	E	C	E	O	E	G
Y	Z	L	A	I	E	C	G	O	U
S	A	E	R	T	I	H	I	K	A
M	O	R	R	O	T	A	A	X	L
X	Y	W	O	X	O	G	K	W	D
M	O	R	A	D	I	A	Y	Z	A
F	A	V	E	L	A	S	W	K	D
W	H	R	I	Q	U	E	Z	A	E

HORIZONTAL: 08
VERTICAL: 10

solidade, arte, dano, pobreza, minha casa é muito simples, de estufo e de palha, mas quem mora nela e so gente que trabalha.
março, moradia, família, riqueza
campesinato, natureza, leite de vaca, dilúvio, suor, suor e dorça de chagor, escola, Barbudo, briqueleto, lã.

ORTOGRAFIA: R (inicial), R (brando) e RR

1. Leia, copie e circule todas as palavras com r:

A roda dos erres

A rainha, com coroa de rainha e o rato com coroa de rei, não ficavam sem roer.
A rainha roeu o r de prato. Nasceu o pato.
O rato roeu o r de grato. Nasceu o gato.
A rainha roeu (por engano) o p de prosa. Nasceu a rosa.
De tantos erres, ficaram barrigudinhos e dentro da roda com o gato, o pato e a rosa, dançaram bem juntinhos.

NO COMEÇO EU SOU FORTE, POR ISSO FICO SOZINHO!
REI

JÁ NO MEIO, ENTRE VOGAIS, SOU FRAQUINHO...
ARARA

NUNCA APAREÇO ASSIM NO COMEÇO... SÓ ENTRE VOGAIS, PARA TER SOM FORTE...
CARRO

RR

<http://varaldeatividades.blogspot.com>

da lres solimbo acimbo do corpo rei a roto grato na prosa ga ficaram barrig

topo, tropa, corno, choro, terra, tremor, gude, gude, rato, mata

A lenda do João de Barro
 Era uma vez um índio que era Sa-
 litário e ele passou por uma aldeia e viu
 uma índia tão linda e ele se apaixoa
 nou e disse índia tão bela recase camin-
 ga lá disse sim se casar com você e o cara
 que o pai da garota viu e disse pai de in-
 dí não dá a índia cara com índio pra-
 fico de você e porto larou um desafio e tão
 eu abito entre na cara da avó e ficou
 duas semanas na cara e quando foi
 terra ganhado a mão da minha filha
 e passou duas semanas e ele saiu
 da cara e comera a tua penca
 e a garota comera alibor e virouam
 fogo de barro

Eu gostei por que eu aprendi bastante

coisas, aprendi que tem argila de cores

diferentes e que cada tipo de argila serve

para alguma coisa e tem argila que serve
até para remédio.

E eu gostei de ter ido ver a casade

de barro grande por que eu nunca tinha

visto uma casa de barro do quele tamanho

de barro eu fo-tinha visto mas so

das fotoã de barro por que la onde eu moreo

tem bastante.

Eu gostei de aprender a fazer lichinhos

de argila, e até usei argila la no

legal, minho caso mas meu subrinho

quebra as peças mas foi muito

divertido, fazer isso.

Vitacolo

barro - saia - lã - lã - lã - lã - lã
 lã - escola - lã - lã - lã - lã - lã
 lã - lã - lã - lã - lã - lã - lã
 lã - lã - lã - lã - lã - lã - lã
 lã - lã - lã - lã - lã - lã - lã
 lã - lã - lã - lã - lã - lã - lã
 lã - lã - lã - lã - lã - lã - lã
 lã - lã - lã - lã - lã - lã - lã
 lã - lã - lã - lã - lã - lã - lã

Mad dos Bantos

Sacituarat

- 1 Eu não gostei de Naoum porque ele fez a senhora ficar triste
- 2 Eu gostei de aprender nos ler
- 3 Eu gostei de viajar no barco
- 4 Eu gostei de tua mãe
- 5 Eu não gostei de ver o Naoum responder a senhora
- 6 Eu não gostei de faltar nas aulas
- 7 Eu adoro comer com a senhora
- 8 Eu amo as aulas obrigadas
T F A M O

Ditados

Suprimento - João - casa - fogo -
len - Cabelo - Cerâmico - Estênia -
Canta - palavra - iglu - Paláquia - fare-
lo - Craven - livro - poesia - artístico -
Lena - classe - Pédiis - lenda - quimo -
Brazinho - Modelagem - Atividades -
Coderno - cultura - adereço - trabalhos
argilo

Diogo Mateus Ribeiro Garcia

Letura arte

P Eu gostei de trabalhar com a leitura e outros atividades

P Eu também gostei de trabalhar com os países eu não sabia fazer mais o professor ensinou o fazer

P Eu gostei de trabalhar com argilo o professor ensinou fazer peça e opito de argilo

P eu fiz 4 elafante e dei 3 pro elo

N não gostei porque quebra

TIAGO

ditado

barro - João - casa - fogo - da - escola

crumêca - letra - te - letra - iglu

palapita - parlla - brent - dino - barro

flaticica - par - carl - lido - lombo

químico - barreira - madalga - dividida

codena - cultura - nicô - tabemho - agila

Suondervan Röchtingull des nentzen

Leitura

LEITURA

ESCRITA

IGLU

TRABALHO

AGUA

BARRO

CASA

CARTEIRA

ERRA

ESCOLA

Nome: Sérgio Legner Ribeiro Freitas

N. Leitura

P: Eu gostei por que a professora é muito gentil.

P: Eu não gostei por que nos deixamos por trás no caso de surgir...

P: Eu gostei por que nos misturamos com o arjile.

ditado.

barro - joão - casa -
fogo - len - Escola -
sermão - Estero - arte -
palavra - iglu - balafita -
parela - escrever - livro -
Poesia - Utilia - para -
classe - prédio - banca -
Queima - passarinho -
modelagem - variedades - caderno
Cultura - cidades - trabalho - lingu

**APÊNDICE D – ATIVIDADES DO GRUPO LEITURARTE EM 2018
(SEM O AUXÍLIO DA PROFESSORA)**

Eu entendi várias coisas com a professora e li sobre tipos de moradias e os problemas sociais ^{egitim} como a casa de barro que agente viu foi muito legal. e a gente estudou casa como casa de pau a pique casa de pedra casa de madeira casa dos povos indígenas chamada de oca a casa de jacá de barro etc. problemas sociais como a pessoa pobre que morava nas ruas. e desemprego e muita violência e criminalidade tem muita tipos de moradias com a casa de palafita casas de arremaria edifício oca iglu barracos tenda castelo madeira problemas sociais como as pessoas que não tem onde mora algumas tem como as barracas algumas moram debaixo da ponte e outras na favelas Nas ruas etc. deve-se legal mora numa casa de barro ou a casa de pau a pique palafita

Existem diversas formas de moradias, das mais simples e improvisadas até as mais modernas e complexas.

a casa de pau a pique.

Normalmente construídas à beira da estrada ou em chácara, as casa de pau a pique são feitas com barro, que formam as paredes ou o sustentam o telhado, a casa de palafita são casa construídas com madeira ou estaca as casas desses tipos costumam ser construídas sobre os rios e geralmente nos rios

data 07.07.2018
S T Q Q S S D

casa de pau a pique

essa Levandaram dos
Santos Rodrigo

a casa de pau a pique com
madeira e cipo amarrado
e um estalado por cima
da madeira que fique protegido
da chuva e de Pedra.

casa de pedra

casa de madeira

a casa de pedra
é feita com moço
e pedra e areia

a casa de madeira
começa pelo a tabua
prega a tramo e o
termita e prega todo
e vem o pau quadrado

casa de palha

casa de taquara

a casa de palha
é só porba uma
atras da outra
e monta a casa
de palh

a casa de taquara
teraque subir um
por um

favela

uma casa da
lado da outra
e da muita Briga

a argila

a argila é
muito Bem
da de fazer
de todo tipo
de, Bicho, amare
fases, animais.

Eu aprendi que são os marceneiros e outros
carreiros que eu vou falar neste texto.

Eu entendi que tem várias pessoas
moram em casas diferentes e que tem pessoas que
não tem onde morar que moram em lajeira
de pontes e etc., e que existem vários tipos de casa
como as de pau a pique - iglus, em pavões casas
de madeiras.

E que tem pessoas que tem pouca dinheiro
moram em casas de madeiras e que existe o pirâmide
social social para ver as pessoas que tem dinheiro
e as que tem ~~o~~ bastante dinheiro estão no alto
do pirâmide.

Estudamos sobre a feição de Barra que foi
muito legal, estudamos sobre a argila e eu achei muito
interessante por que eu descobri que a argila serve
como remédio pro dor e que existe vários tipos
de argila e de vários cores e fomos fazer de
algumas coisas com a argila que foi uma
aula divertida.

Estudamos sobre letras e palavras sobre
pontes, singelas, etc. e fomos ir para melhorar
o letra e o escrito e fomos para as atividades
muitas legais que foram muito boas. E fomos
visitar uma família que estão construindo
uma casa de barro.

Em essas aulas ~~mas~~ fomos fazer atividades
que foram muito úteis para nós, pois nos
ensinaram que as pessoas que tem um
~~o~~ problema social que não tem onde morar
que moram em lajeira de pontes e que não tem
dinheiro estão bem abaixo do pirâmide social
e as que tem dinheiro estão no topo e também
estudamos sobre a bioclimatologia.

O que eu aprendi com a professora Eliane.

Eu aprendi com a professora Eliane, que tem umas que não tem moradia física e ficam pra lá e pra cá.

Tem varias moradia como Casa de Pau a Pique, casa de pedra, casa de madeira, Favela e a casa de Barro. A moradia foi a que eu mais gostei delas. Elas tem uma História muito legal eu espero que tem uma História quando casa que não tem, como da foi venturada, quantos anos foi feitas elas cada uma delas tem uma História muito legal.

A professora Eliane é uma ótima professora que mesmo quando aprende que é legal aprende novos lugares e bairros que eu não sabia que existia, como os nome dos casas e os nomes são bem legal um diferente dos outros.

Eu acho que seria melhor agente estudar um pouquinho mais para aprender mais das casa e dos bairros é muito legal.

Estuda coisas novas é muito legal e os bairros e as casa os nomes é muito bom estudar eu como estuda muito.

Eu espero que agente voltar estudar essas coisas, e também visita a casa de barro e as outras casa eu ia adora muito isso como agente fazer.

Escrever um texto

sobre moradias

Chamamos de casa o local onde as pessoas moram sozinhas, com seus familiares ou outras pessoas também pode ser chamada de lar.

É muito importante ter uma casa para morar e todos nos precisamos pois é o lugar onde descansamos comemos e guardamos nossas coisas, nos protegemos do sol e da chuva.

Algumas pessoas não conseguem comprar uma casa outras compram mas isso depende da condição financeira de cada um.

Mesmo assim existem pessoas que não conseguem alugar uma casa pois então desistem pagar e ninguém paga o aluguel.

O aluguel é pra quem alugou uma casa e agente fica constrangido quando atrasa mas agente não pode fazer nada pois o salário é baixo e não dá pra comprar roupas, comida, sapatos, etc.

Tem muita gente que mora na rua nas casas

Nome: Diego Mateus

Eu lembro que mais estudamos sobre a vida de loro porque ele fez sua própria moradia. Eu aprendi que o falta de moradia é um grave problema vivenciado nas cidades do ele e de vários outros lugares do mundo. Trata-se do falta de espaço e lugares sem condições mínimas para serem utilizados como habitação. Há muitas pessoas situação de sua algumas não sua própria casa com população ou até mesmo e outras abitando em inadequadas para se viver como favelas e barracos improvisados.

segundo minha pesquisa de etimologia recentemente realizada organismos unido (ONU) mais de 100 milhões de pessoas não tem condições de morar uma moradia e não tem como viver.

Enquanto mais de 1 bilhão mora em favela isso é uma representação das desigualdade social e do renda existente nas sociedades.

existem muito caso que se quer tem rede de eletrificação de água no falar de outro assunto o nome das moradia que eles foram iglu - barracos - favela - casa de madeira - casa de pau epique - ergo no falar das sociedades rural.

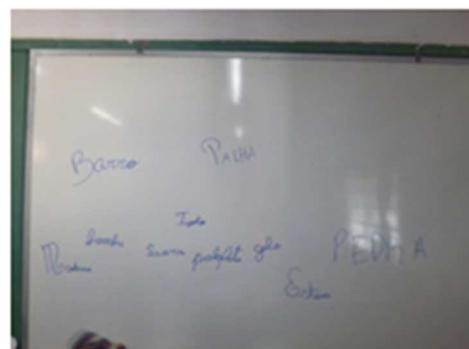
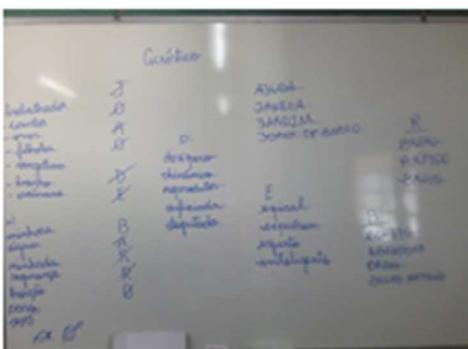
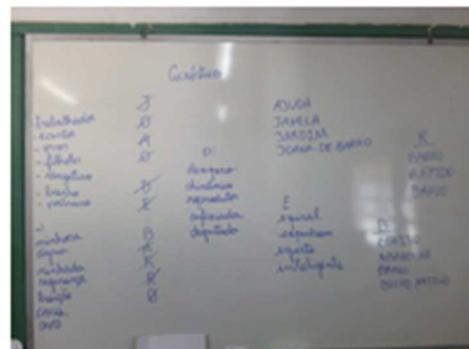
que tem condições e luz água tem meio de tudo

chumario: são casas feitas com tijolo ouso e cimento.

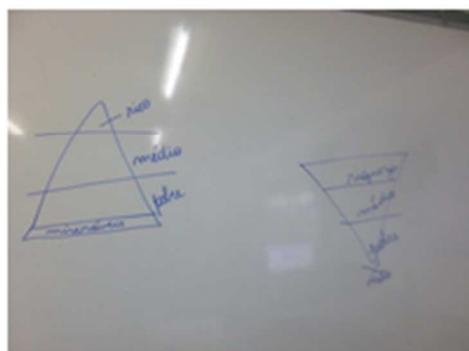
palafito: são casas feitas com taluo dentro de rios.

iglu: são casas apropriado para ficar no gelo.

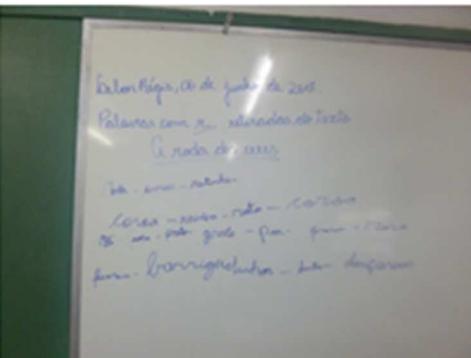
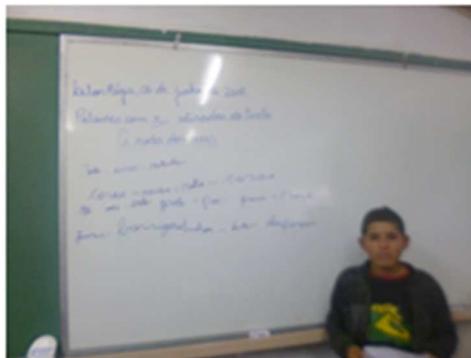
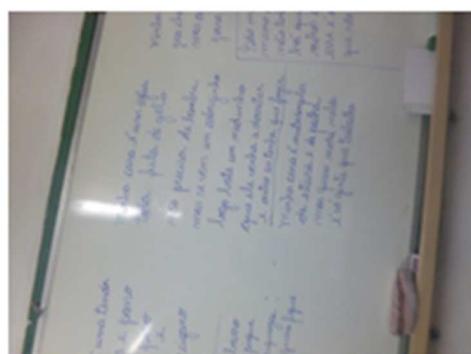
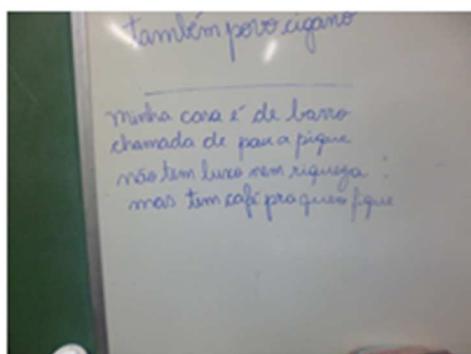
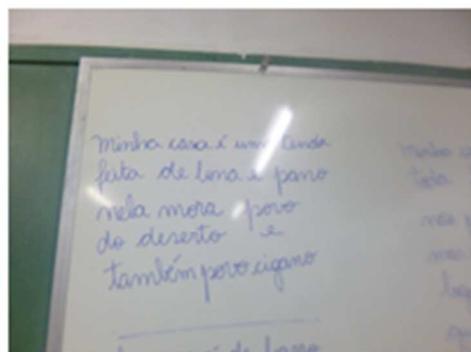
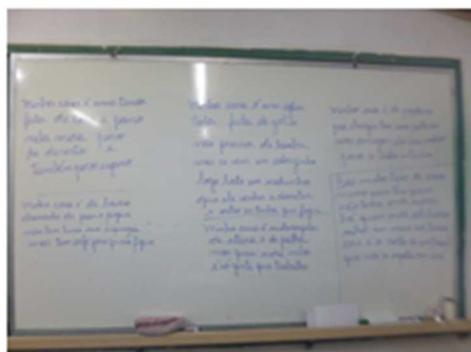
APÊNDICE E – DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

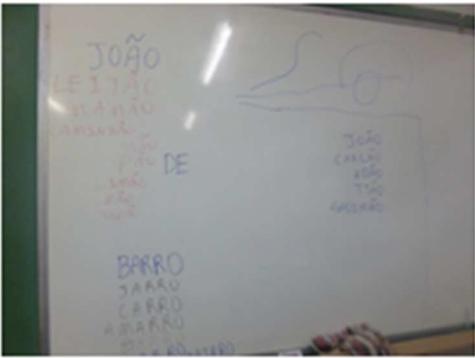




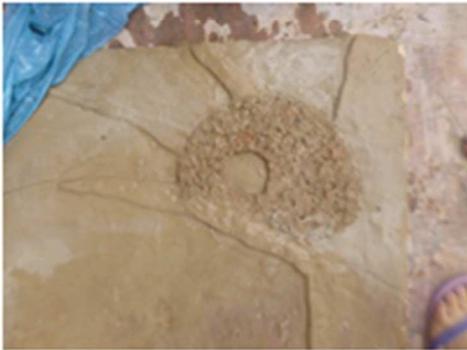




















ANEXO A – LEI Nº 897, DE 16 DE SETEMBRO DE 1997



Estado de Santa Catarina

PREFEITURA MUNICIPAL DE LEBON RÉGIS

LEI Nº 897, de 16 de setembro de 1997.

Autoriza Firmar Protocolo de Intenção, Convênios e/ou instrumentos legais com o Governo do Estado de Santa Catarina, através de suas Secretarias e órgãos legalmente constituídos.

CARLOS IVAN ZANOTTO, Prefeito Municipal de Lebon Régis, no uso de suas atribuições legais e de conformidade com a Lei

Faz saber a todos os habitantes deste Município que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona a seguinte Lei:

Art. 1º- Fica o Prefeito Municipal de Lebon Régis autorizado a firmar Protocolo de Intenção, Convênios e/ou instrumentos legais com o Governo do Estado de Santa Catarina, através de suas Secretarias e órgãos legalmente constituídos, dando ciência, e posteriormente encaminhando para apreciação da Câmara Municipal de Lebon Régis.

Art. 2º- Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e Publique-se.

Prefeitura Municipal de Lebon Régis, em 16 de setembro de 1997.

Carlos Ivan Zanotto
Carlos Ivan Zanotto- PREFEITO MUNICIPAL.

Registrada e Publicada nesta Secretaria na mesma data.

Cibele R. Mello
Cibele Raposo Mello- SECRETÁRIA ADMINISTRATIVA

AF. 16/9/97
23/9/97

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CNPJ: 01.074.110/0001-88
Rua Hebe de Araujo, 1717
Fone: (48) 3227.1134



ANEXO B – DECRETO 1259, DE 10 DE MAIO DE 2005



Estado de Santa Catarina

Prefeitura de Lebon Régis

DECRETO, Nº 1.259 de 10 de Maio de 2005.
“Dispõe sobre Implantação das Séries Finais do Ensino Fundamental em Escolas Municipais”.

O PREFEITO MUNICIPAL DE LEBON REGIS, Estado de Santa Catarina no uso de suas atribuições legais conferidas pelo Art. 104, Inciso VIII da Lei Orgânica do Município de Lebon Régis, de 05/04/90, e Lei Municipal nº 1.097, de 21 de Junho de 2002.

DECRETA:

Art. 1º - Fica implantada as Séries Finais do Ensino Fundamental (5ª a 8ª), nas seguintes Escolas Municipais:

- Escola Isolada Municipal Rio do Meio – Comunidade Rio do Meio;
- Escola Nucleada Municipal Alto São Pedro – Comunidade Pastagem;
- Escola Isolada Municipal Linha Vitória – Comunidade Linha Vitória;
- Escola Municipal Núcleo Rio Doce – Bairro Núcleo Rio Doce;
- Escola Nucleada Municipal Santa Catarina – Comunidade Faxinal São Pedro Km 26;
- Escola Nucleada Municipal Tiradentes – Comunidade de São Pedro.

Art. 2º - Este Decreto foi baixado tendo em vista a grande demanda existente de crianças que concluíram a 4ª série do Ensino Fundamental nas referidas Comunidades do Município e, devido a distância, dificultava a conclusão das Séries Finais.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e Publique-se.

Prefeitura Municipal de Lebon Régis (SC), 10 de Maio de 2005.

MILTON SEBASTIÃO DE MELO
Prefeito Municipal

Registrado e Publicado nesta Secretaria, na mesma data.

EDERSON LUIZ BASTIANI
Secretário de Administração e Finanças



ANEXO C – OFÍCIO 304 DE 2015



Estado de Santa Catarina

MUNICÍPIO DE LEBON RÉGIS

Ofício GPLL 304/2015

Lebon Régis, 10 de novembro de 2015.

Prezado Senhor:

Com os nossos cordiais cumprimentos vimos por meio deste colocar a disposição da Rede Estadual de Ensino os alunos de 6º a 9º ano para o ano letivo de 2.016.

Outrossim, os alunos da Rede Municipal que residem no entorno da Escola Estadual 30 de Outubro, inclusive os Alunos da Escola Municipal Santa Isabel, serão matriculados para o ano letivo de 2.016, nesta Escola, compreendendo todo o ensino fundamental (1º ao 9º ano).

▶ A decisão tomada pelo Município é motivada principalmente pelo encerramento do Convênio firmado entre o Estado e o Município, o que acontecerá em 30 de dezembro de 2.016, fechando desta forma o primeiro ciclo do Ensino fundamental, compreendendo até o 5º ano.

▶ Também esta decisão ocorre, em razão de que os recursos financeiros do Município não comportam a continuidade do convênio após a data acima citada.

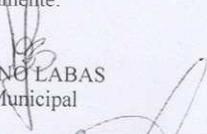
▶ Ressaltamos ainda, que o Município, não dispõe de quadro de pessoal e espaço físico para abrigar os alunos do 6º ao 9º ano.

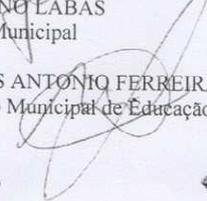
Relacionamos abaixo as Escolas Municipais, que irão transferir alunos do 6º ao 9º ano, para as Escolas Estaduais no ano de 2.016:

- 01 – ESCOLA MUNICIPAL N.S. DE LOURDES
- 02 - ESCOLA MUNICIPAL NUCLEO RIO DOCE
- 03 – ESCOLA MUNICIPAL SANTA CATARINA
- 04 – ESCOLA MUNICIPAL RIO DO MEIO

Sendo o que se apresenta para o momento, solicitamos que sejam tomadas as providências necessárias para a concretização do assunto.

Atenciosamente:


LUDOVINO LABAS
Prefeito Municipal


MARCOS ANTONIO FERREIRA
Secretário Municipal de Educação.

Exmo. Sr.
EDUARDO DESCHAMPS
Secretário de Estado de Educação
FLORIANÓPOLIS – SC.

DE Acordo
Em 10/11/2015
Lina A Rocha
SEC. Regional
SECRETARIA
DE EDUCAÇÃO
CNPJ: 13.074.310/0001-88
Florianópolis - SC
Fones: (48) 3247-0188

PREFEITURA MUNICIPAL



ANEXO D – TOTAL DE ALUNOS DO ANO LETIVO DE 2015


ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO - CAÇADOR
EEB FREI CANECA - 75949

02/05/2018 07:27
1 de 2
SISGESC

Situação da Unidade Escolar - Total de Alunos

Curso/Matriz	Turno	Semestre	Área	Etapa	Turma	Amb	m²	Qt Alunos
47 ENSINO MÉDIO INOVADOR								
9100	INTEGRAL	Anual	3	2	1	4	48.00	25
2550	INTEGRAL	Anual	3	3	1	19	56.00	5
								30
56 ATIVIDADES CULTURA E ESPORTE								
2351	INTEGRAL	Anual	40	2	1	37	46.00	1
2351	INTEGRAL	Anual	40	3	1	28	46.00	1
								2
95 PROGRAMA ESTADUAL NOVAS OPORTUNIDADES DE APREND.								
2422	MATUTINO	Anual	30	1	1	17	17.50	11
2493	VESPERTINO	Anual	40	1	1	12	48.00	12
								23
150 ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS								
1180	MATUTINO	Anual	1	5	1	1	48.00	25
1180	VESPERTINO	Anual	1	5	2	1	48.00	28
1180	VESPERTINO	Anual	1	5	3	2	48.00	24
								77
151 ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS								
7251	INTEGRAL	Anual	30	1	1	33	28.00	96
1181	MATUTINO	Anual	2	6	1	2	48.00	23
1181	MATUTINO	Anual	2	7	1	5	40.00	31
1181	MATUTINO	Anual	2	8	1	9	48.00	29
1181	MATUTINO	Anual	2	9	1	6	40.00	33
1181	VESPERTINO	Anual	2	6	2	3	48.00	19
1181	VESPERTINO	Anual	2	6	3	16	26.40	18
1181	VESPERTINO	Anual	2	7	2	5	40.00	23
1181	VESPERTINO	Anual	2	7	3	8	48.00	27
1181	VESPERTINO	Anual	2	8	2	7	48.00	25
1181	VESPERTINO	Anual	2	8	3	17	17.50	23
1181	VESPERTINO	Anual	2	9	2	9	48.00	29
								376
310 ENSINO MÉDIO INTEGRAL								
7751	INTEGRAL	Anual	40	2	1	33	28.00	4
7751	INTEGRAL	Anual	40	3	1	29	46.00	5

MATUTINO 116 + VESPERTINO 164 = 280

ANEXO E – TOTAL DE ALUNOS DO ANO LETIVO DE 2016

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO - CAÇADOR
EEB FREI CANECA - 75949

02/05/2018 07:31
1 de 2
SIGGESC

Situação da Unidade Escolar - Total de Alunos

Curso/Matriz	Turno	Semestre	Área	Etapa	Turma	Amb	m ²	Qt Alunos
47 ENSINO MÉDIO INOVADOR								
9100	INTEGRAL	Anual	3	3	1	6	40.00	16
56 ATIVIDADES CULTURA E ESPORTE								
2351	INTEGRAL	Anual	40	3	1	36	46.00	1
95 PROGRAMA ESTADUAL NOVAS OPORTUNIDADES DE APREND.								
2422	MATUTINO	Anual	30	1	1	24	16.00	17
2422	VESPERTINO	Anual	30	1	2	24	16.00	13
151 ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS								
7320	MATUTINO	Anual	30	1	1	36	46.00	80
1181	MATUTINO	Anual	2	6	1	18	48.00	26
1181	MATUTINO	Anual	2	6	2	2	48.00	22
1181	MATUTINO	Anual	2	7	1	3	48.00	29
1181	MATUTINO	Anual	2	7	2	4	48.00	31
1181	MATUTINO	Anual	2	8	1	9	48.00	27
1181	MATUTINO	Anual	2	8	2	8	48.00	21
1181	MATUTINO	Anual	2	8	3	16	26.40	20
1181	MATUTINO	Anual	2	9	1	11	48.00	28
7245	NOTURNO	Anual	2	9	2	12	48.00	28
7244	VESPERTINO	Anual	30	1	3	26	48.00	1
7320	VESPERTINO	Anual	30	1	2	26	48.00	1
1181	VESPERTINO	Anual	30	1	2	34	46.00	10
1181	VESPERTINO	Anual	2	6	3	2	48.00	26
1181	VESPERTINO	Anual	2	6	4	1	48.00	26
1181	VESPERTINO	Anual	2	6	5	3	48.00	24
1181	VESPERTINO	Anual	2	7	3	4	48.00	26
1181	VESPERTINO	Anual	2	7	4	9	48.00	26
1181	VESPERTINO	Anual	2	8	4	11	48.00	24
1181	VESPERTINO	Anual	2	8	5	12	48.00	28
1181	VESPERTINO	Anual	2	9	3	13	48.00	16
1181	VESPERTINO	Anual	2	9	4	14	48.00	17
310 ENSINO MÉDIO INTEGRAL								
7752	INTEGRAL	Anual	40	3	1	33	28.00	1

MATUTINO 232 + VESPERTINO 213 = 445

ANEXO F – PORCENTAGEM DE REPROVAÇÃO 2015

SISGESC - Sistema de Gestão Educacional de Santa Catarina

NARDI Último Acesso: 04/05/2018 13:50:44 Perfil: AE-75949 Ano: 2015

[Sair](#)

Total e Relação de Alunos por Situação

Unidade escolar				Matriz - Curso			
75949-EEB FREI CANECA				1181-ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS			
Turno				Etapa		Turma	Período
[(Nenhum)]				[(Nenhum)]		0	Todos
Situação				Total: 26 - Aluno(a)(s)			
				<input type="button" value="Impressão"/>		<input type="button" value="Limpar Campos"/>	

Matriz	Curso	Turno	Etapa	Turma	Período	Matricula	Nome	Saída
1181	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	M	6 - ANO	1	Anual	700269584	MONALIZA PACINI	//
1181	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	M	6 - ANO	1	Anual	1000189993	BRENDA GIOVANNA DE OLIVEIRA MAIA	//
1181	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	M	6 - ANO	1	Anual	1000432960	CAROLINA DE CASSIA SCHIMITH MOREIRA	//
1181	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	M	6 - ANO	1	Anual	4500357040	WESLEY MOREIRA DE GOIS	//
1181	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	M	7 - ANO	1	Anual	503031569	GABRIELA APARECIDA MARCELINO	//
1181	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	M	7 - ANO	1	Anual	600335704	INDIANARA CARDOSO DOS SANTOS SIQUEIRA	//
1181	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	M	7 - ANO	1	Anual	700847383	FELIPE DE GODOY	//
1181	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	M	7 - ANO	1	Anual	701778598	ALFREDO ALTINO DE FRANCA NETO	//
1181	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	M	8 - ANO	1	Anual	4540556745	JOAO VITOR FLOPAS TEIXEIRA	//
1181	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	M	9 - ANO	1	Anual	4542570486	RENNAN DE OLIVEIRA	//
1181	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	V	6 - ANO	2	Anual	701778628	ADEIRDO SCHEFFMACHER JUNIOR	//
1181	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	V	6 - ANO	2	Anual	900081376	TONIEL GUSTAVO MEIRELES	//
1181	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	V	6 - ANO	2	Anual	4540069879	RAFAEL THIBES CARLIN FLORIANO	//

ANEXO G – PORCENTAGEM DE REPROVAÇÃO NO ANO DE 2016

SISGESC - Sistema de Gestão Educacional de Santa Catarina

25 - DAINARA ZANARDI Último Acesso: 03/05/2018 19:50:29 Perfil: AE-75949 Ano: 2016 [Sair](#)

Total e Relação de Alunos por Situação

Unidade escolar: 75949-EEB FREI CANECA Matriz - Curso: 1181-ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

Turno: (Nenhum) Etapa: (Nenhum) Turma: 0 Período: Todos

Situação: Reprovado(a) Total: **54** - Aluno(a)(s)

Matriz	Curso	Turno	Etapa	Turma	Período	Matricula	Nome	Saída
1181	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	V	8 - ANO	5	Anual	1100149136	GILMAR PRESTES DE OLIVEIRA	20/12/2016
1181	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	V	8 - ANO	5	Anual	4543600362	LAIS GOIS MARCILIO	//

ANEXO H – RELAÇÃO DE ALUNOS DO PENOA NO ANO DE 2015

PENOA 2015

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO
EEB FREI CANECA - 75949

02/05/18 19:32:29
SISGESC

Relação de Alunos(as)

Matriz/Curso		2422-PROGRAMA ESTADUAL NOVAS OPORTUNIDADES DE APREND.		Turno	SÉRIE	Turma Anual	Sala	
Nº	Aluno(a)	Sexo	Data Nasc.	MATUTINO	1	1 Regular	17	07:45 as 11:45
						Identidade	Matricula em	CPF
1	700847634 ALISSON FERNANDES FURTADO						30/01/2015	
2	4540084185 DOUGLAS VIEIRA FERREIRA	Mas	08/03/2001				30/01/2015	125.928.679-70
3	4541419571 ELIAS GOIS DE SOUZA	Mas	31/05/2003				30/01/2015	
4	4541602180 ERICA APARECIDA PRESTES NUNES	Mas	19/01/1999				30/01/2015	
5	4501285477 EVANDRO GARIPUNA	Fem	07/03/2000				30/01/2015	
6	700828761 LUCAS ALVES DE MELO	Mas	28/12/2002				30/01/2015	
7	4500338208 MAILON JUNIOR DA SILVA	Mas	05/05/2001				30/01/2015	
8	402986563 MATEUS HENRIQUE DE QUADRAS	Mas	03/09/2001		7171035		30/01/2015	
9	800914180 SAMUEL FURTADO GRANEMANN	Mas	23/07/2000				30/01/2015	
10	800826876 TAIS SELINKA ALVES DOS SANTOS	Mas	22/12/2001				30/01/2015	114.585.409-52
11	800914279 WILHAN SANTOS DA SILVA	Fem	10/05/2001				30/01/2015	
		Mas	17/09/2001		7552548		30/01/2015	122.291.739-44

PENOA 2015

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO
EEB FREI CANECA - 75949

02/05/18 19:34:03
SISGESC

Relação de Alunos(as)

Matriz/Curso		2493-PROGRAMA ESTADUAL NOVAS OPORTUNIDADES DE APREND.		Turno	SÉRIE	Turma Anual	Sala	
Nº	Aluno(a)	Sexo	Data Nasc.	VESPERTINO	1	1 Regular	12	13:10 as 17:10
						Identidade	Matricula em	CPF
1	4542558729 ADILSON DA ROSA						05/08/2014	118.844.419-04
2	4542341932 AMANDA TAYNA BECHER DE SOUZA	Mas	20/06/1999		6466737		05/05/2015	
3	4542341967 ANDREI LUCAS GRANEMANN	Fem	22/08/1999				05/08/2014	
4	504165976 ANDREINA RISSO	Mas	14/02/2000		7110633		05/08/2014	
5	4542342122 CALIANE DA ROCHA SOUZA	Fem	15/02/2000		6466742		21/08/2015	111.921.619-20
6	4542342041 DANIEL MEDEIROS DOS SANTOS	Fem	14/02/2000				05/05/2015	
7	600336736 EDUARDA DE CASSIA PEREIRA GOMES	Mas	20/02/1999				05/08/2014	
8	4542342009 EMANUEL NOVAES RIBEIRO	Fem	29/12/1999		CN-8070		05/05/2015	102.882.349-52
9	4542341916 PAOLA FERMINO DOS SANTOS	Mas	12/09/2000		7353747		05/08/2014	116.717.919-67
10	4542658383 ROBSON REIS PIRES	Fem	31/08/1999				05/05/2015	
11	503030449 TATIANE ALVES DE LIMA	Mas	25/08/1999				05/05/2015	
12	301503460 TAYNARA DA SILVA MOREIRA	Fem	06/07/1999				05/05/2015	
		Fem	26/06/1998		6466747		06/07/2015	133.162.029-51

Fonte: <http://matricula.educacenso.inep.gov.br/> pesquisado em 01/05/2018

ANEXO I - RELAÇÃO DE ALUNOS DO PENOA NO ANO DE 2016

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO
EEB FREI CANECA - 75949

02/05/18 19:35:32
SIGGESC

Relação de Alunos(as)

Matriz/Curso	Turno	SÉRIE	Turma Anual	Sala
2422-PROGRAMA ESTADUAL NOVAS OPORTUNIDADES DE APREND.	MATUTINO	1	1 Regular	24 07:45 as 11:45
Nº Aluno(a)	Sexo	Data Nasc.	Identidade	Matricula em CPF
1 701778628 ADEIRDO SCHEFFMACHER JUNIOR	Mas	31/10/2002		01/04/2016
2 4543514938 ALISSON HENRIQUE MOREIRA	Mas	22/03/2005	140185680	01/04/2016 12504855923
3 4540530800 BRENDA LOPES CAMARGO	Fem	26/11/2004	6736321	01/04/2016 085.366.799-30
4 4540203850 BRUNA MICKÉ	Fem	08/06/2004		01/04/2016
5 703017780 CARLOS EDUARDO OLIVEIRA DOS SANTOS	Mas	19/09/2002	7487592	01/04/2016 120.512.159-52
6 1000432960 CAROLINA DE CASSIA SCHMITH MOREIRA	Fem	18/03/2003		01/04/2016
7 4541946156 CAROLINE VIEIRA	Fem	13/05/2004		09/11/2016
8 4541742739 ELIAS FERREIRA HILLA	Mas	29/11/2002	6.405.805	01/04/2016 088.362.579-25
9 4543546082 ELISANGELA DOS SANTOS LIMA	Fem	27/12/2001	7527336	01/04/2016 121.638.549-14
10 201472260 EZEQUIEL CORREIA DA SILVA	Mas	17/12/1996	6179610	01/04/2016
11 4540525114 FELIPE MAEBERG FERNANDES	Mas	22/08/2004		23/06/2016
12 4543595681 JUSTINA AMARO MAEBERG	Fem	26/09/2003	7000397	01/04/2016 106.371.239-48
13 4542946659 KAUAN VENICIUS SOARES	Mas	15/07/2005		01/04/2016 077.926.959-48
14 4543465155 KEWIN ERICKSSON RISSO DE SOUZA	Mas	24/02/2005	7803712	23/06/2016 127.961.699-79
15 4543599160 PAULA CAETANO DA SILVA	Fem	02/04/2005		01/04/2016
16 1001250688 TIAGO ALVES	Mas	16/04/2004	7.055.110	18/08/2016 107.938.629-73
17 900081376 TONIEL GUSTAVO MEIRELES	Mas	05/02/2004		01/04/2016

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO
EEB FREI CANECA - 75949

02/05/18 19:35:32
SIGGESC

Relação de Alunos(as)

Matriz/Curso	Turno	SÉRIE	Turma Anual	Sala
2422-PROGRAMA ESTADUAL NOVAS OPORTUNIDADES DE APREND.	VESPERTINO	1	2 Regular	24 13:10 as 17:10
Nº Aluno(a)	Sexo	Data Nasc.	Identidade	Matricula em CPF
1 4543585452 ALESSANDRO FURTADO GOETTEN	Mas	20/04/2002		01/04/2016
2 4540253238 ANA PAULA APARECIDA ALVES	Fem	23/01/2004		01/04/2016
3 1000189993 BRENDA GIOVANNA DE OLIVEIRA MAIA	Fem	28/11/2003		01/04/2016
4 4543599321 CLARICE TIBES NEVES	Fem	19/10/2004		01/04/2016
5 4542282944 CLAYTON MEDEIROS DOS SANTOS	Mas	07/01/2004		01/04/2016
6 4543514199 JESSICA DIAS DE OLIVEIRA	Fem	15/11/2004		01/04/2016 108.634.799-44
7 4543586300 JESSICA DOS SANTOS CIMENELLO	Fem	29/09/2005		01/04/2016
8 1100070726 LAISA BENTO SELINKA	Fem	17/07/2003		01/04/2016
9 4543513290 MATEUS DE LIMA SELZLEIN	Mas	26/06/2004	7155591	01/04/2016 108.616.219-64
10 703089315 MICHAEL FERNANDO SILVA MOREIRA	Mas	30/08/2001	6.033.403	01/04/2016 114.598.489-42
11 4543794612 PATRICIA DOMINGUES DA SILVA	Fem	03/06/2005		01/04/2016
12 1001252591 VINICIUS ANTONIO MAITELLI	Mas	20/01/2005	7643527	01/04/2016 123.441.530-93
13 503534110 WESLEY MOREIRA DE OLIVEIRA	Mas	17/03/1999		01/04/2016

Fonte: <http://matricula.educacenso.inep.gov.br/> pesquisado em 01/05/2018

ANEXO J – ALUNOS MATRICULADOS NO AEE/2015


ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO
EEB FREI CANECA - 75949

02/05/18 21:33:59
SIGGESC

Relação de Alunos(as)

Matriz/Curso		Turno	SÉRIE	Turma Anual	Sala		
463-AEE 20		MATUTINO	1	2 Regular	20	07:30 as 11:30	
Nº	Aluno(a)	Sexo	Data Nasc.	Identidade	Matricula em	CPF	
1	700828591 ANTONIO ALVES NETO	Mas	31/03/2003	7.055.099	29/11/2016	107.938.899-01	
2	302167404 GESSICA PRESTES DE OLIVEIRA	Fem	20/02/1998		17/06/2016		
3	1100149136 GILMAR PRESTES DE OLIVEIRA	Fem	09/01/2001		17/06/2016		
4	503032948 JOSIELE PRESTES DE OLIVEIRA	Fem	18/12/1999		13/07/2016		


ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO
EEB FREI CANECA - 75949

02/05/18 21:33:33
SIGGESC

Relação de Alunos(as)

Matriz/Curso		Turno	SÉRIE	Turma Anual	Sala		
463-AEE 20		VESPERTINO	1	1 Regular	11	13:10 as 17:10	
Nº	Aluno(a)	Sexo	Data Nasc.	Identidade	Matricula em	CPF	
1	9900823643 ANDREIA DE MEDEIROS	Fem	16/11/1992		04/02/2015		
2	700828591 ANTONIO ALVES NETO	Mas	31/03/2003	7.055.099	05/02/2015	107.938.899-01	
3	500128448 CAMILA CARLIN WEBBER	Fem	27/04/1999		04/02/2015		
4	504162144 DOUGLAS MABA PRESTES	Mas	10/03/2000	6500914	21/02/2015	110.688.489-28	
5	4500337651 ELIAS MOREIRA	Mas	30/09/1998		25/02/2015		
6	1000194377 NATHAN RIBEIRO	Mas	23/08/2003	7495789	05/02/2015	084.725.189-65	
7	1001514057 TAINARA DA CRUZ CARNEIRO	Fem	19/02/2005		05/02/2015		
8	1100070211 THIAGO MELLO MEES	Mas	31/03/2005		05/02/2015		
9	600336212 WILLIAN MATHEUS MOREIRA MATOS	Mas	01/06/2000	6696913	20/02/2015	097.299.819-57	

ANEXO K – ALUNOS MATRICULADOS NO AEE/2016



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO
EEB FREI CANECA - 75949

02/05/18 21:35:28
SIGGESC

Relação de Alunos(as)

Matriz/Curso		Turma Anual	SALA	TURNO		SÉRIE	Turma Anual	SALA
2947-AEE 20				MATUTINO				
Nº	Aluno(a)	Sexo	Data Nasc.	Identidade	Matricula em	CPF		
1	800914171	ELIEZER RUAN PEREIRA	Mas	11/03/2001	7076835	16/07/2017	108.132.449-00	
2	4543564609	FABIO JUNIOR RODRIGUES	Mas	09/06/2004	7208960	16/07/2017	112.306.569-10	
3	4542749109	GIOVANNI DE SOUZA PEREIRA	Mas	20/02/2004		16/07/2017		
4	503032948	JOSIELE PRESTES DE OLIVEIRA	Fem	18/12/1999		06/04/2017		
5	4543600362	LAIS GOIS MARCILIO	Fem	26/01/2002		16/07/2017		
6	800913779	LUCAS ALVES DE OLIVEIRA SOUZA	Mas	23/03/2001		16/07/2017		
7	4542341916	PAOLA FERMINO DOS SANTOS	Fem	31/08/1999		16/07/2017		
8	1100149179	SILMARA PRESTES DE OLIVEIRA	Fem	27/05/2004		01/04/2017		



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO
EEB FREI CANECA - 75949

02/05/18 21:35:28
SIGGESC

Relação de Alunos(as)

Matriz/Curso		Turma Anual	SALA	TURNO		SÉRIE	Turma Anual	SALA
2947-AEE 20				VESPERTINO				
Nº	Aluno(a)	Sexo	Data Nasc.	Identidade	Matricula em	CPF		
1	4543532022	ALISSON MULLER SOARES DOS SANTOS	Mas	21/10/2003		02/05/2017		
2	302167404	GESSICA PRESTES DE OLIVEIRA	Fem	20/02/1998		03/09/2017		
3	4542297259	HELLEN DE SOUZA BISSANI	Fem	02/11/2001		16/07/2017		
4	1100070726	LAISSA BENTO SELINKA	Fem	17/07/2003		16/07/2017		
5	4542282839	MAIKI TALE RISSO	Mas	10/08/2003		16/07/2017		
6	4543779362	MOISES CRACO	Mas	27/08/2003		13/08/2017		
7	1000194377	NATHAN RIBEIRO	Mas	23/08/2003	7495789	13/08/2017	084.725.189-65	
8	4542569550	STEFANY BORGES	Fem	24/06/2005		07/11/2017		
9	1001514057	TAINARA DA CRUZ CARNEIRO	Fem	19/02/2005		03/09/2017		
10	1100070211	THIAGO MELLO MEES	Mas	31/03/2005		03/09/2017		
11	501087966	WELLINGTON AVILA DA SILVA	Mas	10/03/2000	7107002	07/11/2017	109.474.899-40	
12	600336212	WILLIAN MATHEUS MOREIRA MATOS	Mas	01/06/2000	6696913	03/09/2017	097.299.819-57	

